

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**DIFERENÇAS DESCRITIVAS DO MOVIMENTO-*Wh* INTERROGATIVO
NAS FASES DA TEORIA DA GRAMÁTICA**

Emiliana Raymundo

Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños
Orientadora

Data da Defesa: 13/01/09

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre
2008

EMILIANA RAYMUNDO

**DIFERENÇAS DESCRITIVAS DO MOVIMENTO-*Wh* INTERROGATIVO
NAS FASES DA TEORIA DA GRAMÁTICA**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras da Universidade
Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul

Orientadora: Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños

Porto Alegre
2008

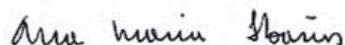
EMILIANA RAYMUNDO

DIFERENÇAS DESCRITIVAS DO MOVIMENTO-*WH* INTERROGATIVO NAS FASES DA TEORIA DA GRAMÁTICA

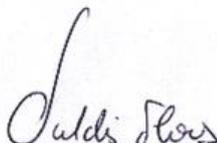
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 13 de janeiro de 2009

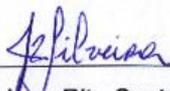
BANCA EXAMINADORA:



Profª. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños - PUCRS



Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores - UFRGS



Profª. Dr. Jane Rita Caetano da Silveira - PUCRS

*Dedico esta dissertação à minha mãe,
Maria Claci Wolf;
mulher guerreira, modelo irretocável de
força, integridade e caráter.
Mãe, obrigada pelo teu constante apoio e
inabalável crença em mim.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste curso de Mestrado é, para mim, uma meta alcançada não somente na esfera acadêmico-profissional, mas principalmente pessoal. Sou grata por ter podido contar com o apoio de pessoas muito especiais, que foram generosas ao ponto de dividirem comigo o que possuem de melhor: o seu conhecimento, o seu carinho, a sua paciência.

Meus agradecimentos são sinceros e não obedecem a nenhuma ordem pois, para mim, todas as partes envolvidas na realização deste projeto são igualmente essenciais e merecedoras de honra.

Agradeço a esta honrosa Instituição de ensino e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por terem me dado a oportunidade de concretizar minha meta, aprovando-me para o curso e concedendo-me uma bolsa de auxílio financeiro que custeou e possibilitou meus estudos.

Agradeço ao grupo de professores e funcionários desta Instituição pelo constante apoio e esforço junto a todo o grupo discente. Solícitos e sempre preocupados em manter o mais alto nível de competência e prontidão para o nosso benefício e crescimento, foram fundamentais para a realização deste curso.

Agradeço à minha família e aos meus amigos, pela força que sempre me transmitiram, mesmo à distância. Agradeço também pela paciência com as minhas freqüentes ausências de nosso convívio e, principalmente, pela crença que sempre tiveram na minha capacidade como estudiosa e pesquisadora.

Agradeço, em especial, à Prof. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños pela sua orientação, suas dicas, suas críticas e por me apresentar ao fascinante universo dos estudos sintáticos. Obrigada, Ana, por nem sempre teres me dado respostas, mas por sempre teres me incentivado a fazer novas perguntas.

Agradeço, finalmente, a todos aqueles que se dedicarem a ler o presente estudo. Espero que ele possa contribuir, de alguma forma, para com todos os que se interessam, como eu, pela mente humana e pela linguagem em sua forma mais genial – a sintaxe.

“It is important to learn to be surprised by simple things – for example, by the fact that bodies fall down, not up, and that they fall at a certain rate; that if pushed, they move on a flat surface in a straight line, not a circle; and so on. The beginning of science is the recognition that the simplest phenomena of ordinary life raise quite serious problems: Why are they as they are, instead of some different way?”

A. N. Chomsky

É importante aprender a se surpreender pelas coisas simples – por exemplo, pelo fato de que os corpos caem para baixo e não para cima, e que eles caem de uma determinada forma; que, se empurrados, eles se movem numa superfície plana em linha reta, e não de forma circular; e assim por diante. O início da ciência é o reconhecimento de que os fenômenos mais simples da vida cotidiana levantam questionamentos efetivamente sérios: Por que eles são do jeito que são, ao invés de algum outro jeito?

A. N. Chomsky

RESUMO

Com o presente trabalho desejamos realizar um estudo de caráter histórico-teórico da problemática do Movimento-*Wh* em frases interrogativas, durante as diferentes fases evolutivas da Teoria da Gramática (TG), de 1957 até a atualidade. Discutimos as três fases principais da TG, a saber: a Gramática Gerativo-Transformacional, o Programa de Princípios e Parâmetros e o Programa Minimalista. Consideramos que o Movimento-*Wh* Interrogativo nas línguas sempre constituiu um fenômeno merecedor de tratamento investigativo especial, exigindo descrições e explicações minuciosas. Tais exigências acabaram por provocar, mesmo que indiretamente, alterações no arcabouço teórico da TG, impulsionando os importantes processos evolutivos pelos quais a teoria passou ao longo das décadas. Procuramos desenhar um panorama histórico-teórico das fases da TG em relação às soluções encontradas por cada uma delas para descrever e explicar tal fenômeno lingüístico. Ilustramos a ocorrência do Movimento-*Wh* com exemplos em diversas línguas, especialmente em português brasileiro e inglês. A partir da compilação realizada, acreditamos ter condições de compreender a evolução da TG na tentativa constante de melhor explicar e descrever o Movimento-*Wh*, destacando os detalhamentos e aspectos relevantes concernentes a tal fenômeno sintático presente nas mais diversas línguas.

Palavras-chave: Teoria da Gramática, Gramática Gerativo-Transformacional, Programa de Princípios e Parâmetros, Programa Minimalista, Movimento-*Wh* Interrogativo.

ABSTRACT

The present study aims at studying the Interrogative *Wh*-Movement within the different stages of development undergone by the Theory of Grammar (TG), from 1957 to the present, from both a historical and a theoretical perspective. We address the three main evolutionary phases of TG, namely: the Generative-Transformational Grammar, the Principles and Parameters Program and the Minimalist Program. We take it that Interrogative *Wh*-Movement has always been a linguistic phenomenon deserving of accurate investigative treatment, therefore requiring thorough descriptions and explanations. Such demands have fostered, even if indirectly, alterations in TG's theoretical framework, which has promoted the substantial changes the theory has suffered throughout its existence. We have sought to establish a historical and theoretical prospect of the main phases of TG as far as the solutions elicited by the theory in dealing with such linguistic aspect are concerned. We illustrate the occurrence of *Wh*-Movement with examples from a variety of languages, although we have focused on both Brazilian Portuguese and English. We believe the present study has enabled us to better understand both the Theory of Grammar itself and the effort this theory has made to successfully describe and explain *Wh*-Movement.

Keywords: Theory of Grammar, Transformational Grammar, Principles and Parameters Program, Minimalist Program, Interrogative *Wh*-Movement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estrutura da gramática – Modelo Clássico	32
Figura 2 – Estrutura da gramática – Teoria Padrão	43
Figura 3 – Estrutura da gramática – Teoria Padrão Estendida	56
Figura 4 – Estrutura da gramática – Teoria Padrão Estendida Ampliada.....	63
Figura 5 – Estrutura da gramática – Programa de Princípios e Parâmetros	79
Figura 6 – Estrutura da gramática – Programa Minimalista	118

LISTA DE ABREVIATURAS

Adj.	Adjetivo
AdjA; SAdj	Sintagma Adjetival (<i>Adjectival Phrase</i>)
Adv	Advérbio
AGR	Concordância (<i>Agreement</i>)
AdvP; SAdv	Sintagma Adverbial (<i>Adverbial Phrase</i>)
Comp	Complementizador (<i>Complementizer</i>)
<i>e</i>	vazio (<i>empty</i>)
ECP	Princípio da Categoria Vazia (<i>Empty Category Principle</i>)
GB	Regência e Ligação (<i>Government and Binding</i>)
GU	Gramática Universal
INFL	Flexão Verbal (<i>Inflectional</i>)
N	Nome (<i>Noun</i>)
NP; SN	Sintagma Nominal (<i>Noun Phrase</i>)
P	Preposição
PB	Português Brasileiro
PG	Programa Gerativista
PM	Programa Minimalista
P&P	Programa de Princípios e Parâmetros
PP; SP	Sintagma Preposicional (<i>Prepositional Phrase</i>)
S	Sentença
<i>t</i>	Vestígio (<i>trace</i>) ¹
T	Tempo Verbal (<i>Tense</i>)
TG	Teoria da Gramática
V	Verbo
VP; SV	Sintagma Verbal (<i>Verb Phrase</i>)
<i>Wh</i> words	Palavras Qu ²
*	indica agramaticalidade

¹ As siglas *t* e *v* são utilizadas indistintamente no presente trabalho.

² As siglas *QU* e *WH* são utilizadas indistintamente no presente trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TEORIA DA GRAMÁTICA – A TEORIA DO <i>MOVIMENTO</i>	18
3	TEORIA DA GRAMÁTICA – A FASE DA GRAMÁTICA GERATIVO- TRANSFORMACIONAL	31
3.1	O Modelo Clássico.....	31
3.1.2	O Movimento- <i>Wh</i> no Modelo Padrão	38
3.2	A Teoria Padrão	41
3.2.1	O Movimento- <i>Wh</i> na Teoria Padrão	48
3.3	A Teoria Padrão Estendida	53
3.3.1	O Movimento- <i>Wh</i> na Teoria Padrão Estendida	57
3.4	A Teoria Padrão Estendida Ampliada	62
3.4.1	O Movimento- <i>Wh</i> na Teoria Padrão Estendida Ampliada.....	67
4	TEORIA DA GRAMÁTICA – A FASE DO PROGRAMA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS	75
4.1	O Movimento- <i>Wh</i> no Programa de Princípios e Parâmetros	94
5	TEORIA DA GRAMÁTICA – A FASE DO PROGRAMA MINIMALISTA.....	115
5.1	O Movimento- <i>Wh</i> no Programa Minimalista.....	127
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS.....	140
	CURRICULUM VITAE.....	144

1 INTRODUÇÃO

Há tempos que os estudiosos da linguagem se debruçam sobre os mais diversos fenômenos em busca de explicações que lhes proporcionem maior entendimento a respeito da complexidade e dos detalhamentos inerentes à natureza da linguagem humana. Pensadores e lingüistas das mais diferentes vertentes teóricas vêm demonstrando que a linguagem constitui um importante objeto de estudo e interesse científico. Dentre os inúmeros aspectos lingüísticos passíveis de serem analisados no âmbito da sintaxe, selecionamos um que nos parece merecedor de destaque por, dentre outros motivos, constituir um aspecto relevante para o estudo da estrutura sintática das línguas naturais: o Movimento em frases do tipo interrogativas com a presença de um elemento-*Qu* ou elemento-*Wh* – o *Movimento-Wh*. Cook & Newson (1996) já haviam notado a importância do Movimento em frases interrogativas para a sustentação e até mesmo para a adequada ratificação de algumas regras estabelecidas pela Teoria da Gramática (TG) Chomskyana: “O movimento envolvido na formação de perguntas em inglês é o exemplo central de dependência estrutural utilizado nos textos de Chomsky.”³ (COOK & NEWSON, 1996, p.9)

A proposta do nosso estudo é, pois, realizar uma revisão de caráter histórico-teórico do Movimento-*Wh* em frases interrogativas, à luz dos preceitos cunhados pela teoria aqui assumida. Para tanto, levamos em consideração as diferentes fases pelas quais passou a Teoria da Gramática desde o seu formato primeiro, o Modelo Clássico (1957), até o seu estágio mais atual de desenvolvimento, o Programa Minimalista (1993). Observamos a problemática do Movimento-*Wh* nas línguas a partir do entendimento de que o mesmo sempre desempenhou papel de destaque por provocar o desencadeamento de mudanças profundas na teoria ao longo das décadas, haja visto que exigiu respostas e explicações cada vez mais complexas e detalhadas para a sua plena compreensão.

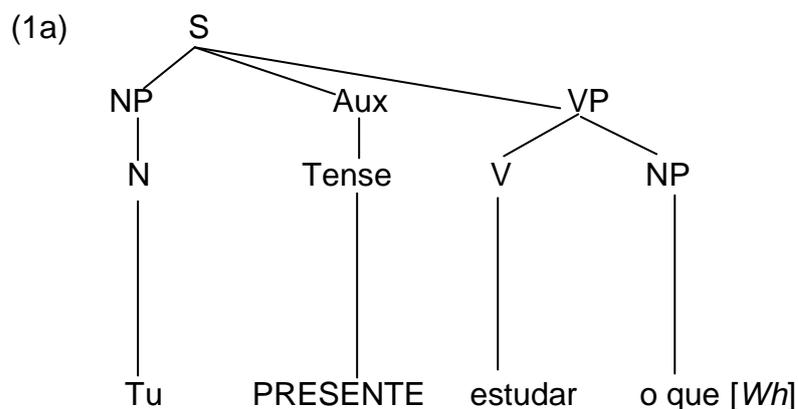
Desejamos, ao longo do nosso estudo, visitar a TG de forma a traçar um panorama evolutivo das alterações realizadas em relação ao tratamento do fenômeno sintático denominado Movimento-*Wh*.

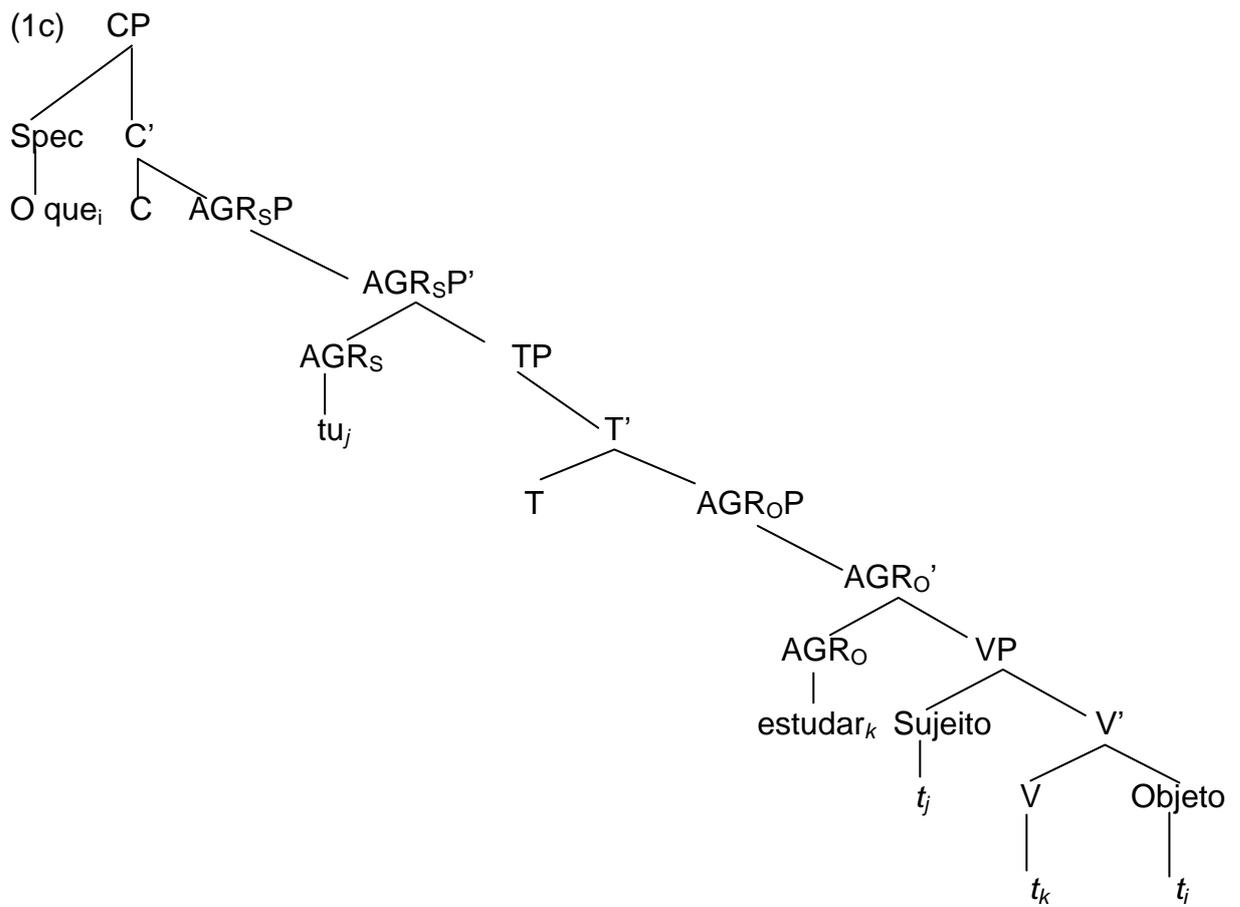
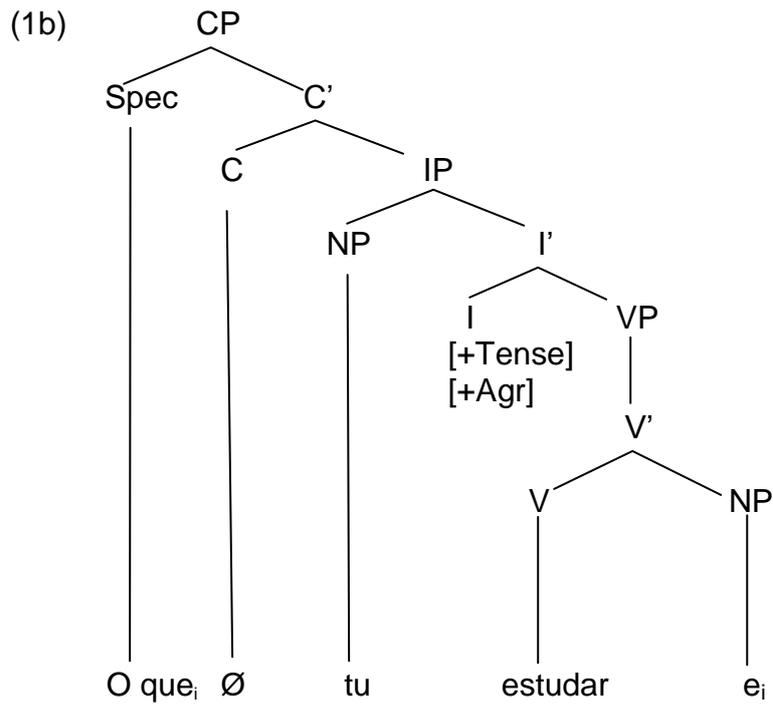
³ “The movement involved in the formation of English questions is the central example of structure-dependency used in Chomsky’s writings.” (COOK & NEWSON, 1996, p.9)

Ao buscarmos investigar a maneira como a teoria descreve e explica a construção de frases interrogativas com a presença de um elemento-*Wh*, acabamos por nos deparar com formatos e propostas diversas. A TG sofreu modificações na medida em que seus modelos teóricos se viam incapazes de descrever certos fenômenos sintáticos satisfatoriamente a partir do aparato teórico vigente, chegando quase ao ponto de se ver forçada a criar, para cada novo desafio, uma regra ou restrição nova. Tal procedimento gerou, em determinado momento, um aparato teórico excessivamente pesado. Intriga-nos, assim, as tantas alternativas diferentes encontradas por uma mesma teoria para descrever o Movimento-*Wh* ao longo das últimas décadas. Tomemos, para fins de exemplificação, uma interrogativa-*Wh* simples como (01):

(01) O que tu estudas?

Percebemos que a estrutura profunda de uma mesma construção sintática é representada arboreamente sob três prismas bastante diferentes entre si, apesar de seguirem, essencialmente, à mesma linha teórica. Observemos (1a), (1b) e (1c), considerando que, em (1a), temos a derivação transformacional conforme a Teoria Padrão (TP); em (1b), a representação sintática arbórea conforme o Programa de Princípios e Parâmetros (PPP) e, em (1c), a representação sintática da sentença conforme o Programa Minimalista (PM).





A representação arbórea seguinte (1b), por outro lado, reflete a metodologia adotada pela gramática durante o advento do PPP e da GB (Government and Binding Theory – Teoria da Regência e Ligação), em última análise. Observamos a adoção de categorias mais elaboradas e profundas, o que gera uma nova forma de representação e desmembramento dos elementos da sentença. Temos um CP como projeção máxima da sentença, que se desdobra em Spec e C'. O Spec abriga o elemento-*Wh* já movido para a periferia esquerda da sentença, porém coindexado à posição vazia (e_i) deixada no NP complemento do VP. O C' é formado por C e por IP. O C permanece vazio, pois o PB não se utiliza da regra de inserção de verbos auxiliares (diferentemente do inglês, por exemplo). O IP é formado por um NP e por I'. O NP representa o pronome-sujeito da sentença (tu); o I' se bifurca em I e VP. O I abriga os traços de Tense e Agr, ambos positivamente marcados, pois estamos representando um verbo transitivo (estudar). No VP está contido o V', dividido em V e NP, que se referem, simultaneamente, ao verbo da sentença em si e ao seu complemento que, neste caso, está vazio pois mostra que daquela posição argumental partiu o elemento-*Wh* interrogativo deslocado (O que). A adoção de categorias intermediárias (C', I', V') e a coindexação entre elementos movidos e seus locais de origem são novidades importantes apresentadas pelo PPP com a teoria da GB.

Já (1c) é uma proposta de representação arbórea proposta pelo PM, em que novas categorias representacionais são adotadas, com as novas noções de AGR_{SP} e AGR_{OP} . A sentença ainda está aglutinada no nóculo CP máximo, desmembrado em Spec e C'. O Spec ainda abriga o elemento-*Wh* movido (O que $_i$), que ainda se mantém coindexado ao Objeto do V' (t_i). O C' agora é formado por C e por AGR_{SP} , que é o nóculo responsável por representar o sujeito da sentença. Deste nó surge o AGR_{SP}' , que é formado por AGR_S e por TP. O AGR_S é, a grosso modo, o antigo NP, pois abriga o pronome sujeito (tu_j). O TP é o Tense Phrase, que reflete os traços verbais, gerando T', do qual surgem T e AGR_{OP} . De AGR_{OP} derivamos AGR_{O}' , que gera AGR_O e VP. AGR_O concentra o verbo em sua forma infinitiva, sem os efeitos de TP, coindexado ao V final (estudar $_k$). O VP apresenta o nó mais baixo "Sujeito", que está vazio (t_j) e ao qual se liga o AGR_S (tu_j). Finalmente, o nó V' é composto por V, também vazio (t_k) e coindexado à AGR_O (estudar $_k$), e por Objeto (t_i), de onde partiu o elemento-*Wh* interrogativo da sentença.

O corpo teórico do nosso estudo encontra-se dividido em quatro partes principais. A cada uma das três grandes fases pelas quais passou a Teoria da Gramática desde o seu surgimento foi destinado um capítulo, contemplando as três fases históricas de que se compõe a TG: Gramática Gerativo-Transformacional, Programa de Princípios e Parâmetros e Programa Minimalista. Somado a eles, dedicamos um capítulo introdutório em que realizamos uma revisão bastante ampla da TG, buscando enaltecer os aspectos basilares da teoria, explicitando noções e conceitos primordiais como *gramática*, *Gramática Universal*, *competência* e *performance*, *linguagem-I* e *linguagem-E*, dentre outros. Tal abordagem se mostra necessária para a compreensão da proposta teórica como um todo e, por conseqüência, de cada uma das suas fases separadamente. Tratamos também da questão do *Movimento*, ainda que de forma introdutória e sucinta nesse primeiro momento. Feitas as considerações introdutórias acerca da teoria, revisitamos a TG do ponto de vista não somente metodológico, mas também histórico: partimos da data que marca o seu surgimento no cenário dos estudos lingüísticos (1957), período em que a teoria é denominada Modelo Clássico. Seguimos, então, para o período subsequente, em que a TG é denominada Teoria Padrão (1965). Posteriormente, tratamos dos desdobramentos da Teoria Padrão na Teoria Padrão Estendida (1973) e, encerrando a fase da Gramática Gerativo-Transformacional, Teoria Padrão Estendida Ampliada (1976). Avaliamos as contribuições efetuadas pelo pensamento de cada época, salientando as idéias principais de cada modelo teórico e buscando compreender a sua eventual (in)adequação descritiva e/ou explicativa para determinados fatos lingüísticos, em especial o Movimento-*Wh*, que é tratado separadamente em cada subseção.

Concluída a primeira fase, procuramos nos deter especificamente na proposta apresentada pelo Programa de Princípios e Parâmetros (1981), que sugere um novo e mais detalhado olhar teórico, uma vez que é introduzida a Teoria da Regência e Ligação (GB – *Government and Binding Theory*), modelo mais amplamente divulgado no âmbito dos estudos sintáticos modernos, aceito e até hoje seguido por inúmeros estudiosos da sintaxe. Ali, observamos como o Movimento-*Wh* passa a ser descrito pela teoria no que pode ser considerada a sua fase mais impactante, uma vez que o aparato teórico sofre uma verdadeira guinada metodológica, aperfeiçoando-se por um lado, porém abandonando diversas propostas já incorporadas à teoria oriundas dos modelos anteriores. Para tanto, perpassamos as

principais subteorias e modelos de que se serviu a GB, evoluindo da Teoria X-Barra para o Mova α , até chegarmos à Teoria do Movimento-*Wh* propriamente dita.

Finalmente, no último capítulo, tratamos da fase mais atual da TG, o Programa Minimalista (PM), considerando o formato desse programa e o seu funcionamento. Abordamos o Movimento-*Wh* a partir dos preceitos postulados pela estrutura gramatical significativamente simplificada do PM e pelo sistema computacional por ele adotado para a derivação sentencial.

Nossa retrospectiva histórica da TG ocorre de mãos dadas com a análise do Movimento-*Wh*, aspecto evidentemente privilegiado em toda a nossa discussão – essa estrutura sintática é, afinal, o ponto central de nossa investigação. Interessamos, em última análise, verificar as diferentes estratégias de que a TG se utiliza para descrever e explicar o Movimento-*Wh* nas línguas; além disso, desejamos compreender até que ponto e de que maneiras tal aspecto parece ser capaz de desencadear mudanças na própria teoria.

Tentamos, na medida do possível, ilustrar nossas discussões com exemplos oriundos de diferentes línguas naturais, observando como o Movimento-*Wh* se concretiza em línguas tão diferentes entre si quanto o chinês, o português e o inglês, por exemplo. Salientamos que todas as traduções, exceto aquelas provenientes de obras previamente traduzidas, são de inteira responsabilidade da autora do presente trabalho, bem como qualquer eventual equívoco.

2 TEORIA DA GRAMÁTICA – A TEORIA DO MOVIMENTO

Noam A. Chomsky é a figura central em torno de quem orbita a proposta teórica de maior impacto e relevância para a descrição e a solução de problemas do componente sintático da linguagem: a Teoria da Gramática⁴ (Gerativo-Transformacional). A abordagem gerativa para o estudo da linguagem é, ao mesmo tempo, criativa e audaciosa, pois não somente rejeita os paradigmas estruturalistas preconizados até então, como também apresenta idéias inovadoras e conceitos inéditos, ao sabor da revolução cognitiva pela qual atravessava o cenário acadêmico e científico mundial. Ao propôr a existência de uma Gramática Universal (GU) para solucionar questões relativas tanto ao aspecto criativo da linguagem, quanto àqueles pertinentes à intrigante questão da aquisição da linguagem pela criança, Chomsky estabelece um marco fundamental nos estudos da linguagem, elevando a Lingüística a um novo patamar científico.

Nos últimos vinte e cinco anos, tanto o escopo quanto o prestígio da lingüística autônoma aumentaram ainda mais a partir da compreensão do elo entre a estrutura da linguagem e a estrutura da mente. Noam Chomsky do Instituto de Tecnologia de Massachusetts desenvolveu a idéia de que todos os seres humanos são dotados de uma predisposição inata altamente estruturada para a linguagem; a gramática descrita pelo lingüista está, assim, 'na cabeça' do falante.⁵ (NEWMAYER, 1986, p.7)

Na mesma medida em que são impactantes e revolucionárias, as idéias de Chomsky vêm sendo, desde o seu surgimento no cenário acadêmico norte-americano, severamente criticadas e constantemente postas à prova por lingüistas e estudiosos de áreas ligadas à lingüística seguidores de outras vertentes filosóficas. Newmeyer novamente salienta a importância do trabalho de Chomsky:

A influência de Chomsky é enorme, mas influência não traz, necessariamente, concordância. [...] se Chomsky é o especialista mais seguido no seu campo, ele é também o mais atacado. Os

⁴ Também denominada Programa Gerativista. (Observação nossa)

⁵ "In the past quarter century, both the scope and prestige of autonomous linguistics have increased even more as we have come to understand the connection between the structure of language and the structure of mind. Noam Chomsky of the Massachusetts Institute of Technology has developed the position that all humans are endowed with an innate and highly structured predisposition toward language; the grammar described by the linguist is thus 'in the head' of the speaker." (NEWMAYER, 1986, p.7)

números precisos estão abertos à especulação, mas um fato é certo: suas idéias transformaram profundamente a lingüística. Nenhum estudioso da linguagem, de qualquer orientação, pode realizar uma pesquisa lingüística séria sem levá-las em consideração.⁶ (NEWMAYER, 1986, p.96-7)

A partir da sua inovadora proposta teórica, ele reformula conceitos sobre a linguagem e sobre o seu processo de aquisição pela criança, afirmando que a linguagem está, na verdade, mais essencialmente vinculada às ciências cognitivas do que às comportamentais, merecendo, portanto, um tratamento científico formal. É o que percebemos na declaração que o próprio autor dá a respeito do caráter de seu trabalho: “[...] se a lingüística pela qual me interesse sobreviver nos Estados Unidos, ela pode muito bem fazer parte de [programas de ciências cognitivas] ao invés de figurar em departamentos de lingüística.”⁷ (CHOMSKY, 1982, p.8; in: NEWMAYER, 1986, p.96).

No âmbito dos estudos lingüísticos, a Teoria da Gramática, também conhecida como Gramática Transformacional, Gramática Gerativa e Gramática Gerativo-Transformacional, se propõe a tratar os fatos lingüísticos de um ponto de vista formal, lidando com suas propriedades de forma precisa e explícita. A denominação *Gerativa* se deve ao fato de que torna explícito o sistema de regras obedecido por todas as sentenças (potencialmente infinitas em número e variações) possíveis de serem formadas nas mais diferentes línguas naturais. Ela investiga a linguagem a partir da premissa de que a mesma é uma propriedade essencialmente humana e que, portanto, se opõe a qualquer outro tipo de sistema de comunicação. Também se dedica a explicar a forma como a linguagem é adquirida, assumindo a existência de um aparato mental inato e universal entre todos os indivíduos da espécie. Finalmente, busca desvendar os aspectos essenciais partilhados por todas as línguas naturais. Percebemos, assim, que a TG diverge radicalmente de outras abordagens de caráter funcionalista ou comportamentalista que ditam a tradição dos estudos lingüísticos até o início dos anos 50.

⁶ “Chomsky’s influence is enormous, but influence does not necessarily bring agreement. [...] if Chomsky is the most followed scholar in the field, he is also the most attacked. The precise figures are open to speculation, but one fact is clear: his ideas have thoroughly transformed linguistics. No student of language, from whatever orientation, can undertake serious linguistic research without taking them into account.” (NEWMAYER, 1986, p.96-7)

⁷ “[...] if the kind of linguistics I am interested in survives in the United States, it may very likely be in [cognitive science programs] rather than in linguistics departments.” (CHOMSKY, 1982, p.8; in: NEWMAYER, 1986, p.96)

Newmeyer (1991) exalta o papel de destaque que o componente sintático desempenha no contexto teórico da Teoria da Gramática:

Enquanto a maior parte dos estruturalistas tendeu a ignorar a sintaxe, na visão Chomskyana da linguagem, as relações sintáticas são centrais. De fato, a gramática de uma língua é representada por um conjunto formal de regras que ‘geram’ (especificam explicitamente) as sentenças possíveis e as suas propriedades estruturais associadas. Assim, o termo ‘gramática gerativa’ é aplicado à teoria como um todo e seus seguidores são ‘gerativistas’.⁸ (NEWMAYER, 1986, p.67)

Os diversos aprimoramentos e desdobramentos da TG em subseqüentes teorias, subteorias e modelos teóricos dão corpo, portanto, à proposta de investigação lingüística estabelecida por Noam Chomsky. Tais modelos servem para explicitar a forma como o pensamento lingüístico evolui dentro da perspectiva da teoria, uma vez que, a cada nova fase, surgem aperfeiçoamentos em relação à descrição dos fenômenos sintáticos.

A nomenclatura das fases da Teoria da Gramática desde o seu surgimento corresponde, de certa forma, a publicações, tais como artigos, livros e até mesmo palestras proferidas por Chomsky. Cada um desses períodos pode ser caracterizado por certos conceitos que, não raro, são rejeitados ou amplamente modificados pela proposta teórica apresentada no modelo seguinte. Assim, o modelo original da TG é denominado *Estruturas Sintáticas (Syntactic Structures)* em virtude do livro publicado por Chomsky em 1957, apesar de alguns autores se referirem a tal fase como *Modelo Clássico*. Em meados da década de 60, Chomsky publica *Aspects of the Theory of Syntax*, o que acaba por nomear a fase seguinte da teoria, que passa a ser conhecida por *Aspects*, título eventualmente substituído por *Teoria Padrão (Standard Theory)*. No início dos anos 70, a teoria evolui para a fase denominada *Teoria Padrão Estendida (Extended Standard Theory)*, em seguida passando à *Teoria Padrão Estendida Ampliada (Revised Extended Standard Theory)*. Consideradas as mudanças de direcionamento sofridas pela teoria, é natural que esperemos alterações profundas de uma fase a outra, considerando-se que novas descobertas e ajustes são realizados continuamente. Entretanto, existem aspectos

⁸ “While most structuralists had tended to ignore syntax, in the Chomskyan view of language, syntactic relations are central. Indeed, the grammar of a language is represented by a formal set of rules that ‘generate’ (i.e. specify explicitly) the possible sentences and their associated structural properties. Hence the term ‘generative grammar’ is applied to the theory as a whole and its advocates are ‘generativists’.” (NEWMAYER, 1986, p.67)

que se mantêm praticamente inalterados durante todas as mudanças operadas na TG – aspectos tais como as noções de *Competência* e *Performance*, a hipótese inatista da linguagem, além da negação absoluta dos paradigmas comportamentalistas.

O desenvolvimento ocorreu em dois níveis. Num, há os conceitos gerais sobre a linguagem e a aquisição da linguagem, na qual a teoria se baseia. As origens de tais idéias como competência e desempenho, ou o inatismo lingüístico, além da rejeição de posicionamentos comportamentalistas em relação à linguagem [...] podem ser encontrados desde o final dos anos 50 e metade dos anos 60. Eles brotaram dessas sementes continuamente ao invés de terem sido substituídos ou abandonados. Nesse nível, então, a teoria da GU pode ser reconhecida em quaisquer de suas encarnações.⁹ (COOK & NEWSON, 1996, P.41)

Em relação à essência da proposta teórica apresentada pela TG, podemos afirmar que ela busca encontrar respostas para três questões basilares norteadoras dos estudos no âmbito da linguagem:

- (a) O que constitui o conhecimento lingüístico?
- (b) Como tal conhecimento é adquirido?
- (c) Como tal conhecimento é posto em prática?¹⁰

Dentre as três interrogações, lembramos que as duas primeiras recebem maior destaque na abordagem gerativista, considerando-se que a teoria privilegia, essencialmente, os aspectos relacionados à competência lingüística (de ordem formal e cognitiva), e não às nuances da performance do falante (que se encontram numa esfera fundamentalmente comunicativa e que estão sujeitas a toda a sorte de interferências externas e da ordem da subjetividade).

Em relação ao questionamento (a), parece-nos necessário estabelecer, primeiramente, o que se entende por conhecimento lingüístico. Há que se considerar que os seres humanos, salvo aqueles portadores de alguma deficiência física e/ou

⁹ “Development has taken place at two levels. On the one level there are the general concepts about language and language acquisition on which the theory is based. The origins of such ideas as competence and performance, or the innateness of language, and the rejection of behaviorist views of language [...] can be traced back to the late fifties or mid-sixties. They have grown from these original seeds continuously rather than being superseded or abandoned. On this level then the UG theory is recognizable in any of its incarnations.” (COOK & NEWSON, 1996, P.41)

¹⁰ “a. What constitutes knowledge of language?

b. How is such knowledge acquired?

c. How is such knowledge put to use?” (CHOMSKY; in: KASHER, 1991, p.6)

mental, vêm a tornar-se falantes proficientes de, pelo menos, uma língua natural, oralizada ou não. A produção de enunciados característicos da língua à qual o falante é exposto ocorre desde muito cedo (em torno dos dezoito meses de idade) e de forma essencialmente espontânea, inconsciente, sem a necessidade da aprendizagem de regras formais ou de correções explícitas dos enunciados eventualmente divergentes da forma-alvo produzidos pela criança. Aliada a essa aptidão natural para a linguagem, todos os falantes de uma língua desenvolvem certa intuição acerca dela; intuição essa que os permite avaliar a boa ou a má formação de sentenças em sua língua. Sendo que o termo *intuição lingüística* pode gerar controvérsias interpretativas, a proposta teórica aqui em discussão prefere adotar a dicotomia *competência e desempenho* (ou *performance*). Ela também se destaca dentre outros programas de investigação da linguagem por oferecer um aparato técnico-teórico complexo e minucioso destinado a abordar os mais variados aspectos sintáticos verificados nas gramáticas das línguas naturais. Conforme sintetiza Chomsky:

A concepção de gramática gerativa que se desenvolveu nos anos 50 e que crucialmente e corretamente distingue tais concepções¹¹, distinguindo diacrônico de sincrônico da maneira esclarecida na lingüística moderna, distinguindo desempenho de competência (no sentido de se possuir linguagem), e construindo o conhecimento lingüístico enquanto uma incorporação na mente/cérebro de um procedimento gerativo tomado no sentido abstrato.¹² (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.7)

As noções de competência e desempenho são essenciais para a compreensão e a aplicação da proposta investigativa da TG. A partir delas, passa-se a levar em conta tanto o “conhecimento que uma pessoa tem das regras de uma língua” (competência) quanto o “uso efetivo desta língua em situações reais” (desempenho). (WEEDWOOD, 2005, p. 133). É a competência (inconsciente) do falante que entra em jogo quando ele ativa as estruturas lingüísticas que o permitem decidir se uma dada sentença de sua língua é gramatical (bem formada) ou não, assim como é também graças à sua competência lingüística que ele tem condições

¹¹ As concepções a que Chomsky aqui se refere são relativas à distinção entre língua e linguagem. (Observação nossa)

¹² “The conception of generative grammar that developed in the 1950s and crucially, and properly, distinguishes these conceptions, distinguishing diachronic from synchronic in the manner clarified in modern linguistics, distinguishing performance from competence (in the sense of possession of knowledge), and constructing knowledge of language as incorporation in the mind/brain of a generative procedure taken in the abstract sense.” (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.7)

de produzir as sentenças que se concretizam em sua fala ou escrita. Para a TG, “o domínio da competência [...] é a gramática autônoma e nada mais.”¹³ (NEWMAYER, 1986, p.72). Por outro lado, é o desempenho do falante que permite a observação de sua competência, visto que o mesmo é o resultado – ou a concretização – de seu conhecimento lingüístico inconsciente e abstrato – sua competência lingüística, em última análise. Ressaltamos novamente que a TG privilegia os aspectos pertinentes à competência lingüística em detrimento de aspectos relativos ao desempenho individual do falante¹⁴.

A proposta Chomskyana também estabelece a noção de um *falante/ouvinte ideal* por concentrar-se na investigação da competência lingüística do indivíduo. Para a TG, a existência de um falante ideal diz respeito ao fato de o indivíduo se utilizar apenas de construções gramaticais de sua língua que não comportam variações e que são, via de regra, compartilhadas pela comunidade lingüística homogênea da qual ele faz parte.

Outros dois conceitos essenciais para a compreensão do corpo teórico da TG são as noções de *Linguagem-I* e *Linguagem-E*, sugeridas para desmanchar algumas confusões conceituais previamente criadas na própria teoria com a utilização de termos como *language*, *grammar* e *linguistic theory* (linguagem, gramática e teoria lingüística, respectivamente). (CHOSMKY; in KASHER, 1991, p.9). Por uma opção da teoria, *linguagem* era, inicialmente, indistintamente utilizada para se referir tanto ao “conjunto infinito de expressões”, quanto ao “procedimento gerativo internamente representado na mente/cérebro”. Fenômeno semelhante ocorre com o termo *gramática*, por se referir tanto ao “procedimento gerativo” quanto à “teoria do lingüista para tal sistema cognitivo”. Igualmente a denominação *teoria lingüística* é utilizada para fazer referência ao “estado inicial da faculdade da linguagem”, bem como à “teoria do lingüista desse componente inato do cérebro/mente”. (CHOSMKY; in KASHER, 1991, p.9).

Percebendo que a adoção do termo *gramática* incita mal-entendidos até mesmo dentre os lingüistas gerativos, Chomsky sugere essa nova distinção ao tomar, por *linguagem-I*, aquela que é, em essência, “‘internalizada’ (na mente/cérebro) e ‘intensional’ (uma caracterização específica, em intensão, de uma

¹³ “The domain of competence [for Chomsky] is the autonomous grammar itself and nothing more.” (NEWMAYER, 1986, p.72)

¹⁴ “We will simply say that generative grammar has been and continues to be primarily concerned with linguistic competence.” (COWPER, 1992, p.3)

certa função que enumera (gera) descrições estruturais).¹⁵ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9). A *linguagem-I* é interna à medida que se opõe ao caráter social e/ou comportamental da linguagem (é, pois, individual), e é intensional, pois possibilita o mapeamento das descrições estruturais para cada sentença gerada pela língua.

Por outro lado, com a *linguagem-E*, temos um entendimento da dimensão lingüística “‘externalizada’ e ‘extensional’”¹⁶ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9). Parece-nos importante ressaltar que a *linguagem-E* não dispõe de destacado *status* para o estudo lingüístico gerativo, uma vez que o seu entendimento é obscuro, pouco abstrato e controverso, não parecendo “desempenhar qualquer papel na teoria da linguagem”¹⁷ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9). Acerca da distinção entre *linguagem-I* e *linguagem-E*, ele ainda observa:

Há uma vasta literatura em diversas áreas tomando um posicionamento diferente a respeito desses assuntos, e suposições acerca da importância da linguagem-E têm exercido um impacto notável nos desenvolvimentos no estudo da linguagem nos últimos anos. Porém, creio que tudo isso esteja baseado em mal-entendidos, e que seria mais apropriado retornar à concepção original da gramática gerativa em que a linguagem-I é uma noção central, mas a linguagem-E, se é que ela de fato existe, é derivativa, remota de mecanismos, e de qualquer importância empírica particular, talvez nenhuma.¹⁸ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.10)

A partir dessa distinção conceitual de linguagem em seus níveis *I* e *E*, o termo *gramática* acaba por se restringir especificamente à teoria lingüística adotada pelo lingüista que toma como verdadeira a premissa da existência da *linguagem-I*, o que leva Chomsky a redimensionar o que a teoria entende por *conhecimento lingüístico*, afirmando que

Dizer que uma pessoa sabe uma língua não é o mesmo que dizer que a pessoa conhece um conjunto de expressões específico, ou um conjunto de pares de frase-significado levados em extensão; ao invés

¹⁵ “‘internalized’ (in the mind/brain) and ‘intensional’ (a specific characterization, in intension, of a certain function that enumerates (generates) structural descriptions).” (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9)

¹⁶ “‘externalized’ and ‘extensional’”. (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9)

¹⁷ “[...] to play no role in the theory of language” (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9)

¹⁸ “There is a substantial literature in several fields taking a different position on these matters, and assumptions about the significance of E-language have had a notable impact on developments in the study of language in recent years. But I think that all of this is based on misunderstanding, and that it would be proper to return to the original conception of generative grammar in which I-language is a central notion, but E-language, if it exists at all, is derivative, remote from mechanisms, and of no particular empirical significance, perhaps none at all.” (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.10)

disso, é dizer que uma pessoa sabe o que associa som e significado de uma maneira particular, o que os faz 'se unirem'.¹⁹ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9)

A TG também lida com conceitos como *gramaticalidade* e *agramaticalidade*, libertando-se dos rígidos paradigmas de correção (ou rejeição) pregados pela gramática normativa. Considera-se, aqui, que existem construções sintáticas aceitas pelo falante em função de sua competência lingüística, outras formações que não são aceitas sob hipótese alguma como construções possíveis de uma determinada língua, e ainda aquelas que apresentam um certo grau de aceitabilidade, apesar de serem percebidas com estranheza. A aceitabilidade das mais variadas possibilidades de arranjos sintáticos é, portanto, o que define a (a)gramaticalidade de uma sentença. O questionamento primordial reside, contudo, na descoberta da origem dessa capacidade que o falante/ouvinte possui de julgar a boa ou a má formação das infinitas possibilidades de construções sintáticas de sua língua. Lobato (1986) afirma que tal conhecimento gramatical não pode ser aprendido explicitamente, mas sim que o mesmo deva ser a manifestação de um conhecimento inato, sobre o qual atuam princípios universais integrantes da faculdade da linguagem humana:

A explicação não pode ser dada em termos de conhecimento adquirido (aprendizagem), uma vez que os falantes/ouvintes não recebem nenhum tipo de treinamento para bloqueá-la [...]. Se a explicação não pode ser dada em termos de aprendizagem, é lícito supor que o possa em termos de conhecimento inato: a formação dessa seqüência seria bloqueada pela aplicação de algum princípio geral pertencente à faculdade da linguagem. (LOBATO, 1986, p.39)

Ao assumirmos a existência de um órgão específico para o desenvolvimento da linguagem ou, em outras palavras, uma faculdade cognitiva para a linguagem, acabamos por nos aproximar da resposta para o questionamento (b). Para a TG, todos os seres humanos são biologicamente programados para adquirir e desenvolver a linguagem. Estabelecem-se, assim, três conceitos-chave para o desenvolvimento da teoria e que se mostram, de fato, amplamente intercambiáveis:

¹⁹ "To say that a person knows a language is not to say that the person knows a particular set of expressions, or a set of sentence-meaning pairs taken in extension; rather, it is to say that the person knows what associates sound and meaning in a particular way, what makes them 'hang together'." (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.9)

*faculdade da linguagem, Gramática Universal e Dispositivo para a Aquisição da Linguagem*²⁰. Nas palavras de Chomsky:

Ignorando diferenças individuais possíveis, acreditamos que todos os membros da espécie humana possuem uma certa estrutura cognitiva que chamamos 'faculdade da linguagem'. [...]. Pelas condições estabelecidas pela experiência, a mente se desenvolve de um dado estado inicial por sucessivos estados de conhecimento, acabando por alcançar um estado estável [...]. Podemos considerar a gramática do estado estável como o sistema de conhecimento da linguagem obtido. (CHOMSKY; in: HORNSTEIN & LIGHTFOOT, 1981, p.34).²¹

O aspecto essencialmente gerativo da proposta teórica em discussão diz respeito ao fato de um falante nativo de uma determinada língua ter um conhecimento internalizado que o permite compreender e produzir sentenças às quais jamais foi exposto; isso só pode ser explicado se levarmos em conta um fator que não se encontra no ambiente do *input* lingüístico (fragmentário, incompleto, inconsistente) ao qual o indivíduo é (ou foi) exposto. O fato de o ambiente lingüístico ser insuficientemente rico ou consistente como estímulo único para a aquisição da linguagem pelos indivíduos é o principal argumento para a defesa da crença dos teóricos e seguidores da TG em favor da existência de um componente de base interna ou biológica, específica unicamente à espécie humana, ou, conforme resume Cowper (1992, p.5): “o talento (ou aptidão) biológico para a linguagem”²².

Ele [o talento biológico para a linguagem] deve ser comum a todos os seres humanos, visto que todos os seres humanos (normais) são igualmente capazes de adquirir qualquer língua. Por esse motivo, ele também foi chamado de gramática universal, onde por gramática estamos nos referindo à competência lingüística.²³ (COWPER, 1992, p.5)

A Gramática Universal (GU) subjaz todo o processo de aquisição, desenvolvimento e aprimoramento da linguagem pelo qual passa o ser humano ao longo da vida. Graças à GU, o homem é dotado de uma predisposição natural ou

²⁰ *Language Faculty, Universal Grammar e Language Acquisition Device.*

²¹ “Abstracting away from possible individual differences, we assume that all members of the human species share a certain cognitive structure that we call ‘the language faculty’. [...] Under the conditions set by experience, the mind develops from the given initial state through a succession of states of knowledge, reaching finally a steady state [...]. We may take the steady state grammar to be the system of knowledge of language attained.” (CHOMSKY; in: HORNSTEIN & LIGHTFOOT, 1981, p.34)

²² “the biological endowment for language.” (COWPER, 1992, p.5)

²³ “It (*the biological endowment for language*) must be common to all human beings, since all (normal) human beings are equally capable of acquiring any language. For this reason, it has also been called *universal grammar*, where by grammar we mean linguistic competence.” (COWPER, 1992, p.5)

capacidade inata para a linguagem. Contudo, a investigação das propriedades da GU não é tarefa simples, considerando-se que a competência lingüística só pode ser analisada indiretamente, com base nas evidências demonstradas no desempenho do indivíduo. Por isso, o que interessa, de fato, à TG é analisar aqueles aspectos comuns a todas as línguas, aspectos esses que se encontram num nível mais profundo e abstrato do conhecimento ou da capacidade lingüística do ser humano (competência ou gramática interna), e não somente àquilo que está na superfície e que difere de língua para língua, de falante para falante (desempenho): “O lingüista gerativo tentará tornar explícito o sistema finito de regras e princípios que formam a competência lingüística do falante nativo.”²⁴ (HAEGEMAN, 1991, p.9)

Ademais, ao assumirmos a existência de universais lingüísticos inatos, encontramos resposta para dois pontos-chave na investigação lingüística sob a perspectiva gerativista: a problemática da aquisição da linguagem e os aspectos comuns partilhados por todas as línguas humanas:

[...] de um lado, sendo inatos, ajudam a explicar a facilidade e rapidez com que as crianças aprendem sua própria língua, apesar de sua alta complexidade; e, de outro, sendo inatos, eles próprios restringem drasticamente a forma de qualquer língua humana possível, o que explica o fato de a variação de língua para língua ser limitada. (LOBATO, 1986, p.41)

Conforme verificamos a partir das considerações feitas até esse ponto, a TG oferece respostas capazes de satisfazer amplamente dois dos questionamentos primordiais inerentes à investigação lingüística - (a) e (b). Em relação ao questionamento (c), da ordem da aplicação do conhecimento lingüístico (nível do desempenho), cabe-nos lembrar que a proposta investigativa da TG não se ocupa da linguagem no seu nível mais superficial e concreto, verificável pelo desempenho do falante nas mais variadas situações em que a utilização da linguagem se faça necessária ou presente (esfera do desempenho), mas sim dos aspectos abstratos e formais, pertinentes à competência lingüística inconsciente do falante/ouvinte. Por esse motivo não nos deteremos na discussão do questionamento (c)²⁵.

²⁴ “The generative linguist will try to render explicit the finite system of rules and principles that make up the native speaker’s competence.” (HAEGEMAN, 1991, p.9)

²⁵ Raposo (1998, p.7) observa que a FL (Forma Lógica) é tida como um sistema biológico humano adaptado a uma tarefa ‘expressiva’: “a de fornecer expressões que possam ser usadas pelo ser humano para falar sobre o mundo, descrever, referir, perguntar, exprimir ‘atitudes proposicionais’ [...], comunicar com outros [...], articular pensamentos para si próprio, e tudo o mais que podemos fazer

Inicialmente, os modelos teóricos propostos pela TG encontram-se baseados na premissa de que uma língua é o resultado da relação entre som e significado, sendo que o som é entendido como uma forma concreta da fala, desprovida de significado (FF - Forma Fonética; *PF – Phonetic Form*); significado, por sua vez, é uma representação mental de ordem absolutamente abstrata, que independe de forma física (FL - Forma Lógica; *LF – Logical Form*). É necessário lembrar que as línguas naturais não são simplesmente uma aglomeração de sons aleatórios desprovidos de significado, nem tampouco os conceitos permanecem eternamente fadados ao nível da abstração, sem nenhuma forma de representação concreta possível. Pelo contrário, a manifestação do conhecimento lingüístico se dá a partir da capacidade que os falantes têm de “colocar em uso o seu conhecimento gramatical ao emitirem sons estruturados que são sistematicamente relacionados a significados estruturados via gramática.”²⁶ (WEBELHUTH, 1995, p.6). De acordo com o mesmo autor, a abordagem gerativa é, em essência, a crença de que a concretização das línguas naturais – concatenação entre som e significado – só pode se dar através de uma mediação de natureza sintática: “A Gramática Gerativa fundamenta-se na hipótese de que som e significado são indiretamente relacionados pelo fato de serem mediados pelas *representações sintáticas*.”²⁷ (WEBELHUTH, 1995, p.6).

A TG assume como verdadeira, portanto, a premissa de que os três tipos de representação acima citados (fonético, lógico-semântico e sintático) são verificados em toda e qualquer língua natural. Assim, de acordo com esse programa de investigação lingüística, há semelhanças profundas (apesar de nem sempre evidentes) entre todas as línguas naturais; daí, novamente, a noção de uma Gramática Universal que, para o próprio fundador da teoria aqui assumida, de fato forma “o sistema de princípios, condições e regras que constituem os elementos ou as propriedades de todas as línguas humanas... a essência da linguagem

com a linguagem [...]” (RAPOSO, 1998, p.7). A todos esses usos, o autor chama *Sistemas de Pensamento*. (Nota nossa)

²⁶ “[...] putting to use their grammatical knowledge in uttering structured sounds which are systematically related by the grammar to structured meanings.” (WEBELHUTH, 1995, p.6)

²⁷ “Generative Grammar is founded on the specific hypothesis that sound and meaning are only indirectly related in that they are mediated by *syntactic representations*.” (WEBELHUTH, 1995, p.6)

humana.”²⁸ (CHOMSKY, 1976; in: COOK & NEWSON, 1996, p.1). Ainda segundo o autor:

Resumidamente, uma gramática plenamente gerativa deve consistir de um componente sintático, um semântico e um fonológico. O componente sintático gera DS's²⁹ que contêm, cada uma, uma estrutura profunda e uma estrutura de superfície. O componente semântico confere uma interpretação semântica à estrutura profunda e o componente fonológico confere uma interpretação fonética à estrutura de superfície. Uma sentença ambígua tem diversas DS's, se diferenciando nas estruturas profundas que elas contêm (apesar do oposto não ser necessariamente verdadeiro).³⁰ (CHOMSKY, 1969, p.17)

Tendo em mente esse aparato técnico e metodológico, consideremos a questão do *Movimento* nas línguas. É fato que todas as línguas apresentam, de alguma forma (aparente ou não-aparente) alguma manifestação de movimento; é fato, também, que os seres humanos têm a capacidade de compreender enunciados cujos elementos são gerados num determinado lugar na sentença, porém pronunciados noutra. O movimento é considerado uma das *transformações* mais freqüentemente evidenciadas pelas línguas e, conseqüentemente, um dos tópicos mais atraentes e curiosos na esfera da TG, o que vem motivando o trabalho de diversos lingüistas e estudiosos, justificando a afirmação de Boeckx, Lasnik & Uriagereka (2005): “[...] a contribuição técnica mais interessante da gramática gerativa envolve transformações.”³¹ (2005, p.61)

Tomando como verdadeira a asserção de que as línguas humanas são universalmente sujeitas aos mais diversos tipos de movimentos sintáticos, elegemos um sobre o qual desejamos nos dedicar – o Movimento-*Wh*; nossa tentativa, neste estudo, se dá no sentido de tentar desvendar os mistérios envolvendo o Movimento-*Wh* em sentenças interrogativas diretas.

Todas as línguas apresentam processos de deslocamento como o que envolve o Movimento-*Wh* ou o Deslocamento para a frente do

²⁸ “The system of principles, conditions, and rules that are elements or properties of all human languages... the essence of human language.” (CHOMSKY, 1976; in: COOK&NEWSON, 1996, p.1)

²⁹ SD's = Descrições Sintáticas (*Syntactic Descriptions*)

³⁰ “In summary, a full generative grammar must consist of a syntactic, semantic, and phonological component. The syntactic component generates SD's each of which contains a deep structure and a surface structure. The semantic component assigns a semantic interpretation to the deep structure and the phonological component assigns a phonetic interpretation to the surface structure. An ambiguous sentence has several SD's, differing in the deep structures that they contain (though the reverse need not be true).” (CHOMSKY, 1969, p.17)

³¹ “[...] the most interesting technical contribution of generative grammar involves transformations.” (BOECKX, LASNIK & URIAGEREKA, 2005, p.61)

Auxiliar, o que incita algumas questões: Quais são os elementos que se movem? Para onde eles vão? Por que eles se prestam ao movimento?³² (BOECKX, LASNIK & URIAGEREKA, 2005, p.61)

Concluída a nossa caminhada pelos conceitos teóricos basilares do Programa Gerativo, queremos nos debruçar, agora, sobre cada um dos momentos principais da primeira fase da TG que, juntas, formam o que se entende por Fase da Gramática Gerativo-Transformacional, iniciando pelo Modelo Clássico (1957), passando à Teoria Padrão (1965), em seguida à Teoria Padrão Estendida (1973) e, finalmente, à Teoria Padrão Estendida Ampliada (1976). Nessa retrospectiva, observamos, em especial, os mecanismos e detalhes teóricos de que se utilizam as diferentes fases (ou Teorias, ou Modelos) da TG, bem como o tratamento que cada um deles dispensa ao fenômeno-*Wh* interrogativo, buscando compreender a maneira como cada uma contempla a sua descrição e explicação.

³² “All languages present processes of displacement like the one involved in *Wh*-Movement or Auxiliary Fronting, which pose a host of questions: What are the elements that move? Where do they go? Why do they bother to move?” (BOECKX, LASNIK & URIAGEREKA, 2005, p.61)

3 TEORIA DA GRAMÁTICA – A FASE DA GRAMÁTICA GERATIVO-TRANSFORMACIONAL

No capítulo anterior nos detivemos à discussão de noções e conceitos essenciais para a constituição da teoria da gramática como a proposta teórica de maior relevância para os estudos lingüísticos na área da sintaxe atualmente. Percorramos, agora, o caminho histórico traçado pela teoria desde o seu modelo mais antigo – o Modelo Clássico (1957) – até o modelo que conclui a fase da TG conhecida como Gerativo-Transformacional – a Teoria Padrão Estendida Ampliada (1976), sempre enfatizando o tratamento do Movimento-Wh durante tal evolução.

3.1 O Modelo Clássico (1957)

A publicação de *Syntactic Structures* (CHOMSKY, 1957; doravante *Estruturas Sintáticas*) marca o início da Teoria da Gramática Gerativa Chomskyana, também denominada Modelo Clássico. O significado que tal publicação tem para o campo da lingüística é imensurável: ela não somente rompe com os paradigmas do estruturalismo tanto americano quanto europeu, como também propõe uma forma absolutamente inovadora e audaciosa de se enxergar os fenômenos da linguagem.

[...] o livro introduziu um novo programa de pesquisa para a análise lingüística. *Estruturas Sintáticas* não pode ser caracterizada como [uma proposta] focada em regras, e nem tampouco focada em princípios. De fato, é uma obra-prima da integração de princípios gerais da gramática com análises detalhadas e atraentes de fenômenos particulares do inglês.³³ (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.204)

Considerado todo o impacto da obra desde o momento de sua publicação, não nos surpreende que tenha atraído tamanha atenção e incitado as severas críticas de que foi – e ainda é – alvo. *Estruturas Sintáticas* causa, de fato, uma

³³ “[...] the book put forward a new research program for linguistic analysis. *Syntactic Structures* itself can hardly be characterized either as rule-oriented or principle-oriented. Indeed, it is a masterpiece of the integration of general principles of grammar with compelling detailed analyses of particular phenomena in English.” (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.204)

reviravolta nas verdades até então aceitas pelos lingüistas da época, forçando o campo dos estudos lingüísticos a se reestruturar, redirecionando-se metodologicamente. Newmeyer (1986) se rende à força da publicação de Chomsky, admitindo a sua importância:

O que havia em *Estruturas Sintáticas* que causaria tamanho ‘tumulto’ e ‘trauma’ no mundo normalmente pacato da academia? Simplesmente, Chomsky derrubou todas as abordagens prévias ao estudo da linguagem, desde a dos antigos gregos até as de seus próprios professores estruturalistas, além de desafiar as verdades imperantes a respeito da pesquisa lingüística, tanto empiricista quanto não-empiricista.³⁴ (NEWMAYER, 1986, p.66)

A gramática do Modelo Clássico pode ser estruturada da seguinte forma:

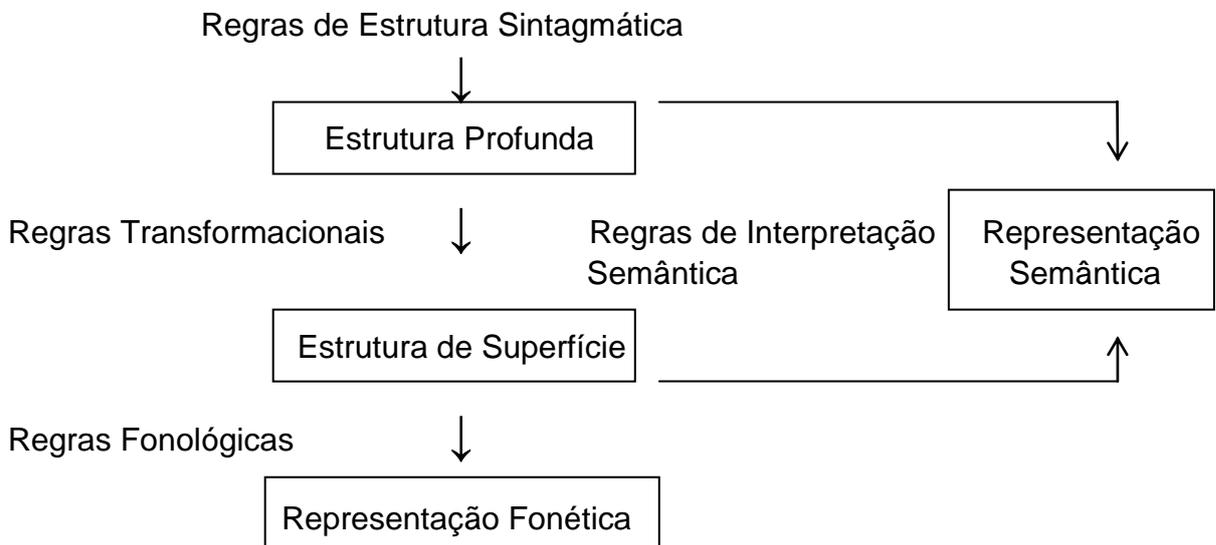


Figura 1 – Estrutura da gramática conforme Modelo Clássico. (NEWMAYER, 1986, p.69)

É em *Estruturas Sintáticas* que Chomsky introduz uma nova concepção para o termo *gramática*; a partir dali, entender-se-á por gramática “[...] um mecanismo que gera todas as seqüências gramaticais de L [uma determinada língua, tanto oral quanto escrita] e nenhuma das seqüências agramaticais.” (CHOMSKY, 1957, p.15). Por *gramatical*, enfim, o autor sugere que se deva entender que “a noção de ‘gramatical’ não poderá identificar-se com as de ‘dotado de sentido’ ou de ‘significativo’, em qualquer sentido semântico.” (CHOMSKY, 1957, p.17). É nesse

³⁴ “What was there in *Syntactic Structures* that would trigger ‘turmoil’ and ‘trauma’ in the normally staid world of academic scholarship? Quite simply, Chomsky overturned all the previous approaches to language, from the ancient Greeks’ to those of his own structuralist teachers, and challenged the reigning assumptions about linguistic research, both empiricist and nonempiricist alike.” (NEWMAYER, 1986, p.66)

momento que surge, pela primeira vez, a célebre sentença Chomskyana que tão bem esclarece seu argumento a favor da abordagem lingüística baseada na estrutura frasal sintática sintagmática em detrimento de outra puramente semântica, e que ecoará indefinidamente nos discursos lingüísticos proferidos por estudiosos – gerativos, ou não: “Idéias verdes incolores dormem furiosamente.”³⁵ (CHOMSKY, 1957, p.15).

Inicialmente, a TG relega ao componente semântico um lugar bastante obscuro, pois praticamente o desconsidera como elemento fundamental para o estabelecimento do que constitui uma gramática: “Penso que seremos forçados a concluir que a gramática é autônoma e independente do sentido [...]” (CHOMSKY, 1957, p.19). A gramática é, pois, naquele período, apresentada apenas com base nos componentes fonológico e sintático. A fonologia deve dar conta dos aspectos da fonêmica e da morfofonologia e à sintaxe cabe cuidar dos demais aspectos lingüísticos, inclusive os morfológicos.

Estruturas Sintáticas é também responsável por estabelecer o conceito de *gramática gerativa*, além das *regras de reescrita* a partir de *sintagmas* (estrutura sintagmática da sentença), e não mais de constituintes imediatos nas sentenças, observados os dois níveis de representação de que todas as sentenças são dotadas: a sua estrutura profunda e a sua estrutura de superfície. Além de propor a existência de tais regras, é nessa mesma publicação que Chomsky introduz a noção de *transformação*. De acordo com o autor, as transformações operam nas sentenças em seu nível profundo de estrutura sintagmática. É o que verificamos em suas declarações introdutórias publicadas no prefácio de *Estruturas Sintáticas*:

Veremos que tanto um determinado modelo teórico de linguagem, baseado na comunicação e extremamente simples, como um modelo mais poderoso, englobando grande parte daquilo a que hoje, de um modo geral, se chama ‘análise em constituintes imediatos’ não servem, de forma adequada, os objetivos da descrição gramatical. [...] Desenvolveremos um terceiro modelo para a estrutura lingüística, o modelo *transformacional* que, em vários e importantes aspectos, é mais poderoso que o modelo de constituintes imediatos [...]. (CHOMSKY, 1957, p.10)

Em relação à (inédita) adoção de uma teoria sintática baseada em sua estrutura sintagmática – e não mais simplesmente formulada a partir da análise de seus constituintes – Chomsky (1957) é categórico: “[...] a nova forma de gramática é

³⁵ “Colorless green ideas sleep furiously.” (CHOMSKY, 1957, p.15)

essencialmente mais poderosa que o modelo de estados finitos [...] e que o conceito de ‘nível lingüístico’ que lhe está associado é diferente em aspectos fundamentais.” (CHOMSKY, 1957, p.29). Entram em cena, então, as categorias sintagmáticas de que a teoria passará a se servir para explicitar a composição sintática das sentenças das línguas e que variam de acordo com o seu constituinte nuclear:

Sintagma Nominal (SN; NP – *Noun Phrase*)

Sintagma Verbal (SV; VP – *Verb Phrase*)

Sintagma Adjetival (SAdj; AdjP – *Adjectival Phrase*)

Sintagma Adverbial (SAdv; AdvP – *Adverbial Phrase*)

Sintagma Preposicional (SP; PP – *Prepositional Phrase*)

A análise da estrutura lingüística acaba por ser enormemente beneficiada a partir da adoção da noção de diferentes sintagmas que concentram a idéia nuclear de cada constituinte da sentença. Chomsky resumidamente conclui:

As propriedades formais do sistema de estrutura sintagmática são extremamente interessantes e não é difícil demonstrar tanto a necessidade como a possibilidade de um aprofundamento da forma da gramática. Tornam-se assim evidentes as vantagens de uma ordenação das regras do conjunto F de modo a que determinadas regras sejam aplicáveis exclusivamente depois da aplicação de outras. Por exemplo, não há dúvida de que todas as regras da forma [...] ³⁶ terão de aplicar-se antes de qualquer regra que permita a reescrita de SN como SN + *Preposição* + SN ou algo semelhante; de outra maneira, a gramática produzirá não-frases como ‘the men near the truck begins work at eight’*. ³⁷ (CHOMSKY, 1957, p.37)

Estruturas Sintáticas (CHOMSKY, 1957) também estabelece que todas as sentenças produzidas em qualquer língua natural devem ser necessariamente dotadas de dois níveis estruturais: o *superficial* (estrutura-S - *Surface Structure*) e o *profundo* (estrutura-P - *Deep Structure*). Na estrutura profunda estão contidas as relações semânticas essenciais abstratas – ou de base – de uma sentença, que alcançam a sua concretização na estrutura de superfície com o amparo da forma fonética, através de um fenômeno sintático denominado *transformação*. Para Chomsky, há considerável semelhança entre as línguas naturais em seu nível

³⁶ SN_{sing} + Verbo + SN_{sing} + hits (referente à diferença estrutural dos verbos, em inglês, em relação ao seu número – singular ou plural). (CHOMSKY, 1957, p.31-2). (Explicação nossa)

³⁷ “Os homens próximos ao caminhão começa a trabalhar às oito.*” (sentença agramatical)

profundo, o que revela propriedades básicas comuns a todas as línguas. Assim, o que diferenciaria as línguas são, de fato, apenas as diferentes manifestações nas estruturas de superfície de cada língua. As transformações, operantes no nível profundo da representação sintática e responsáveis por gerar as mais diversas modificações nas sentenças, tais como a formação da voz passiva, o salto do afixo, além de regras de concordância entre sujeito e verbo, fortalecem o caráter matemático e o poder descritivo da teoria. O próprio autor da proposta nos explica:

[...] Se examinarmos cuidadosamente essas regras suplementares, concluiremos que conduzem a uma concepção totalmente nova da estrutura lingüística. Chamemos, a uma regra desse tipo, uma 'transformação gramatical'. Uma transformação gramatical T opera sobre uma determinada seqüência [...] com uma dada estrutura de constituintes, convertendo-a numa nova seqüência, com uma nova estrutura de constituintes derivada. (CHOMSKY, 1957, p.49)

As transformações, conforme abordadas no Modelo Clássico, são dotadas de certas propriedades formais. Todas as transformações de que se serve a gramática apresentam um aspecto denominado *análise estrutural* (AE; *structural analysis* – SA) e outro denominado *mudança estrutural* (ME; *structural change* – SC). O nível AE das transformações caracteriza o tipo de estruturas às quais a transformação se aplicará; o nível ME especifica as alterações que o processo de aplicação da transformação gerará. (LASNIK, 2000, p.56).

No que se refere à aplicação das transformações, Chomsky (1957) observa que uma de suas propriedades essenciais é a ordem de aplicação que essas transformações devem seguir; ou seja, elas não podem ser aleatoriamente empregadas aos sintagmas constituintes das sentenças. Em segundo lugar, o autor aponta para o caráter das transformações em termos de obrigatoriedade de aplicação: existem as *transformações obrigatórias* e as *transformações facultativas*. (CHOMSKY, 1957, p.49). Em *An Introduction to the Principles of Transformational Syntax* (AKMAJIAN & HENY, 1976; in WEBELHUTH, 1995, p.7), encontramos uma listagem de 19 transformações que constituem o componente transformacional da gramática. De acordo com os autores, devemos observar tanto a especificação de cada transformação em relação à sua obrigatoriedade ou opcionalidade, quanto à ordem em que elas devem ser aplicadas, a fim de evitar a geração de sentenças agramaticais – daí a sua listagem obedecer à ordenação numérica. As transformações que estão (ou podem estar) ativamente envolvidas na geração de

sentenças interrogativas com um elemento-*Wh*, contudo, são as que se encontram no final da listagem. São elas ³⁸:

- 16 Subject-Auxiliary Inversion (Obrigatório)
- 17 *Wh*-Fronting (Obrigatório)
- 18 Affix Hopping (Obrigatório)
- 19 *Do* Support (Obrigatório)

Em relação às transformações necessárias para que se derive uma sentença do tipo interrogativa, Chomsky afirma que, pelo menos com base no que se verifica na língua inglesa, elas em muito se assemelham ao processo descritivo das sentenças do tipo negativas. Em ambos os tipos de sentença, a inserção de um verbo auxiliar se faz necessária: é a regra transformacional *Do-Support* (T_{19}), que só é aplicada como um último recurso, quando a regra de salto do afixo (T_{18}) não pode ser aplicada. (LASNIK, 2000, p.127).

O ponto fundamental quanto à transformação interrogativa, T_{int} é o que praticamente nada terá de acrescentar-se à gramática para descrevê-la. Uma vez que tanto a subdivisão da frase que impõe como a regra para a introdução de *do* eram independentemente requeridas para a negação, basta descrever a inversão efectuada por T_{int} através de uma extensão da gramática, de forma a incluir a análise de perguntas simples-ou-não. Por outras palavras, a análise transformacional evidencia o fato de tanto as negativas como as interrogativas possuírem a mesma 'estrutura' fundamental, podendo utilizá-lo para simplificar a descrição da sintaxe inglesa. (CHOMSKY, 1957, p.70)

Percebemos, assim, que, além da divisão das transformações em obrigatórias e facultativas, temos um grupo de diferentes tipos de transformações à disposição da gramática, passíveis de serem postas em prática, dependendo do tipo de sentença que se esteja buscando descrever: T_{neg} (Negação); T_{int} (Interrogação), T_A (Afirmção), T_{SO} (Concordância), T_w (Interrogação-*Wh*), dentre outras.

Outro aspecto importante a ser observado em relação às transformações operantes do nível profundo das sentenças é o fato de que elas não têm o poder ou a incumbência de gerar estruturas novas, mas sim, simplesmente manifestar uma idéia representada, inicialmente, em nível profundo (estrutura-P) num nível mais superficial (estrutura-S). Lasnik (2000) nos explica: "as transformações não

³⁸ Optamos por manter a nomenclatura das transformações na língua inglesa.

suprimem informações [...]; as transformações preservam a informação estrutural, até onde for possível.” (LASNIK, 2000, p.62).

As transformações de Chomsky não relacionam frases a outras frases; elas relacionam uma estrutura abstrata (um Marcador Frasal) a outra estrutura abstrata (outro Marcador Frasal). Como que por relacionar estruturas abstratas, encontraremos uma explicação para a relação de ‘parentesco’ entre as frases, mas as transformações não ‘transformam’ frases em outras frases.³⁹ (LASNIK, 2000, p.52)

Verificamos a ocorrência do “parentesco entre frases” ao qual Lasnik (2000, p.52) se refere em pares de sentenças como as seguintes, pelo próprio autor citadas, em que podemos claramente constatar que as transformações sofridas pelas sentenças, de fato, não geram novas sentenças, apenas relacionam estruturas abstratas – nesse caso, alterando o tipo de sentença de afirmativas (01a) e (02a) para interrogativa (01b) e (02b); exemplos adaptados de Lasnik (2000, p.52):

- (01) a. John is singing.
 (‘O João está cantando.’)
 b. Is John singing?
 (‘O João está cantando?’)
- (02) a. John sings.
 (‘O João canta.’)
 b. Does John sing?
 (‘O João canta?’)

O componente transformacional apresentado no Modelo Clássico é alvo de diversas críticas ao longo dos anos, especialmente pelo fato de não serem suficientemente explícitas em relação ao resultado da aplicação de uma dada transformação no nível de estrutura profunda de uma sentença. Para Lasnik (2000), entretanto, tais críticas são, na verdade, elogios, haja visto o fato de o objetivo de Chomsky ser encontrar uma fórmula capaz de alcançar o mais alto grau de generalização possível – objetivo último e essencial da teoria lingüística gerativista.

³⁹ “Chomsky’s transformations do *not* relate sentences to other sentences; they relate one abstract structure (a PM) to another abstract structure (another PM). Of as a by-product of relating abstract structures, we will find an explanation for felt-relatedness between sentences, but transformations don’t ‘transform’ sentences into other sentences.” (LASNIK, 2000, p.52)

O que Chomsky tinha em mente era que a vasta maioria das propriedades da nova estrutura fossem previsíveis em termos gerais. Não queremos que um dicionário nos diga, a cada palavra, que aquela é uma palavra. Já que essa é uma propriedade geral de todos os verbetes, não desperdiçamos espaço no dicionário mencionando a mesma informação repetidamente. Da mesma forma, não queremos que uma transformação em particular diga algo que é previsível em termos gerais; não queremos desperdiçar 'espaço' na gramática especificando coisas em relação a transformações particulares que são gerais a *todas* as transformações.⁴⁰ (LASNIK, 2000, p.63)

Nosso estudo se deterá, a seguir, na observação e discussão dos aspectos relativos ao Movimento-*Wh* no Modelo Clássico Chomskyano (1957). Interessa-nos compreender de que forma a Teoria da Gramática descreve o movimento para a formação de sentenças interrogativas com a utilização de um elemento-*Wh*, haja visto que ela dispõe de um aparato técnico ainda relativamente limitado, ainda que altamente generalizador, para realizar a descrição dos aspectos sintáticos verificados nas línguas.

3.1.1 O Movimento-*Wh* no Modelo Clássico

Estritamente no que se refere à formação de sentenças interrogativas com a presença de um elemento interrogativo do tipo *Wh*, percebemos que o mecanismo encontrado pela teoria gerativa, no período do Modelo Clássico, consiste em aplicar uma regra transformacional T_w imediatamente após a aplicação de outra regra T_{int} . Chomsky (1957) parte do pressuposto de que as interrogativas-*Wh* da língua inglesa só podem ser analisadas com a utilização da regra facultativa T_w . Assim, construções como “O que o João comeu?” e “Quem comeu uma maçã?”⁴¹ (CHOMSKY, 1957, p.75) apenas se explicam se levarmos em conta que a transformação T_w opera sobre qualquer seqüência da forma $X - SN - Y$, em quem X

⁴⁰ “What Chomsky had in mind was that the vast majority of the properties of the new structure are predicted on general grounds. We don't want a dictionary, in the entry of every word, to say that it's a word. Since that's a general property of all the entries, we don't waste space in the dictionary mentioning it over and over again. In the same way, we don't want a particular transformation to say something that's predicted on general grounds; we don't waste 'space' in the grammar specifying things in particular transformations that are general to *all* transformations.” (LASNIK, 2000, p.63)

⁴¹ ‘What did John eat’ e ‘Who ate an apple’ (CHOMSKY, 1957, p. 75)

e Y representam qualquer seqüência, e que a transformação T_w se dará em duas etapas, conforme o autor descreve:

- (a) T_{w1} converte a seqüência da forma $X - SN - Y$ na seqüência correspondente de forma $SN - X - Y$; isto é, inverte o primeiro e segundo segmentos de $[X - SN - Y]$, produzindo, assim, um efeito transformacional idêntico ao de $T_{int}[\dots]$.
 (b) T_{w2} converte a seqüência resultante $SN - X - Y$ em *who* - $X - Y$ se o *SN* for animado ou em *what* - $X - Y$ se o *SN* for não animado.
 (CHOMSKY, 1957, p.75)

Em termos práticos, observemos como as transformações acima descritas ocorrem numa sentença da língua inglesa (03), (04) e (05); exemplos nossos:

- (03) John is a good boy.
 [SN] [X] [Y]
 (04) (T_{w1}) Is John a good boy?
 [X] [SN] [Y]
 (05) (T_{w2}) Who is John?
 [Wh] [X] [SN]

(04) e (05) explicitam a aplicação das transformações T_{w1} e T_{w2} conforme a teoria se apresenta em *Estruturas Sintáticas* (1957). Entretanto, em uma língua como o português brasileiro, tais transformações não parecem se fazer tão justificáveis ou necessárias, considerando-se as sentenças interrogativas (07), (08), (09) e (10) que derivam da estrutura profunda (06); exemplos nossos:

- (06) O João é um bom garoto.
 [SN] [X] [Y]
 (07) O João é um bom garoto?
 [SN] [X] [Y]
 (08) (T_{w1}) É o João um bom garoto?
 [X] [SN] [Y]
 (09) (T_{w2}) Quem é o João?
 [Wh] [X] [SN]
 (10) Quem o João é? (*Who John is?)
 [Wh] [SN] [X]

No caso de perguntas sim/não, conforme (07), em português brasileiro (PB), não nos parece ser essencial a inversão entre os constituintes [X] e [SN], conforme T_{w1} . Poder-se-ia manter a exata estrutura da sentença afirmativa para transformá-la numa interrogação, sendo suficiente apenas uma pequena variação na entonação fonética da sentença. Assim, (08) definitivamente não entra no âmbito da agramaticalidade, porém seu uso não nos parece ser o preferido entre os falantes da língua em discussão. Já em (09), a transformação parece ser mais fortemente justificada, haja visto que a não-inversão entre os constituintes [X] e [SN] geraria uma sentença bastante estranha ao falante do PB (10), embora o mesmo não possa ser considerado o padrão absoluto do PB, e nem verificado na língua inglesa, por exemplo, que exige a inversão entre sujeito e verbo auxiliar. É o que verificamos em diversas outras sentenças constituídas de diferentes verbos e elementos-*Wh*, conforme (11), (12) e (13), em que a seqüência [SN] [X] se mantém idêntica à formabase da sentença:

- (11) Onde ele mora?
[Wh] [SN] [X]
- (12) De quem tu gostas?
[Wh] [SN] [X]
- (13) Quando eles chegaram?
[Wh] [SN] [X]

Tomando a regra transformacional T_w como sendo a fórmula capaz de descrever as frases interrogativas-*Wh*, a tão almejada generalização dos fenômenos sintáticos das gramáticas pode ser alcançada, pelo menos no que se refere à língua inglesa, conforme afirma Chomsky: “[...] T_w dará igualmente conta de todas as interrogativas-*Wh* como ‘o que ele comerá’, ‘o que ele tem comido’. Pode, facilmente, ser alargada, de forma a abranger interrogativas como ‘que livro ele leu’, etc.”⁴² (CHOMSKY, 1957, p.77).

Podemos concluir nossa abordagem do *Modelo Clássico* da Teoria da Gramática Gerativa reafirmando que *Estruturas Sintáticas* (CHOMSKY, 1957) tem um impacto inigualável no campo dos estudos lingüísticos. A partir dessa publicação, as sentenças podem ser analisadas sob uma nova ótica, em que seus

⁴² ‘what will he eat’, ‘what has he been eating’ e ‘what book did he read’. (CHOMSKY, 1957, p.77)

diferentes níveis de representação (profundo e de superfície) devem ser observados, além de deverem ser considerados também os componentes sintático e fonológico distintamente. O estabelecimento das noções de estrutura sintagmática, regras e transformações é determinante para o avanço dos estudos lingüísticos focados na compreensão da linguagem por seus termos estruturais. O poder descritivo de que é dotado esse modelo embasa, mesmo que indiretamente, todos os desdobramentos subseqüentes sofridos pela TG ao longo das décadas, pois as sementes ali plantadas germinarão e auxiliarão fortemente no avanço da teoria.

Em suma, a primeira década da sintaxe gerativa foi altamente focada em regras. Cada vez mais, durante esse período, os objetivos descritivos vieram a se salientar em relação aos explanatórios. Em grande parte do trabalho desenvolvido nesse período [...], a gramática transformacional se tornou pouco mais que lingüística descritiva com um revestimento transformacional.⁴³ (NEWMEYER; in KASHER, 1991, p.207)

Algumas questões relativas à fraca adequação explanatória do modelo clássico persistem, como podemos perceber. Em busca de respostas mais adequadas ao desafio da teoria lingüística no sentido de propor uma forma da gramática que abarque os anseios não somente descritivos, mas também explanatórios em relação à linguagem humana motivam estudos mais aprofundados e contínuos. Alguns anos mais tarde, assim, uma nova publicação de Chomsky marca novamente os estudos sintáticos significativamente. Essa publicação não somente questiona, como também redefine alguns conceitos essenciais para a TG, redirecionando-a metodologicamente. Estamos, agora, prestes a nos debruçar sobre *Aspects of the Theory of Syntax* (1965), que faz surgir a fase da TG denominada *Teoria (ou Modelo) Padrão*.

3.2 A Teoria Padrão (1965)

⁴³ "In short, the first decade of generative syntax was a highly rule-oriented one. More and more in this period, descriptive goals came to outweigh explanatory ones. In much work in this period [...] transformational grammar had become little more than descriptive linguistics with a transformational veneer." (NEWMEYER; in KASHER, 1991, p.207)

Aspects of the Theory of Syntax (Chomsky, 1965, doravante *Aspectos da Teoria da Sintaxe* ou, abreviadamente, *Aspectos*) estabelece o início da fase seguinte da Teoria da Gramática, denominada *Padrão Theory* (Teoria ou Modelo Padrão). Observemos que uma significativa porção da literatura dedicada aos estudos lingüísticos no âmbito da sintaxe gerativo-transformacional demarca o início da teoria somente a partir da publicação de *Aspectos* (1965), ignorando as importantes noções desenvolvidas previamente em *Estruturas Sintáticas* (1957); daí o fato de encontrarmos também alguns autores que conferem o início da distinção entre os níveis de representação sintática (profundo e de superfície) ao Modelo Clássico (1957) e outros tantos que creditam seu surgimento somente a partir de 1965, início da Teoria Padrão.

Parece-nos importante ressaltar, por outro lado, que a Teoria Padrão, em alguns aspectos, faz pouco para se distanciar metodologicamente do Modelo Clássico, conservando praticamente o mesmo sabor essencialmente descritivista dos estudos sintáticos gerativos, em detrimento de uma abordagem com maior força explanatória: “[...] na gramática gerativa adotada na metade da década de 60, as transformações haviam se tornado um veículo para realizar sintaxe descritiva.”⁴⁴ (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.205). O mesmo autor prossegue:

A publicação de *Aspects of the Theory of Syntax* em 1965 por Chomsky fez pouco para mudar a direção cada vez mais descritivista e focada em regras que a gramática gerativa transformacional vinha tomando na metade da década de 60. [...] a natureza ‘racionalista’ da teoria lingüística é amplamente defendida e o ponto de discussão gira em torno da validação de que uma teoria da gramática e a construção de uma teoria para a aquisição da linguagem são uma só e a mesma.⁴⁵ (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.206)

A gramática na fase da TG denominada Teoria Padrão pode, então, ser assim representada em termos estruturais, conforme Cowper (1992, p.6):

⁴⁴ “[...] in mainstream generative grammar by the mid-1960s, transformations had become a vehicle for doing descriptive syntax.” (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.205)

⁴⁵ “The publication of Chomsky’s *Aspects of the Theory of Syntax* in 1965 did little to change the increasingly rule-oriented and descriptivist direction that transformational generative grammar was taking in the mid-1960s. [...] the ‘rationalist’ nature of linguistic theory is defended at length and the case is made that the problem of the validation of a theory of grammar and that of the construction of a theory of language acquisition are one and the same.” (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.206)

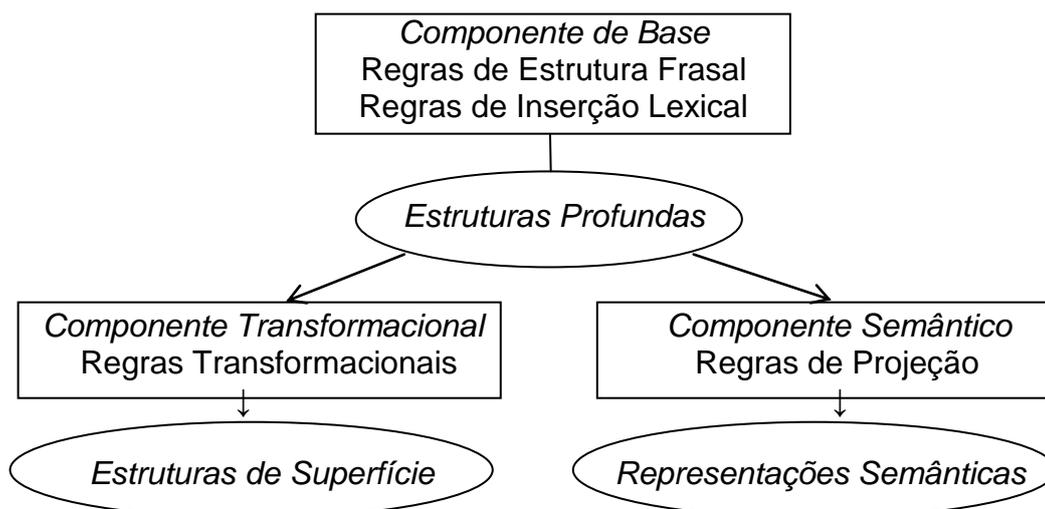


Figura 2 – Estrutura da gramática no Modelo Padrão. (COWPER, 1992, p.6)

Em relação à essência da teoria, Raposo (1992, p.50) afirma: “A hipótese central desta teoria é de que as línguas humanas utilizam dois tipos de regras: as regras de reescrita categorial e as regras transformacionais”. Assim, inicialmente, conforme postulado em *Aspects* (CHOMSKY, 1965), são tomados como componentes principais (ou de base): as regras de estrutura sintagmática e as regras de inserção lexical; esses dois componentes interagem com a estrutura profunda da sentença que, por sua vez, é dotada de um componente transformacional e de um componente semântico, que o interpreta. A realização do componente transformacional se dá na estrutura de superfície, assim como a realização do componente semântico de várias partes da sentença é verificável nas combinações das representações semânticas, atribuindo carga semântica (significado) à sentença como um todo.

O que é importante de se notar sobre esse modelo é que a representação semântica é construída inteiramente com base na estrutura sintática profunda. [...] a aplicação de uma transformação não pode ter qualquer efeito no significado de uma sentença. [...] O aspecto universal desse modelo era [...] a estrutura do modelo e as várias categorias (NP – Noun Phrase = Sintagma Nominal, V, etc) das quais ele se utilizou.⁴⁶ (COWPER, 1992, p.9)

⁴⁶ “The important thing to note about this model is that the semantic representation is constructed entirely on the basis of the deep syntactic structure. [...] the application of a transformation can have no effect on the meaning of a sentence. [...] What was universal about this model was [...] the structure of the model and the various categories (NP, V, etc.) that it made use of.” (COWPER, 1992, p.9)

A TG, com o Modelo Padrão, oferece um sistema de regras e símbolos para explicitar a representação formal da estrutura sintática, semântica e fonológica dos enunciados no nível da competência e concretizados através do desempenho. Além disso, a TG possibilita explicar e demonstrar a ambigüidade estrutural, com o objetivo de realizar interpretações semelhantes de estruturas diferentes, além de relacionar constituintes distantes dentro e fora da sentença. Chomsky (1965) assim nos explica o entendimento que devemos ter da forma da gramática no novo modelo:

A gramática agora consiste de uma base e de uma seqüência linear de transformações singulares [...]. Assim, o componente sintático consiste de uma base que gera estruturas profundas e uma parte transformacional que as mapeia nas estruturas de superfície. A estrutura profunda de uma sentença é submetida ao componente semântico para a interpretação semântica, e a sua estrutura de superfície entra no componente fonológico e sofre a interpretação fonética. O efeito final para uma gramática, então, é relacionar uma interpretação semântica a uma representação fonética – ou seja, declarar como uma sentença é interpretada. Essa relação é mediada pelo componente sintático da gramática, que constitui a sua única parte ‘criativa’.⁴⁷ (CHOMSKY, 1965, p.135-6)

Observamos que o componente semântico finalmente passa a integrar a teoria gramatical Chomskyana, modificando significativamente o foco da investigação lingüística da TG, que passa, daí, a ser composta por três componentes independentes, autônomos e igualmente importantes: um sintático, um semântico e um fonológico.

Uma gramática contém um componente sintático, um componente semântico, e um componente fonológico. Os últimos dois são puramente interpretativos; eles não desempenham qualquer papel na geração recursiva das estruturas frasais.⁴⁸ (CHOMSKY, 1965, p.141)

⁴⁷ “The grammar now consists of a base and a linear sequence of singulary transformations. [...] Thus the syntactic component consists of a base that generates deep structures and a transformational part that maps them into surface structures. The deep structure of a sentence is submitted to the semantic component for semantic interpretation, and its surface structure enters the phonological component and undergoes phonetic interpretation. The final effect for a grammar, then, is to relate a semantic interpretation to a phonetic representation – that is, to state how a sentence is interpreted. This relation is mediated by the syntactic component of the grammar, which constitutes its sole ‘creative’ part.” (CHOMSKY, 1965, p.135-6)

⁴⁸ “A grammar contains a syntactic component, a semantic component, and a phonological component. The latter two are purely interpretive; they play no part in the recursive generation of sentence structures.” (CHOMSKY, 1965, p.141)

A sintaxe, portanto, se ocupa das construções frasais a partir de itens lexicais, tentando apresentar regras e princípios lingüísticos que possam explicar exclusivamente os arranjos gramaticais nas línguas; à semântica cabe explicar o significado das sentenças apresentadas pela sintaxe e, finalmente, à fonologia é destinada a tarefa de indicar a forma oralizada das sentenças apresentadas pela sintaxe. (LOBATO, 1986, p.76).

A tentativa de abordar o estudo dos fatos lingüísticos de forma a determinar três componentes independentes traz alguns problemas à TG, já que a determinação ou identificação de um determinado aspecto pode facilmente cruzar a fronteira entre o que é da ordem do sintático, do semântico ou do fonológico. Lobato (1986) pondera acerca da dificuldade e dos riscos que se apresentam ao tentarmos estudar a linguagem a partir do estabelecimento de níveis autônomos de análise, sugerindo que a teoria lingüística não deve se render a um tratamento da linguagem com base em níveis estanques:

A noção de continuidade permeia toda a língua. [...] qualquer separação que se faça entre campos de análise representa um corte arbitrário no continuum dos fatos lingüísticos. As teorias evoluem, e com elas mudam os cortes no continuum lingüístico. [...] nenhuma teoria será um retrato fiel do seu objeto de estudo, e, na tarefa de avaliar, entre mais de uma teoria, qual a melhor, é importante verificar qual a que menos “deforma” o objeto em estudo. (LOBATO, 1986, p.77)

Outro aspecto importante do modelo padrão da gramática é o fato de que todas as análises sintáticas das sentenças se dão com base no modelo proposto pelas regras de estrutura sintagmática, noção introduzida por Chomsky em *Estruturas Sintáticas* (1957) e mais amplamente desenvolvida em *Aspectos* (1965). Assim, uma sentença, em seu componente de base, é composta de uma estrutura sintagmática sobre a qual atuam as regras de inserção lexical, a fim de contextualizar a ocorrência de uma determinada palavra dentro da representação arbórea de sua estrutura profunda. A estrutura profunda da sentença, por sua vez, serve de base tanto para o componente transformacional quanto para o componente semântico. Realizadas as transformações ou projeções promovidas pelos dois componentes intermediários (transformacional e semântico), temos a estrutura que embasa o componente fonológico, responsável por gerar o resultado fonético oralizado. (COWPER, 1992, p.6-7).

A autora ainda aponta um aspecto relativo ao papel do componente semântico na TG, observando, mais uma vez, que uma transformação não pode alterar os elementos de uma sentença semanticamente, tornando as determinações do Modelo Padrão importantes para o avanço da teoria:

O que importa perceber, em relação a esse modelo, é que a representação semântica é construída inteiramente com base na estrutura sintática profunda. [...] a aplicação de uma transformação não pode ter qualquer efeito no significado de uma sentença.⁴⁹ (COWPER, 1992, p.9).

Ao mesmo tempo em que representa um avanço – se comparado ao que se supõe teoricamente na época do Modelo Clássico (1957), a impossibilidade de o componente semântico interferir na geração da interpretação da estrutura profunda de uma sentença também acarreta na criação de problemas à teoria.

No que se refere ao caráter de universalidade da teoria, o fato de a estrutura sintagmática de qualquer sentença poder ser aplicada a qualquer língua natural é a concretização do objetivo maior da teoria lingüística – a maior generalização possível; são os mecanismos da Gramática Universal postos em prática ainda numa das fases mais introdutórias da Teoria da Gramática:

Havia, é claro, importantes princípios da GU propostos em *Aspects*, os três mais abrangentes eram a recursão, o princípio da aplicação cíclica de uma regra transformacional, e a separação de regras de introdução de categorias daquelas de subcategorização. [...] Cada um teve o efeito de ‘limpar’ a estrutura sintagmática e os componentes transformacionais da gramática.⁵⁰ (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.207)

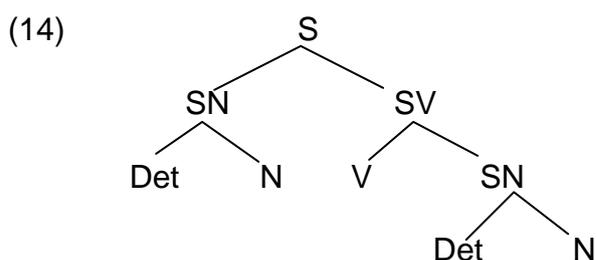
Entretanto, justamente pelo fato de qualquer unidade do léxico poder ser introduzida nas representações das estruturas sintagmáticas, sentenças tanto gramaticais quanto agramaticais são potencialmente geradas, haja visto que o componente semântico, nesse modelo, não é suficientemente forte para impedir a eventual agramaticalidade sintática. Raposo (1992, p.50) observa:

⁴⁹ “The important thing to note about this model is that the semantic representation is constructed entirely on the basis of the deep syntactic structure. [...] the application of a transformation can have no effect on the meaning of a sentence.” (COWPER, 1992, p.9)

⁵⁰ “There were, of course, important principles of UG proposed in *Aspects*, the three most far-reaching of which were base recursion, the principle of cyclic application of transformational rule, and the separation of category-introducing rules from those of subcategorization. [...] Each had the effect of ‘cleaning up’ the phrase-structure and transformational components of the grammar.” (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.207)

O formato a que essas regras obedeciam (especialmente no caso das regras transformacionais) era extremamente flexível, sendo possível construir regras capazes de descrever qualquer fenômeno imaginável, mesmo aqueles cuja plausibilidade de ocorrência em qualquer língua humana seria nulo [...]. Podemos sintetizar essa situação dizendo que tal teoria tinha um *poder expressivo* demasiado elevado. (RAPOSO, 1992, p.50)

Ilustremos a discussão acima tomando uma dada estrutura profunda, como a representada em (14):



A partir de (14) poderíamos gerar, seguindo as regras de inserção lexical licenciadas pelo modelo padrão, a partir de seus nós terminais (léxico), sentenças tanto gramaticais (15) quanto agramaticais (16); exemplos nossos:

(15) A menina comeu um doce.

[Det] [N] [V] [Det] [N]

(16) *Um doce comeu a menina.

[Det] [N] [V] [Det] [N]

Considerando-se que a interpretação semântica se dá no nível da estrutura profunda, é decorrente a afirmação que as transformações não alteram o significado de nenhuma seqüência. Entretanto, sabemos que “há certos aspectos da interpretação semântica que não podem ser determinados na estrutura profunda padrão.” (LOBATO, 1986, p. 266). A fim de solucionar a problemática envolvendo a interação dos componentes sintático e semântico, duas correntes se formam, no final da década de 60: a dos seguidores da *semântica gerativa* (Ross, McCawley, Lakoff e Postal) e a dos que virão a se tornar os fundadores do *modelo padrão estendido* (Chomsky e Jackendoff).

O próprio autor do Modelo reconhece as falhas da proposta teórica do Modelo Padrão no campo limítrofe e altamente controverso entre os componentes sintático e semântico:

Outros sistemas desse tipo podem ser facilmente encontrados, e eles, de fato, sugerem que parte de um componente semântico de uma gramática deva ser uma caracterização das propriedades de campo⁵¹ que se encontram fora do léxico. Esse ponto é crucial, mas foi relativamente inexplorado dentro de qualquer estrutura geral, embora existam diversos estudos valiosos de alguns desses aspectos [...]. Novamente, não podemos mais do que indicar problemas e enfatizar o fato de que muitas questões não-respondidas em princípio podem muito bem afetar a formulação até mesmo daquelas partes da teoria da gramática que parecem estar razoavelmente bem estabelecidas.⁵² (CHOMSKY, 1965, p.161)

Entretanto, detendo-nos especificamente no fenômeno privilegiado no presente estudo, observamos que a Teoria Padrão oferece algumas alternativas teóricas importantes para a descrição do Movimento-*Wh* nas línguas, dentre as quais podemos destacar a derivação transformacional, ainda fortemente utilizada por essa fase da TG.

3.2.1 O Movimento-*Wh* na Teoria Padrão

No que se refere às propostas do Modelo Padrão para a formação de sentenças interrogativas com a presença de uma elemento-*Wh*,

[...] construções formadas com pronomes interrogativos [...] podiam, teoricamente, ser geradas diretamente por meio do uso de regras sintagmáticas, sem auxílio de uma transformação específica para a derivação do pronome interrogativo, ou por meio da aplicação de uma regra que fornecesse transformacionalmente esse tipo de pronome, além [...] de serem aplicadas certas regras sintagmáticas. A teoria padrão optou pela derivação transformacional. (LOBATO, 1986, p.191)

⁵¹ Propriedades de campo referem-se a “aspectos inquestionavelmente significativos, embora pobremente compreendidos de uma teoria semântica descritiva.” (CHOMSKY, 1965, p.160)

⁵² “Other systems of this sort can easily be found, and, in fact, they suggest that part of the semantic component of a grammar must be a characterization of field properties that is outside the lexicon. This matter is crucial but has been relatively unexplored within any general framework, though there have been several valuable studies of certain of its aspects [...]. Once again, we can do no more here than indicate problems and stress the fact that there are many unanswered questions of principle that might very well affect the formulation of even those parts of the theory of grammar that seem reasonably well established.” (CHOMSKY, 1965, p.161)

A mesma autora (1984, p.192-3) justifica a opção do Modelo Padrão pela utilização da derivação transformacional em detrimento da derivação sintagmática pelo fato de que a primeira evita problemas potenciais em relação à subcategorização estrita e seletional dos verbos co-ocorrendo com o pronome interrogativo (*‘Quem vocês viram Miguel?’) e a geração agramatical de dois SNs na posição de sujeito da sentença (*‘Quem aluno chegou?’). Para o modelo padrão, as palavras-*Qu* (ou *Wh*) estariam, nessas condições, sendo duplamente representadas na estrutura profunda da sentença. Vejamos:

Que = QU + algo/algum

(O/A) Qual = QU + alguém ou QU + algo/algum

Quanto = QU + em alguma quantidade

Como = QU + de algum modo

Por que = QU + por alguma razão

Onde = QU + em algum lugar

Quando = QU + em alguma época/em algum tempo

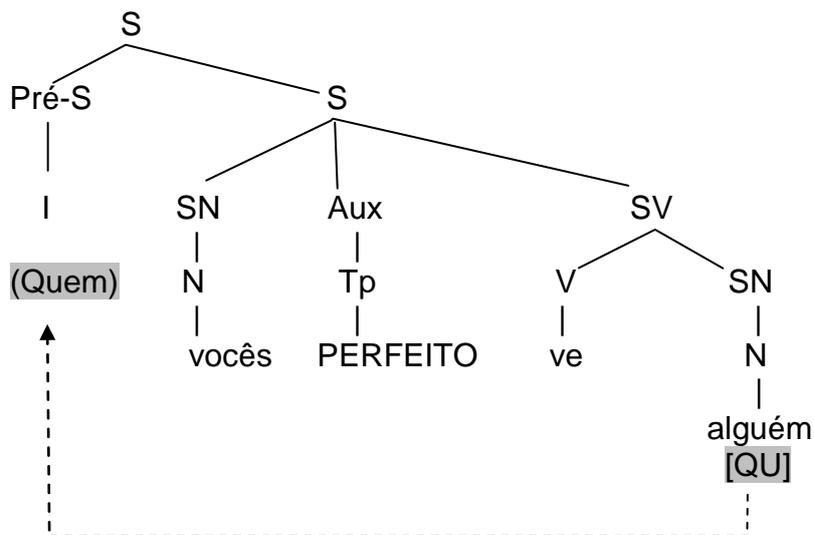
Para que a sentença interrogativa se apresente como tal, então, são sempre necessárias duas operações: uma regra transformacional e outra morfofonológica: “[...] uma que deslocasse o SN ao qual o QU estava atado para o início da sentença e, posteriormente, outra operação, que convertesse QU + alguém em *quem*.” (LOBATO, 1986, p.193).

O Modelo Padrão contém, em seu arcabouço teórico, noções como *Pré-S*. Um elemento *Pré-S* tem colocação mais neutra no início da sentença e incompatibilidade com os demais elementos pré-sentenciais, tais como SAdv (Sintagmas Adverbiais) e IMP (Imperativo). Para o modelo padrão, as construções-*Qu* possuem as mesmas características, sendo definidas também como um elemento *Pré-S*. Assim, a sugestão é a de “que as construções interrogativas com QU fossem derivadas por intermédio de um marcador contendo uma *Pré-S* contendo I. [...] O I caracteriza-se, então, por ser um marcador abstrato de pergunta.” (LOBATO, 1986, p.194)

Observemos a estrutura profunda (18) de uma sentença interrogativa como (17); exemplo nosso, adaptado livremente de Lobato (1986, p.194):

(17) Quem vocês viram?

(18)



Percebemos que o deslocamento do elemento ao qual o pronome interrogativo está ligado ocorre em direção à periferia esquerda da sentença. Esse elemento (ou nódulo deslocado) pode ser um SN, como em (18) ou um SP. O que permanece sem resposta é como a teoria pode determinar, de forma precisa, o local exato de pouso do elemento-*Wh*. Ross (1967), sugere que o elemento deslocado deva ocupar a posição imediatamente antecedente ao nódulo S, num processo denominado *adjunção Chomskyana* (LOBATO, 1986, p.201): “A adjunção Chomskyana consiste em inserir um elemento abaixo de um nódulo já existente e criar uma cópia desse nódulo também abaixo do nódulo existente.” A partir desse movimento, estabelece-se a *Regra de Deslocamento de QU*, que é rapidamente reformulada a partir do *Universal de Substituição de COMP*, conforme proposto por Baker (1970) e Brennan (1970): “Somente as línguas que têm complementizadores em início de oração têm regras de anteposição de palavras relativas e palavras interrogativas.” (LOBATO, 1986, p.202). A partir desse universal, a teoria passa a assumir que o local de pouso de um elemento-*Wh* não é mais uma posição antecessora a S, mas sim, diretamente o elemento COMP, que deve ser substituído pelo sintagma-*Wh*.

Um outro problema para a Teoria Padrão no que se refere ao Movimento-*Wh* diz respeito ao enquadramento de sentenças interrogativas em que o COMP é duplamente preenchido, fenômeno proibido pelos moldes da teoria, pois sabemos que: “[o] modelo padrão, tal como formulado em Chomsky (1965) e Katz e Postal

(1964) não dispunha de meios de bloquear as seqüências de *[COMP COMP] ou de *[COMP QU QU].” (LOBATO, 1986, p.204), Como explicar, então, sentenças gramaticais do português brasileiro (19) e (20); adaptados de Lobato (1986), ou do francês (21) e (22); adaptados de Engdahl (2006)?

- (19) Onde que você foi?
[QU] [QU]
- (20) Quando que ele vem?
[QU] [QU]
- (21) Qui est-ce qu' elle va voir?
[QU] [QU]
(‘Quem que ela vai ver?’)
- (22) Où est-ce que tu vas?
[QU] [QU]
(‘Onde que tu vais?’)

Como podemos constatar, o componente transformacional do Modelo Padrão é extremamente aberto e irrestrito; por conseguinte, diversas seqüências geradas pelas regras transformacionais não podem ser aceitas, pois são claramente agramaticais. Um dos trabalhos mais importantes acerca das restrições para inibir seqüências mal-formadas é a tese de doutorado de Ross (1967), em que ele formula as denominadas *Restrições de Ilha (Island Constraints)*. As restrições de Ross se aplicam a todo e qualquer tipo de movimento e bloqueiam a extração de certos elementos de certos sintagmas – ou, neste caso, ilhas. Vejamos como a regra de interrogação com *QU* interage com as restrições propostas pelo autor (23), (24), (25) e (26); exemplos adaptados de Lobato (1986, p.254-5):

- (23) *Onde Pedro conheceu a moça que estava passeando?
(Pedro conheceu a moça que estava passeando QU + em algum lugar → [onde])
- (24) *Com quem os rapazes não acreditaram no boato de que Maria foi passear?
(Os rapazes não acreditaram no boato de que Maria foi passear com QU + alguém → [com quem])
- (25) *O que Eliana toca cravo e canta?

- (Eliana toca cravo e canta QU + algo → [o que])
- (26) *Quem (que) João ama é óbvio?
- (Que João ama QU + alguém é óbvio → [quem])

Ross (1967) especifica suas restrições de ilha através de três condições gerais que se aplicam às transformações de movimento: a *Restrição sobre SN Complexo*⁵³, a *Restrição sobre Estruturas Coordenadas*⁵⁴ e a *Restrição sobre Sujeito Sentencial*⁵⁵. As seqüências (23)⁵⁶ e (24) são agramaticais porque desobedecem à Restrição sobre SN Complexo: não se pode violar, como ocorre em (23), um sintagma nominal de uma sentença relativa como “[QU] + em algum lugar”, gerando o sintagma-*Wh* “onde”; também não se pode violar a configuração sintática da sentença completiva nominal “[QU] + alguém”, para derivar o sintagma-*Wh* “com quem” (24). No exemplo (25), temos a quebra da Restrição sobre Estruturas Coordenadas, pois a sentença é do tipo coordenada aditiva, e não pode ter nenhum de seus elementos dali extraídos, como foi o caso de “[QU] + algo”, que derivou o sintagma-*Wh* deslocado “o que”. Em (26), temos um exemplo que contraria a Restrição sobre Sujeito Sentencial, pois o SN [João] é dominado pela S, e não deveria ter sido dali extraído o sintagma-*Wh* “quem”.

Diversos questionamentos levantados pelos lingüistas gerativistas permanecem sem resposta no Modelo Padrão. Somente a partir da década de 70, a partir de uma nova proposta teórica da TG, denominada *Teoria Padrão Estendida*, é que alguns deles são, mesmo que apenas parcialmente, resolvidos. Resumidamente, Raposo (1992) narra como se dá esse importante passo para o avanço da teoria lingüística na perspectiva da TG:

O pendor acentuadamente descritivista deste modelo, o fato de permitir uma incrível variedade de gramáticas, o seu enorme poder expressivo e o insucesso em construir uma medida de avaliação psicológica e linguisticamente plausível contam-se entre os fatores

⁵³ “Restrição sobre SN Complexo: nenhuma transformação pode extrair um elemento de uma sentença dominada por um SN com núcleo lexical nominal.” (LOBATO, 1984, p. 255)

⁵⁴ “Restrição sobre Estruturas Coordenadas: nenhuma transformação pode extrair um elemento de uma estrutura que seja parte de uma estrutura coordenada.” (LOBATO, 1984, p.256)

⁵⁵ “Restrição sobre Sujeito Sentencial: nenhuma transformação pode extrair um elemento de uma sentença dominada por um SN que por sua vez também é dominado por S.” (LOBATO, 1984, p.256)

⁵⁶ Lobato (1986) considera a sentença (23) agramatical por apresentar o elemento-*Wh* interrogativo “Onde” coindexado ao um SN complexo (posição argumental de adjunto adverbial do verbo “passar”), violando as restrições de ilha em análise aqui. Se, contudo, interpretarmos o elemento-*Wh* como elemento não-argumental da sentença em questão, a mesma passa imediatamente à condição de gramatical.

que determinaram, por volta de finais dos anos 60, uma insatisfação mais ou menos generalizada da parte de lingüistas e psicólogos com a Teoria Standard, em última instância o seu abandono, e o desenvolvimento subsequente de um modelo alternativo, a *Teoria Standard Alargada*. (RAPOSO, 1992, p.51)

Consideremos, então, o modelo seguinte da Teoria da Gramática, denominado Teoria Padrão Estendida, a fim de avaliarmos que avanços esse novo modelo é capaz de alcançar na busca constante pela melhor adequação tanto descritiva quanto explicativa dos fenômenos sintáticos presentes nas línguas.

3.3 A Teoria Padrão Estendida (1973)

Alguns descontentamentos e insatisfações pairam sobre os estudos lingüísticos gerativos no final dos anos 60 e início dos 70, especialmente no que se refere ao espaço que a semântica está licenciada a ocupar nos modelos até então desenvolvidos dentro da perspectiva teórica da Teoria da Gramática. O formato da TG denominado *Extended Standard Theory* (Teoria Padrão Estendida) é formulado nesse contexto, numa tentativa de se aproximar estruturalmente dos anseios dos lingüistas gerativos insatisfeitos com o modelo teórico até então vigente.

Uma das maiores motivações para a proposta da Teoria Padrão Estendida é o desejo dos sintaticistas gerativos de fazer com que a teoria sofresse “uma redução da [sua] capacidade descritiva e do [seu] poder expressivo e o aumento da sua capacidade explicativa.” (RAPOSO, 1992, p.52). Para tanto, procura-se substituir, na medida do possível, regras particulares por princípios gerais da linguagem, conforme previstos pela Gramática Universal, o que acaba por simplificar o formato da gramática doravante proposto. A simplificação das regras dos componentes sintático e semântico acabam por atingir um número pequeno de opções, junto das quais atuam princípios restritivos universais para a elaboração de um esquema de gramáticas possíveis. Percebemos aqui um “ensaio” para a introdução da noção de princípios (universais), absolutamente essenciais para o desenvolvimento futuro da teoria, uma vez que regras e transformações *ad hoc* estão prestes a serem substituídas por conceitos mais generalizadores e coerentes com a proposta teórica da TG, que é o caso dos princípios (e parâmetros, mas essa última noção não

surgirá no cenário gerativo até o início dos anos 80). Raposo (1992) completa sua análise da Teoria Padrão Estendida, conforme segue:

Segundo a concepção da Teoria Standard Alargada, a gramática contém um número distinto e autônomo de componentes, cada uma delas com uma organização própria caracterizada por um pequeno número de regras e por princípios que restringem a aplicação dessas regras. [...] A organização interna de cada componente é simples, mas as suas interações podem ser relativamente complexas. (RAPOSO, 1992, p. 53)

Vale aqui ressaltar que algumas das publicações essenciais desse período são *Language and Mind* (1968), *Remarks on Nominalization* (1970), *Studies on Semantics in Generative Grammar* (1972) e *Conditions on Transformations* (1973).

Conforme já afirmamos, questões como a (ir)relevância do aspecto semântico para a interpretação da estrutura superficial da sentença passam a ser cada vez mais questionadas. Percebe-se que, apesar de algumas sentenças compartilharem a mesma estrutura profunda e, por conseqüência, apresentarem idêntica representação semântica, elas ainda assim não podem ser consideradas sinônimas absolutas: “[...] a pesquisa lingüística provou que há certos aspectos da interpretação semântica que não podem ser determinados na estrutura profunda padrão.” (LOBATO, 1986, p. 266). Para fins ilustrativos, consideremos (27) e (28), seguindo a discussão apresentada por Lobato para o português brasileiro (1986, p. 272), e os exemplos (29) e (30) discutidos por Jackendoff (1972; in COWPER, 1992, p.9) na língua inglesa:

- (27) Muitas pessoas leram dois romances de Jorge Amado.
- (28) Dois romances de Jorge Amado foram lidos por muitas pessoas.
- (29) The editor didn't find many mistakes.
(‘O editor não encontrou muitos erros.’)
- (30) Many mistakes weren't found by the editor.
(‘Muitos erros não foram encontrados pelo editor.’)

Apesar de, à primeira vista, apenas uma mudança da voz ativa para a voz passiva ocorrer, os pares de sentenças acima não são sinônimos. (27) nos diz que um grande número de pessoas leu dois dos diversos romances escritos por Jorge Amado, quaisquer que tenham sido; (28) transmite a idéia de que dois, e somente

dois, romances escritos por Jorge Amado foram lidos por um público numeroso, sugerindo que todos os outros romances escritos pelo autor tenham sido lidos apenas por um número reduzido de pessoas. Semelhante fenômeno se dá entre (29) e (30): em (29), entendemos que não havia, de fato, muitos erros no texto para serem encontrados pelo editor e que ele, portanto, encontrou apenas os poucos que havia; já em (30), a sentença dá a entender que o editor não foi capaz de encontrar todos os erros, falhando em sua tarefa de identificá-los. A diferença no nível semântico entre essas duas últimas sentenças (29) e (30) nos parece substancialmente maior se comparadas ao caso das sentenças anteriores (27) e (28).

A fim de que a teoria consiga contemplar casos como os citados acima, em que se verifica a não correspondência semântica entre sentenças que, em princípio, devem compartilhar de uma mesma estrutura profunda, estabelece-se a necessidade de reavaliar o aparato teórico vigente, modificando-o:

Chomsky (1970), seguindo sugestão de Jackendoff, propôs que certos aspectos da estrutura superficial (como a posição do quantificador e da negação) fossem levados em conta quando da interpretação semântica. Com essa reformulação, o modelo interpretativo [...] ficou sendo o *modelo padrão estendido*. (LOBATO, 1986, p. 272)

A respeito do embate entre os componentes sintático e semântico para a derivação da estrutura superficial das sentenças, Cowper (1992, p.13) considera que “[o] que é importante aqui não é tanto que aspectos do significado estão baseados em que nível da representação sintática mas, ao invés disso, a idéia de que vários níveis sintáticos podem conter informações relevantes para o significado.”⁵⁷ (COWPER, 1992, p.13). A partir dessas considerações, percebemos que a derivação semântica de uma construção sintática é, de fato, um processo muito mais detalhado e complexo do que, aparentemente, se supõe.

Podemos representar a forma da estrutura do componente gramatical na Teoria Padrão Estendida, seguindo o modelo proposto por Cowper (1992, p.10):

⁵⁷ “The important thing here is not so much which aspects of meaning are based on which level of syntactic representation, but rather the idea that various syntactic levels may contain information relevant to the meaning.” (COWPER, 1992, p.13)

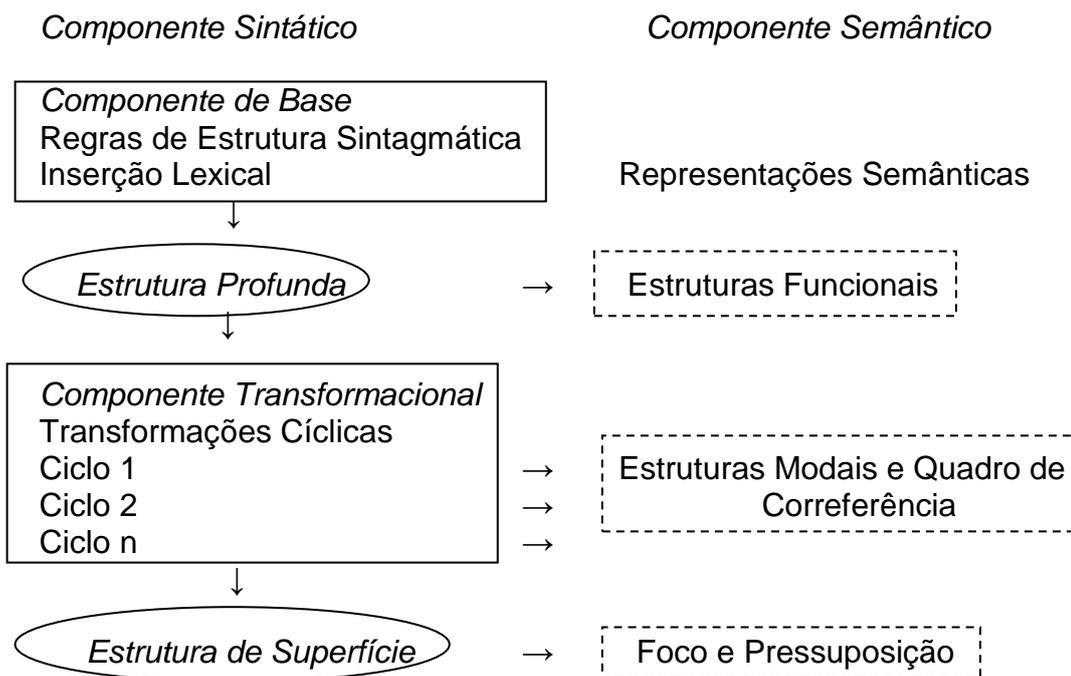


Figura 3 – Estrutura da gramática na Teoria Padrão Estendida (COWPER, 1992, p.10)

Conforme podemos verificar, poucas alterações são realizadas em termos estruturais na representação da gramática entre a Teoria Padrão (1965) e a Teoria Padrão Estendida (1972). Esse último continua sendo formado por um componente sintático dotado de regras de estrutura sintagmática e de inserção lexical que, juntas, geram a estrutura profunda da sentença. Essa, por sua vez, sofre os efeitos das regras transformacionais de forma cíclica. O que for gerado pelo componente transformacional virá a ser a estrutura de superfície, a qual passará pelas regras fonológicas e, por fim, receberá uma representação fonética. O que, de fato, diferencia o presente modelo do anterior é a relação entre os componentes semântico e sintático: apesar de, à primeira vista, os dois componentes estarem misturados, essa nova estrutura do componente gramatical contribuiu para que ambos se tornassem mais autônomos.

A seguir, atentaremos para a forma como o Movimento-*Wh* é contemplado pelos componentes da gramática na Teoria Padrão Estendida e pelas interações entre eles. Observaremos de que maneira a busca pela adequação tanto descritiva quanto explicativa de tal fenômeno sintático se materializa nessa fase da Teoria da Gramática.

3.3.2 O Movimento-*Wh* na Teoria Padrão Estendida

As transformações que envolvem a ocorrência de Movimento-*Wh* em frases interrogativas, conforme já sabemos, são as que nos interessam mais fortemente na presente discussão. Na fase da Teoria Padrão Estendida, entende-se que, em se tratando de construções-*Wh*, o sintagma deslocado sempre deve ocupar a posição inicial da oração (posição de complementizador - COMP), de forma cíclica (aplicando-se a estruturas encaixadas), num processo de “adjunção chomskiana à esquerda”. (LOBATO, 1986, p.322). Temos, daí, a regra denominada *Deslocamento de QU*. Tomando como correta a estipulação acima mencionada (sintagma-*Wh* sempre em COMP inicial), sentenças como (31) e (32) podem ser perfeitamente justificadas; exemplos adaptados de Lobato (1986, p.322):

(31) [Ele disse [_S [_{COMP} que] [ele vem quando?]]]

(32) Ele disse [_S [_{COMP} quando que] [ele vem *t*?]]]

(33) ‘que’ e ‘quando’ = [$\pm Qu$]

Percebemos, em (33), que tanto o elemento “que” quanto o elemento “quando” recebem o mesmo tratamento em relação ao seu *status* de elementos-*Wh* (ou *Qu*); ou seja, ambos são [$\pm Qu$]. O que os diferencia, na verdade, é o fato de que complementadores interrogativos, tais como “quando”, “qual”, “onde”, por exemplo, utilizados em sentenças interrogativas (diretas ou indiretas), têm o traço abstrato marcado como [+*Qu*], enquanto os complementadores não-interrogativos, tais como “que” e pronomes relativos em geral, serão marcados como [-*Qu*], quando usados em sentenças do tipo relativas e substantivas introduzidas por “que”. Derivamos, daí, a regra COMP \rightarrow [$\pm Qu$].

Observemos, contudo, que qualquer elemento-*Wh* deslocado sempre está associado a algum outro elemento da sentença que permanece vazio (não realizado foneticamente), marcando o seu local de origem – grafado sintaticamente pela letra “e” (*empty*; vazio). Observemos alguns exemplos da língua inglesa (34) e (35) (COWPER, 1992), do alemão (36) e (37) e do sueco (38) (ENGDAHL, 2006), todos confirmados pela idêntica ocorrência em português brasileiro, em que o sintagma-*Wh* está co-indexado a sintagmas de diferentes naturezas, como NPs, AdvPs e PPs:

- (34) What did they see [_{NP} e]?
 ('O que eles viram [_{NP} e]?')
- (35) When did they leave [_{AdvP} e]?
 ('Quando eles partiram [_{AdvP} e]?')
- (36) Mit wen glaubst du mit wem Hans Spricht [_{PP} e]?
 ('Com quem tu achas que o Hans está falando [_{PP} e]?')
- (37) Wo'hin ist Karl gefahren [_{AdvP} e]?
 ('Onde o Karl foi [_{AdvP} e]?')
- (38) När är du säkrast hemma [_{AdvP} e]?
 ('Quando você estará em casa [_{AdvP} e]?')

Cada um dos espaços vagos (e) nas sentenças mencionadas acima se encontra numa posição para a qual é designado um papel temático (ou theta, ou simplesmente θ), o qual se torna evidenciado pelo elemento-*Wh* deslocado à posição inicial da sentença. Em outras palavras, o elemento-*Wh* carrega, consigo, a informação relativa ao Caso atribuído ao elemento com o qual ela está relacionado, ocupando um local no início da sentença (COMP) para o qual nenhum caso foi (ou pode ser) atribuído: "O Movimento-*Wh* sempre se dá de uma posição caso-marcada para uma posição não caso-marcada."⁵⁸ (COWPER, 1992, p.105). A Teoria Theta integra a TG mais significativamente a partir do início da década de 80, com a fase do Programa de Princípios e Parâmetros; parece-nos importante, contudo, mencioná-la aqui para fins de explicação da noção de categoria vazia (*ec – empty category*), que leva à introdução da idéia de *vestígio (trace)*.

O Modelo Padrão (1965) atenta para o fato de o local de origem do sintagma-*Wh* ter que ser, de alguma forma, afetado pelo Movimento-*Wh*: ele não pode ficar ileso após gerar um sintagma-*Wh*, lançá-lo à periferia esquerda da sentença e acabar vazio. Nessa fase da Teoria da Gramática, segue-se o *Princípio de Poda*, que "suprimiria o nóculo categorial acima do sintagma Qu, por ele estar vazio." (LOBATO, 1986, p.325). Entretanto, o Modelo Padrão Estendido compreende que um fenômeno de supressão de um nóculo sintagmático que fica vazio após efetuar o movimento não pode ser justificado; propõe, em contrapartida, o *Princípio do Vestígio*, que estipula que "um sintagma deslocado transformacionalmente deixa, na

⁵⁸ "*Wh*-movement is always from a case position to a non-case position." (COWPER, 1992, p.105)

sua posição de origem, um vestígio automaticamente co-indexado com o sintagma deslocado.” (LOBATO, 1986, p.325). Para esse modelo da teoria gerativa, então, sempre que uma transformação de movimento se opera, há o aparecimento de um *vestígio* (*trace*, no presente trabalho indistintamente representado pelas letras *t* e *e*), que nada mais é do que uma “categoria vazia (não pronunciada) que permanece no local de origem do elemento movido. Os vestígios têm o papel de ligar as categorias movidas às posições associadas à sua interpretação.”⁵⁹ (OUHALLA, 1994, p.56).

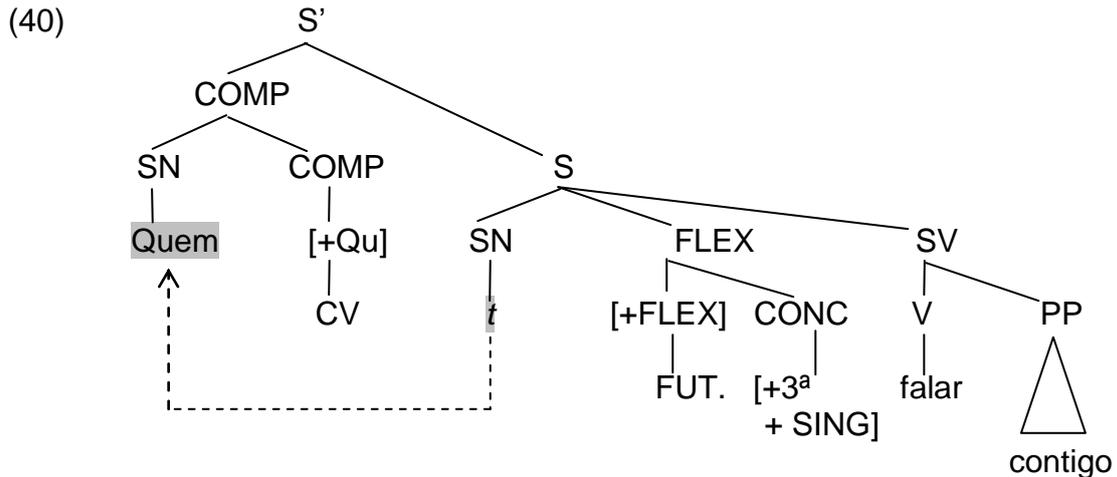
A introdução da noção de vestígio, em 1973, modifica profundamente o entendimento da teoria no que se refere às derivações sintáticas geradas pelo modelo da gramática adotado, que supervaloriza a derivação do componente sintático com base na estrutura profunda simplesmente. A adoção da noção de vestígio concede à estrutura de superfície um novo patamar de importância na teoria, chegando a renomeá-la: ao invés de um nível denominado estrutura superficial (em contraposição à estrutura profunda), temos, a partir de agora, uma entidade denominada *estrutura-S* e outra denominada *estrutura-P*.

Da inclusão desse elemento [vestígio] na teoria resultará uma alteração significativa na forma da gramática: a interpretação semântica, que se fazia até então com base na estrutura profunda e em certos aspectos da estrutura superficial, vai poder ser feita exclusivamente a partir da estrutura superficial, que agora será uma estrutura superficial enriquecida com vestígios e passará a ser intitulada estrutura-S. (LOBATO, 1986, p.314)

Ilustremos a discussão até aqui desenvolvida acerca do Movimento-*Wh* na perspectiva da Teoria Padrão Estendida com a representação em diagrama arbóreo de uma sentença interrogativa direta com a presença de um elemento-*Wh*, como em (39); exemplo nosso, livremente adaptado de Lobato (1986, p.326):

(39) Quem falará contigo?

⁵⁹ “Traces are null (unpronounced) categories which have the role of linking moved categories to the positions associated with their interpretation.” (OUHALLA, 1994, p.56)



No diagrama (40), temos a sentença [S] dividida em três componentes: [SN], [FLEX] e [SV]. O [SN] inicial, que desempenha a função de sujeito da sentença, caracteriza o local onde o sintagma-*Wh* interrogativo é gerado, haja visto a presença de um vestígio “*t*”; [FLEX], elemento flexional abstrato que, nesse caso, é [+FLEX] pelo fato de a sentença ser finita, c-comanda também [CONC], que contém as informações de valores para pessoa, gênero e número [concordância] e, finalmente, há um [SV] constituído de um [V] e de um [PP] complementar. Observamos que, através da aplicação da regra de Deslocamento de QU oriundo de um SN inferior ao SN superior, associada à adjunção do sintagma QU à esquerda de [COMP] com o traço [+QU], obtemos a estrutura P explicitada em (40). Observamos que, para o presente modelo da Teoria da Gramática, o sintagma-*Wh* é inserido na estrutura P na sua forma final “quem”, e não mais na sua forma decomposta “QU + alguém”, como manda o Modelo Padrão, embora não haja ainda, na Teoria Padrão Estendida, consistência metodológica suficiente para a adoção definitiva de tal critério.

Apesar de a regra de Deslocamento de QU, conforme postulada na Teoria Padrão Estendida, poder servir a mais de um propósito – sugere-se que ela deva dar conta da descrição de fenômenos tais como interrogativas diretas e indiretas, por exemplo –, o desejo da teoria gerativa é sempre no sentido de buscar o maior grau de generalização e universalidade possível. Por outro lado, diversas construções sintáticas só podem ser descritas através da aplicação de regras e transformações do tipo *ad hoc*, o que torna o aparato teórico da TG extremamente detalhado, pesado e acaba por afastá-lo de seu objetivo máximo.

A busca cada vez mais evidente por princípios que expliquem – e não simplesmente descrevam as seqüências sintáticas das línguas – acaba por fazer

com que as Restrições de Ilha de Ross (1967), tão importantes no Modelo Padrão, sejam substituídas por princípios mais gerais. Assim, Chomsky (1973) propõe que se abandone as noções de Restrição sobre SN Complexo, Restrição sobre Estruturas Coordenadas e Restrição sobre Sujeito Sentencial e se passe, a partir do Modelo Padrão Estendido, a adotar algumas condições de caráter mais universal: *Condição de Subjacência*, *Condição sobre Sujeito Especificado* e *Condição sobre Sentença com Tempo* (LOBATO, 1986, p.259).

Jackendoff (1972; in COWPER, 1992, p.13) demonstra que certas regras e transformações pertinentes à Teoria Padrão Estendida se encontram muito mais na esfera do significado (componente semântico; forma lógica), do que na esfera da pura estrutura sintática das sentenças (componente sintático). Para o autor, as transformações devem se dar à revelia das noções de referência ou correferência, e as regras particulares devem ser substituídas por regras com maior valor interpretativo. Ele sugere, por exemplo, a introdução de uma noção abstrata Δ para substituir pronomes e elípticos na estrutura P de sentenças como, por exemplo, (41):

- (41) John expects Δ to win. (Δ = John)
(O João espera Δ vencer.)

Cowper (1992, p.13) resume o impacto da proposta de Jackendoff (1972) para a TG:

A introdução de elementos abstratos como esses [Δ] marcaram uma guinada na teoria lingüística e pavimentaram o caminho para o desenvolvimento do chamado Modelo da Gramática Y, também conhecida pelo estranho nome de 'Teoria Padrão Estendida Revisada'.⁶⁰ (COWPER, 1992, p.13)

Em suma, novamente nos deparamos com o embate entre os componentes sintático e semântico e a força que as questões relativas a tal problemática desempenham no avançar da teoria gerativa. Assim, alguns ajustes e aperfeiçoamentos se mostram necessários, pressionando a teoria a buscar um modelo mais abrangente e completo que o anterior; delineia-se, então, no final da década de 70, a Teoria Padrão Estendida Ampliada.

⁶⁰ "The introduction of abstract elements such as these [Δ] marked a turning point in linguistic theory and paved the way for the development of the so-called Y-shaped model of grammar, sometimes known by the awkward name 'Revised Extended Standard Theory'." (COWPER, 1992, p.13)

3.4 A Teoria Padrão Estendida Ampliada (ou Alargada) (1976)

A Teoria da Gramática, quando da proposta da Teoria Padrão Estendida Ampliada, já existe há praticamente duas décadas, tendo passado por diversas alterações, aprimoramentos e redirecionamentos metodológicos. Interessantemente, um intrigante dualismo se materializa na teoria: ao mesmo tempo em que a TG se define como a teoria da Gramática Universal, ao buscar explicar os fenômenos da linguagem de forma a desvendar os aspectos essenciais compartilhados por todas as línguas e oferecer *insights* de caráter científico para a sofisticada tarefa da aquisição da linguagem, seus diferentes modelos de gramática são ainda altamente sofisticados e repletos de regras e transformações de aplicação quase sempre *ad hoc*, o que acaba por distanciá-la de seu objetivo essencial. A tentativa de acabar com tais imperfeições motiva o aparecimento da Teoria Padrão Estendida Ampliada, a qual servirá de base ou inspiração, como veremos no decorrer do trabalho, para o desenvolvimento do próximo passo tomado pela teoria, que será o Programa de Princípios e Parâmetros, no início da década de 80. Em outras palavras: de uma perspectiva puramente derivacional (conforme Modelo Clássico, Teoria Padrão e Teoria Padrão Estendida), a TG agora (a partir da Teoria Padrão Estendida Ampliada e mais fortemente a partir do Programa de Princípios e Parâmetros) assume um caráter mais representacional, focado em princípios generalizadores e simplificados: “[...] uma alteração importante efetuada na teoria foi a mudança na ênfase: de regras para representações.”⁶¹ (COWPER, 1992, p.15)

Ciente de tal problemática, Chomsky e outros autores se dedicam a refletir acerca dessas questões na busca de alternativas para a sua resolução, e algumas obras podem ser apontadas como essenciais para a caracterização dessa fase da TG: de autoria de Chomsky podemos citar *Reflections on Language* (1975), *Questions of Form and Interpretation* (1975), *Conditions on Rules of Grammar* (1976) e *On Wh-Movement* (1977); de Jackendoff, devemos mencionar *Semantic Interpretation in Generative Grammar* (1972) e *X' Syntax: a Study of Phrase Structure* (1977).

⁶¹ “[...] a major change in the theory was the shift in emphasis from rules to representations.” (COWPER, 1992, p.15)

No que se refere ao modelo da gramática proposto nessa fase, verificamos que a distribuição dos componentes de que o modelo se serve, em 1975, se assemelha, de fato, à uma letra Y invertida, daí o motivo pelo qual a Teoria Padrão Estendida Ampliada é também denominada Modelo de Gramática Y (apesar de alguns autores se referirem a ela como Gramática T). A fase da Teoria Padrão Estendida Ampliada recebe ainda outras denominações: *Revisão do EST (Extended Standard Theory*, de acordo com Chomsky, 1976), ou *Outra Versão do EST* (CHOMSKY, 1975), ou simplesmente como *Modelo Revisto*.

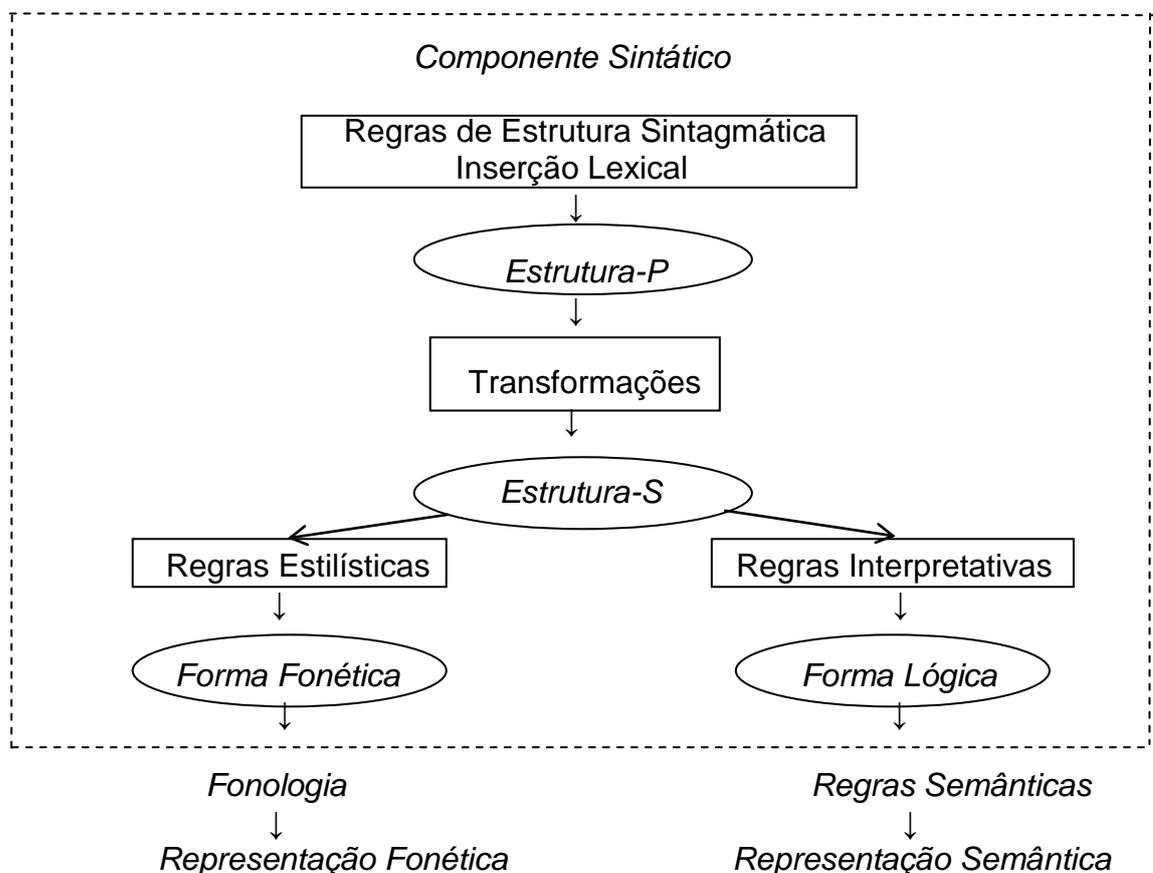


Figura 4 – Estrutura da gramática na Teoria Padrão Estendida Ampliada (COWPER, 1992, p.15)

A simplificação da forma da gramática apresentada acima se deve, em grande parte, ao fato de elementos abstratos – ou categorias vazias (vestígios) – agora fazerem parte das representações sintáticas oficialmente. Além disso, o componente semântico passa a ser abastecido por informações provenientes da interação de regras de inserção lexical e pelas transformações ocorridas na passagem da estrutura-P para a estrutura-S que, por sua vez, é responsável por agregar as regras de interpretação necessárias para gerar a representação

semântica da sentença. Há um salto de importância da estrutura-S no atual modelo se comparado aos modelos de gramática anteriores, que privilegiam a estrutura-P.

A partir de 1976, com a publicação de *Conditions on Rules of Grammar* (CHOMSKY, 1976), o componente transformacional desse modelo da gramática passa a ser integrado por apenas duas regras gerais referentes ao movimento: uma de *Substituição* e outra de *Adjunção: Deslocamento de NP e Deslocamento de Qu*, respectivamente. A primeira “era uma regra de substituição porque substituía um elemento não terminal da derivação (um símbolo vazio) por um elemento lexical (um SN).” (LOBATO, 1986, p.316). A última, por sua vez, “é aquela que desloca um elemento y e o insere (ou adjunge) imediatamente à direita ou à esquerda de um nóculo A já existente, criando, assim, outra ramificação na árvore.” (LOBATO, 1986, p.316). A regra de adjunção (ou Deslocamento de Qu) entra em ação para gerar sentenças dos mais diversos tipos: interrogativas diretas e indiretas, relativas, derivação de comparativas, de topicalização, de frases clivadas, de complementos infinitivos de adjetivos, de complementos infinitivos de modificadores de sintagma adjetivo, de relativas de infinitivo e de interrogativas indiretas de infinitivo. (LOBATO, 1986, p.333).

A regra de Deslocamento de SN reza que “qualquer SN pode ser deslocado para qualquer posição de SN.” (LOBATO, 1986, p.338). Contudo, o que é verificado nas línguas não corresponde à tamanha generalidade, já que tal fenômeno não se concretiza nesses moldes. A gramática é, isso sim, dotada de dispositivos bloqueadores, que impedem muitos movimentos. Um deles é o *Princípio da Preservação da Estrutura*⁶²; outro é o *Princípio do Nóculo Vazio*⁶³, e outros já haviam sido postulados anteriormente pela teoria (Modelo Padrão), como é o caso das *Restrições de Ilha* (ROSS, 1967).

É importante observarmos que as regras transformacionais de Deslocamento (de NP e Qu) são, na verdade, um grande avanço para a teoria, já que ambos movimentos, bem como as condições para a sua representação, podem ser verificados nas mais diversas línguas:

⁶² “Princípio da Preservação da Estrutura: um sintagma só pode ser inserido transformacionalmente abaixo de uma categoria sintagmática idêntica à sua categoria sintagmática de origem.” (LOBATO, 1984, p.338)

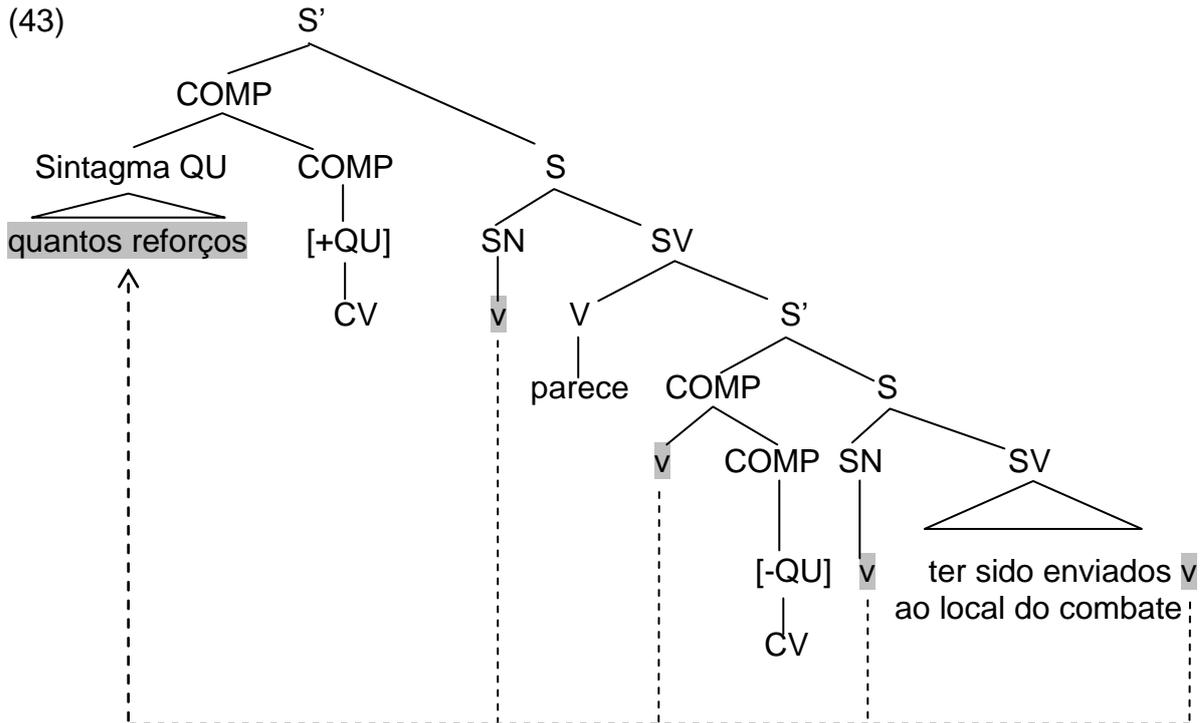
⁶³ “Princípio do Nóculo Vazio: um sintagma só pode ser inserido numa posição vazia.” (LOBATO, 1984, p.338)

O que ocorre é que a divisão do trabalho entre transformações muito gerais, tais como Movimento de NP, e condições sobre representações, tais como o Filtro de Caso, fazem com que seja possível se atingir um alto nível de consistência entre as gramáticas das diversas línguas. Enquanto problemas específicos relacionados à ordem das palavras e morfemas gramaticais forçaram as transformações na teoria padrão a serem particulares para cada língua, pode-se demonstrar que todas as línguas exibem regras como o Movimento-NP e o Movimento-*WH*. As condições para as representações, da mesma forma, mantêm-se essencialmente as mesmas de língua para língua. Já que nosso objetivo maior é descobrir a natureza da gramática universal, a generalidade crescente alcançada pelo mudança de regras para representações é claramente um resultado positivo.⁶⁴ (COWPER, 1992, p.16)

A teoria busca sempre encontrar formas de integrar, em seu componente gramatical, as regras de que dispõe para fins de simplificação e generalização, como já sabemos. Para tanto, veremos que há, na fase da Teoria Padrão Estendida Ampliada, um esforço no sentido de unir, especificamente, as duas únicas regras de que a gramática desse período era composta. Analisando uma sentença interrogativa como a proposta em (42) e representada arboreamente em (43), exemplo e diagrama adaptados de Lobato (1986, p.342), em que verificamos tanto a presença de um sintagma –*Qu*, quanto da voz passiva, teremos instâncias em que as regras de Deslocamento de *Qu* e Deslocamento de SN operam simultaneamente.

(42) Quantos reforços parecem ter sido enviados ao local do combate?

⁶⁴ “It turns out that the division of labor between very general transformations, such as NP-movement, and conditions on representations, such as the Case Filter, make it possible to achieve a great level of consistency among the grammars of various languages. While specific matters of word order and grammatical morphemes forced standard theory transformations to be language-particular, it can be shown that all languages exhibit rules such as NP-movement and *WH*-movement. The conditions on representations, likewise, are essentially the same from language to language. Since our ultimate goal is to discover the nature of universal grammar, the increased generality achieved by the move from rules to representations is clearly a good result.” (COWPER, 1992, p.16)



Em (43), temos a representação da estrutura-P da sentença (42), em que verificamos o movimento cíclico do sintagma-SN deslocado (*quantos reforços*) até atingir a posição de COMP [+QU] da oração principal. Antes disso, entretanto, ele passa por três posições intermediárias: SN vazio da S encaixada (há concordância de gênero e número entre *reforços* e *enviados*), COMP da sentença encaixada (regra de Deslocamento de QU para a posição COMP) e SN (sujeito) vazio da S principal (concordância entre *parecer* e *reforços*). Em resumo, podemos verificar que “[...] esses deslocamentos se processam sucessivamente, [...], ciclo por ciclo, da sentença mais encaixada até a sentença raiz. Em outras palavras, processam-se ciclicamente, sendo *Deslocamento de QU* e *Deslocamento de SN* regras cíclicas.” (LOBATO, 1986, p.344).

A interação das regras de Deslocamento de SN e de Deslocamento QU se mostra essencial para o desenvolvimento da teoria em relação ao movimento nas sentenças. Ambas as regras são cíclicas, facultativas, e não parecem seguir a um procedimento de ordenação explícito. A gramática não gera seqüências agramaticais em virtude da atuação de filtros superficiais e pela força dos princípios universais da gramática. Tais considerações são ratificadas por Lobato (1986): “Esse modelo, nessa fase, tem, portanto, um componente transformacional simplificado e se apóia na interação de diferentes princípios para evitar a

supergeração. [...] é mais um sistema de princípios do que um sistema de regras.” (LOBATO, 1986, p.344). Ou, conforme Ouhalla (1994, p.88):

Apesar de a tentativa de restringir a proliferação das transformações e reduzir algumas delas a um número menor e mais geral de transformações já ser evidente em Chomsky (1973), em que a regra geral do Movimento-NP é discutida, ela não se materializou consistentemente até Chomsky (1977). Esse último convergiu uma quantidade de transformações individuais à uma regra mais geral do Movimento-*Wh*, a qual se aplica a uma vasta quantidade de construções.⁶⁵ (OUHALLA, 1994, p.88)

A seguir, examinaremos como a estrutura da gramática da Teoria Padrão Estendida Ampliada contempla especificamente o Movimento-*Wh*, considerando-se que a teoria se direciona, cada vez mais, à busca de soluções coerentes, que venham ao encontro de seu desejo de adequação descritiva e explanatória.

3.4.1 O Movimento-*Wh* na Teoria Padrão Estendida Ampliada

Na fase inicial da Teoria Padrão Estendida Ampliada, já se estabelece que, por um processo de adjunção chomskyana à esquerda é possível verificar-se o deslocamento de um sintagma-*Wh* para a formação de uma sentença interrogativa gramatical. A regra de Deslocamento de *Qu*, influenciada pelo *Universal de Substituição de COMP*⁶⁶, obedecida, então, era a seguinte (LOBATO, 1986, p.202):

DE:	COMP, W,	[QU], Y		
		$\left. \begin{array}{c} \text{SN} \\ \text{SP} \end{array} \right\}$		
	1	2	3	4 \Rightarrow
ME:	3	2	∅	4

⁶⁵ “Although the attempt to restrict the proliferation of transformations and to reduce some of them to single and more general transformations were already evident in Chomsky (1973), where the general rule NP-Movement is discussed, it did not materialize in a forceful way until Chomsky (1977). The latter collapsed a number of individual transformations into the more general rule Wh-Movement, which applies across a broad range of constructions.” (OUHALLA, 1994, p.88)

⁶⁶ “Universal de Substituição de COMP: somente as línguas que têm complementadores em início de oração têm regras de anteposição de palavras relativas e palavras interrogativas.” (Baker, 1970 & Bresnan, 1970; in LOBATO, 1984, p.202)

Em 1977, num desdobramento posterior da teoria, Chomsky propõe que o deslocamento do sintagma-*Wh* se dê, precisamente, à esquerda de COMP, por ser gramatical, em algumas línguas, a co-ocorrência de sintagma-*Wh* [+QU] e COMP [-QU], conforme já verificamos em exemplos anteriores (19), (20), (21), (22), (27) e (28) e podemos confirmar em (44) e (45); exemplos adaptados de Lobato (1986, p.203):

- (44) Onde que você vai?
 (45) Ele me perguntou quando que eu vou voltar.

Em vista dessas constatações e conseqüentes alterações da teoria, foi proposto o *Universal de Deslocamento de Sintagma QU*⁶⁷ (CHOMSKY & LASNIK, 1977, p. 434; in LOBATO, 1986, p.203). Com essa proposta, Chomsky percebe que o deslocamento de QU não se dá, de fato, para a posição de COMP, conforme se vinha assumindo até então; ele se dá, ao invés disso, para a posição à esquerda de COMP (na Teoria X' a 'posição à esquerda de COMP' será denominada explicitamente Spec – teremos, daí, o movimento-*Wh* para o Spec, CP). É possível perceber que, já nesse período, a teoria faz um esforço no sentido de encontrar formas mais generalizadoras de abordar os fenômenos sintáticos, considerando-se a utilização do termo “universal”, em sintonia com o conceito de “princípio universal”, posteriormente adotado.

Observemos que a co-ocorrência sucessiva de dois sintagmas-*Qu* [+QU] [+QU] é agramatical, conforme vemos em (46), (47) e (48), mas não será agramatical uma sentença em que a co-ocorrência não se dê sucessivamente (49), (50) e (51); exemplos adaptados de Lobato (1986, p.203):

- (46) * Onde o que ele deixou? / O quê onde ele deixou?
 (47) * Quando quem ele viu? / Quem quando ele viu?
 (48) * Quem quem viu?
 (49) O que ele deixou onde? / Onde ele deixou o que?
 (50) Quando ele viu quem? / Quem ele viu quando?

⁶⁷ “Universal de Deslocamento de Sintagma QU: a regra de Deslocamento de QU desloca o sintagma QU para a posição de COMP, à esquerda do complementador.” (CHOMSKY & LASNIK, 1977, p. 434; in LOBATO, 1984, p.203)

(51) Quem viu quem?

Na fase atual da teoria, entende-se que deva existir um filtro capaz de bloquear as construções agramaticais dos tipos *[COMP COMP] ou *[COMP QU QU] contíguas, mas permitir as construções absolutamente gramaticais dos tipos [COMP [COMP...]....] ou [COMP QU QU] descontíguas:

Depois de geradas pela sintaxe, essas seqüências têm de ser filtradas na estrutura superficial, por um filtro que simplesmente diria que é agramatical uma seqüência com dois complementadores contíguos, ou de um complementador com dois sintagmas QU contíguos. (LOBATO, 1986, p.204)

Em *On Wh-Movement* (1977), Chomsky revisita alguns tópicos anteriormente contemplados pela teoria gerativa, revisando e estendendo algumas de suas análises e princípios anteriormente investigados. Ao se deter especificamente no Movimento-*Wh*, o autor reafirma a importância que a noção de vestígio desempenha na teoria:

[...] o movimento-*Wh* deixa um vestígio não-terminal, assim como todas as regras de movimento. Ou seja, a posição de onde o sintagma-*Wh* partiu permanece na estrutura constituinte derivada com o seu índice, idêntico ao índice do sintagma-*Wh*, agora em COMP.⁶⁸ (CHOMSKY, 1977, p.83)

Ao se referir à noção de vestígio como elemento não-terminal, o autor abre a possibilidade de que interpretemos tanto termos como “o que”, “quem”, “quanto”, etc, quanto “que livro” e “qual lugar” como constituintes da mesma natureza – quantificadores-*Wh*. Assim, temos (52), (53) e 54), conforme Chomsky (1977, p.83). Em todos os exemplos (a) temos as sentenças interrogativas com o uso gramatical de um quantificador-*Wh* e, nas sentenças (b), temos a interpretação na Forma Lógica, após a expansão do quantificador-*Wh*:

(52) a. Who did Mary say that John kissed *t*?

(‘Quem a Maria disse que o João beijou *t*?’)

b. para que X, X uma pessoa, a Maria disse que John beijou [X]

⁶⁸ “[...] *wh*-movement leaves a nonterminal trace, just as all movement rules do. That is, the position from which the *wh*-phrase moved remains in the derived constituent structure with its index, identical to the index of the *wh*-phrase, now in COMP.” (CHOMSKY, 1977, p.83)

- (53) a. Whose book did Mary read *t*?
 ('O livro de quem a Maria leu *t*?')
- b. para que X, X uma pessoa, a Maria leu [o livro de X]
- (54) a. Pictures of whom did Mary see *t*?
 ('Fotos de quem a Maria viu *t*?')
- b. para qual X, X uma pessoa, Mary viu [as fotos de X]

O autor (CHOMSKY, 1977) brevemente sintetiza as considerações feitas: "Para resumir, assumimos que, quando um sintagma se move em função de uma transformação, a sua categoria permanece como um 'nódulo não-preenchido', e que o sintagma deslocado e a posição original possuem o mesmo índice."⁶⁹ (CHOMSKY, 1977, p.84). A regra do Movimento-*Wh*, até esse ponto, obedece aos seguintes princípios e restrições (CHOMSKY, 1977, p.86):

- (a) ela deixa um espaço não-preenchido;
- (b) onde há uma ponte, há uma aparente violação da subjacência, do PIC⁷⁰, e do SSC⁷¹;
- (c) ela observa CNPC⁷²;
- (d) ela observa as restrições de ilhas-*Wh*.

O autor deseja, através da aplicação da fórmula sugerida para a constituição da regra do Movimento-*Wh*, verificar a possibilidade de explicar também outros arranjos sintáticos que não somente frases interrogativas e, de fato, sugere que "sentenças relativas restritivas e não-restritivas e interrogativas indiretas"⁷³ (CHOMSKY, 1977, p.87) sejam adequadamente descritas com base no esquema acima – vide exemplos (55), (56) e (57). Além desses tipos de sentenças, as comparativas também seriam devidamente analisadas a partir das regras do Movimento-*Wh*, especialmente no que se refere ao fato de um sintagma-*Wh* ser eliminado de tais sentenças antes de elas serem pronunciadas, conforme

⁶⁹ "To summarize, we assume that when a phrase moves by a transformation, its category remains as an 'unfilled node', and that the moved phrase and the original position have the same index." (CHOMSKY, 1977, p.84)

⁷⁰ PIC = *Propositional-Island Condition* (Condição da Ilha Proposicional)

⁷¹ SSC = *Specified Subject Condition* (Condição do Sujeito Especificado)

⁷² CNPC = *Complex Noun Phrase Constraint* (Restrição do Sintagma Nominal Complexo)

⁷³ "[...] restrictive and nonrestrictive relatives and direct and indirect questions." (CHOMSKY, 1977, p.87)

verificamos em (58) e (59). Em (60) e (61), temos exemplos de sentenças com a aplicação do movimento-*Wh* descrevendo as estruturas de sentenças em que há topicalização e clivagem, respectivamente; todos exemplos adaptados de Chomsky (1977, p.88-99).

- (55) I found a book [[which for] you to read *t*] – I found a book for you to read.
(‘Encontrei um livro [[o qual para] você ler *t*] – ‘Encontrei um livro para você ler.’)
- (56) I found a man [[to whom for] PRO to give the book *t*] – I found a man to whom to give/to whom you can give the book.
(‘Encontrei um homem [[para quem para] PRO dar o livro *t*.] – ‘Encontrei um homem para quem dar/para quem você pode dar o livro.’)
- (57) I wonder [who John saw.]
(‘Me pergunto [quem o João viu.]’)
- (58) Mary isn’t (the same) as [what she was five years ago.]
(‘A Maria não é (a mesma) tal [como ela era há cinco anos.]’)
- (59) Mary isn’t taller than [what she was five years ago.]
(‘A Maria não é mais alta [do que há cinco anos.]’)
- (60) This book I really like. – This book is what I really like.
(‘Deste livro eu realmente gosto.’ – ‘Deste livro é do que eu gosto.’)
- (61) It is this book that I read. – This book is what I read; the book, I read; it was the book that I read.
(‘É o livro que eu li.’ – ‘Este livro é o que eu li.; o livro, eu li; este foi o livro que eu li.’)

Acima, de (55) a (61), encontramos exemplos da língua inglesa que se mantêm também na língua portuguesa ilustrativos acerca de algumas das circunstâncias para as quais Chomsky estende a aplicação bem-sucedida da Regra do Movimento-*Wh*. Ele ainda cita, ao longo do artigo *On Wh-Movement* (1977), diversos outros tipos de construções sintáticas que parecem seguir à mesma regra. Considerando-se que nosso foco, no presente trabalho, são as interrogativas diretas com a presença de um elemento-*Wh*, não nos aprofundaremos no que se refere aos outros tipos de sentença que a regra engloba; apenas citaremos o que o autor entende como sendo um ganho importante para a teoria, já que uma mesma regra,

em princípio, tem condições de descrever satisfatoriamente um grande número de sentenças das mais variadas naturezas, nas mais diversas línguas:

Para resumir, eu sugeri que podemos eliminar da gramática regras de supressão comparativa, topicalização, clivagem, supressão de objeto e 'movimento forte', regras para complementos adjetivais e adjetivo-qualificadores, e outros, em favor de uma regra geral de movimento-*Wh*, que também gera interrogações diretas e indiretas (finitas e não-finitas) e orações relativas finitas e não-finitas, várias regras bastante gerais de interpretação, e algumas propriedades de línguas específicas de estrutura de base e de superfície. Se essa análise se comprovar aceitável, poderemos reduzir drasticamente o aparato gramatical para a descrição do inglês; mas mais importante do que isso, poderemos limitar drasticamente a classe de regras possíveis.⁷⁴ (CHOMSKY, 1977, p.110-111)

Detenhamo-nos, agora, na análise de sentenças em que há movimento-*Wh* em sentenças interrogativas, em que o sintagma-*Wh* parte de posições NP não-sujeito; exemplos adaptados de Chomsky (1977, p.113-114). Em (62), há movimento-*Wh* envolvendo um PP ("about who"); em (63), há movimento-*Wh* de um sintagma-quantificador somado a um NP envolvendo um PP ("of what books"):

- (62) Who did John write a book about *t*? – John wrote [NP a book] [PP about who]
 ('Sobre quem o João escreveu um livro *t*? – O João escreveu [NP um livro] [PP sobre quem']')
- (63) What books did he write reviews of *t*? – John wrote [NP reviews] [PP of what books]
 ('De que/Sobre que livros ele escreveu críticas *t*? – O João escreveu [NP críticas] [PP de que/sobre que livros]')

Chomsky também estende a aplicação da Regra do Movimento-*Wh* a sentenças com a presença de algum elemento-*Wh* quantificador, obedecendo a um

⁷⁴ "To summarize, I have suggested that we can eliminate from the grammar rules of comparative deletion, topicalization, clefting, object-deletion and 'tough movement', rules for adjective and adjective-qualifier complements, and others, in favor of the general rule of *wh*-movement that also yields direct and indirect questions (finite and infinitival) and finite and infinitival relative clauses, several rather general rules of interpretation, and some language-specific properties of base and surface structures. If this analysis proves tenable, we can drastically reduce the grammatical apparatus for the description of English; but more important, we can drastically limit the class of possible rules." (CHOMSKY, 1977, p.110-111)

princípio denominado RAOAC⁷⁵, garantindo a geração de (64), em que o movimento-*Wh* leva consigo o elemento “books”, mas não de (65), em que o movimento-*Wh* desconstrói o sintagma-*Wh* que deve ser movido por inteiro; exemplos adaptados de Chomsky (1977, p.121):

- (64) How many books did John read *t*?
 (‘Quantos livros o João leu *t*?’)
- (65) *How many did John read books?
 (*‘Quantos o João leu livros?’)

A *Teoria dos Vestígios* é uma das grandes motivadoras para a mudança na teoria, no que se refere ao abandono das noções de regras e transformações para a adoção de noções mais abrangentes, como princípios e parâmetros, pelo fato de os vestígios dos sintagmas-*Wh* serem semelhantes, porém não idênticos, aos vestígios dos sintagmas nominais. Os exemplos abaixo, (66) e (67), adaptados de Lobato (1986, p.372), ilustram essa problemática. Em (66), o vestígios se comportam de forma idêntica em relação ao pronome “ele” e ao nome “João”. Já em (67), os vestígios estão co-indexados a diferentes referentes, o que torna as sentenças gramaticais.

- (66) *Quem_i ele_i acha que v_i saiu?
 *Ele_i acha que João_i saiu.
- (67) Quem_i ele_j acha que v_i saiu?
 Ele_i acha que João_j saiu.

A autora explica como a problemática em relação aos vestígios-*Wh* e vestígios-SN afeta a teoria de uma forma geral:

Como explicar essas diferenças e semelhanças? A tentativa de explicá-las vai levar a modificações tais na teoria, que culminarão na teoria da regência e ligação [...]. Essa teoria, a partir das configurações estruturais dos marcadores sintagmáticos, estabelece o conjunto de condições universais sobre co-indexação entre dois termos. Nessa nova proposta, os vestígios de *QU* serão considerados como categorias vazias de status teórico diferente dos vestígios de SN, para efeito desses princípios, os quais vistoriam os índices atribuídos aleatoriamente aos sintagmas nominais. Mais

⁷⁵ RAOAC = *Relativized A-over-A condition* (Condição do A-sobre-A Relativizado)

precisamente, os vestígios de sintagma *QU*, mas não os de *SN*, serão interpretados na FL como variáveis. (LOBATO, 1986, p.373)

A conclusão a que chegamos, ao final das considerações acerca da validade e aplicabilidade da Regra do Movimento-*Wh*, conforme proposto na presente fase da TG – Teoria Padrão Estendida Ampliada – é a de que ela contribui de maneira significativa para que se caminhe na direção fundamentalmente desenhada pela teoria lingüística gerativa, cujo maior objetivo é a redução, ao menor número possível, da classe de gramáticas possíveis e disponíveis (acrescente-se, aqui, também, as sub-partes que compõe a gramática, tais como regras, transformações, restrições, condições, princípios, etc).

Há que se considerar, também, que a Teoria Padrão Estendida Ampliada exerce grande importância na linha evolutiva seguida pela TG, pois em virtude de seu desenvolvimento e exercício se desenharam os primeiros esboços acerca das noções – ainda que rudimentares – de princípios e parâmetros; noções essas que virão a formar os pilares metodológicos e, por que não, filosóficos da próxima grande fase da TG.

Esse modelo, nessa fase, tem, portanto, um componente transformacional simplificado e se apóia na interação de diferentes princípios para evitar a supergeração. É por isso que se diz que é mais um sistema de princípios do que um sistema de regras. Mas essa característica vai sobressair mais é na fase atual do modelo (teoria da regência e da ligação) em que novos princípios terão sido acrescentados à teoria gramatical. (LOBATO, 1986, p.344)

Damos por concluída a revisão histórico-teórica da primeira grande fase percorrida pela Teoria da Gramática Chomskyana, a saber, o Modelo Clássico, a Teoria Padrão, a Teoria Padrão Estendida e a Teoria Padrão Estendida Ampliada, além, obviamente, da forma como o Movimento-*Wh* é entendido, descrito e explicado por cada um desses modelos. Nosso foco, no próximo capítulo, será o Programa de Princípios e Parâmetros, largamente orientado pela Teoria da Regência e Ligação (ou GB, do inglês *Government and Binding Theory*) e, dentro dessa nova perspectiva, o tratamento dado ao Movimento-*Wh* interrogativo.

4 TEORIA DA GRAMÁTICA – A FASE DO PROGRAMA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

A fase inicial da Teoria da Gramática – ou Gramática Gerativo-Transformacional, que se estende de 1957 até o final da década de 70, traduz-se como aquela que trouxe à ciência lingüística uma abordagem absolutamente nova e formal em relação aos fenômenos da linguagem. A evolução que se dá na busca pelo entendimento da linguagem humana através da proposta de uma gramática universal dotada de diversos níveis, componentes e subcomponentes, sobre os quais operam regras e transformações capazes de gerar todo e qualquer tipo de sentença, representa um marco inigualável dentre as abordagens adotadas até então. Entretanto, cada vez mais o aparato técnico-teórico formador da Teoria da Gramática se mostra limitado e, de certa forma, incapaz de lidar com determinados fenômenos da linguagem com base simplesmente nos recursos de que dispõe. Assim, de uma perspectiva de regras, parte-se para uma perspectiva de princípios, conforme explica Newmeyer em seu artigo *Regras e Princípios no Desenvolvimento Histórico da Sintaxe Gerativa*⁷⁶ (NEWMEYER; in KASHER, 1991, p.200):

Uma caracterização recente da história da sintaxe gerativa é a do progresso estável através de um processo de adições graduais. Essa visão aponta para uma sucessão de descobertas, cada uma delas se construindo com base em descobertas prévias, que impulsionaram o campo num curso retilíneo que levou, inexoravelmente, à teoria da regência e ligação (GB) dos dias atuais. Para ser específico, essa abordagem caracteriza a tarefa principal do sintaticista de trinta anos atrás, que foi construir gramáticas de línguas individuais, cada uma consistindo de uma lista de regras específicas para aquela língua.⁷⁷ (NEWMEYER, in KASHER, 1991, p.200)

Vale ressaltar, contudo, que, apesar de a passagem de regras para princípios constituir uma nova abordagem no contexto de uma única teoria, um estágio não invalida ou descredita o anterior; pelo contrário, o que se assume em termos

⁷⁶ *Rules and Principles in the Historical Development of Generative Syntax* (NEWMEYER; in KASHER, 1991, p.200)

⁷⁷ “A recent characterization of the history of generative syntax is one of steady progress throughout a process of accretion. This view points to a succession of discoveries, each building on prior ones, that have steered the field on a straight course that has led inexorably to the government-binding (GB) theory of the present day. To be specific, this account characterizes the principal task of the syntactician of thirty years ago to have been to construct grammars of individual languages, each consisting of a list of language-particular rules. (NEWMEYER, in KASHER, 1991, p.200)

metodológicos é que cada período contribui, à sua maneira, para o desenvolvimento da teoria como um todo. Newmeyer (in KASHER, 1991, p.202) afirma:

[...] cada transição sucessiva no desenvolvimento da sintaxe gerativa, de um período orientado por regras ou de um período orientado por princípios, ou mesmo na direção contrária, representou um grande passo à frente no nosso entendimento da natureza dos processos sintáticos. [...] O melhor trabalho na sintaxe gerativa, na verdade, considerou que tanto a motivação por regras quanto a motivação por princípios eram tarefas inteiramente complementares.⁷⁸ (NEWMEYER; in KASHER, 1991, p.202)

Conforme consideramos previamente, o último modelo da TG (Teoria Padrão Estendida Ampliada) desencadeia mudanças importantes, que vêm, em meados da década de 80, a representar uma guinada na perspectiva teórica da TG, fazendo surgir o *Programa de Princípios e Parâmetros (Principles and Parameters Program)*, do qual a *Teoria da Regência e Ligação (GB – Government and Binding Theory)* é o elemento essencial. Atentemos para o fato de que ambas nomenclaturas são intercambiáveis em referência a essa fase da teoria, apesar de Chomsky alertar para o fato de que P&P e GB são conceitos distintos⁷⁹:

A abordagem P&P é, por vezes, denominada Teoria da Regência e Ligação (GB). Tal terminologia é enganosa. Verdade, os esforços iniciais no sentido de sintetizar o pensamento corrente nesses termos se concentrava nas teorias da regência e da ligação [...], mas esses módulos da linguagem encontram-se junto a muitos outros: teoria do Caso, teoria- θ , e assim por diante⁸⁰ (CHOMSKY, 1996, p.30)

Algumas das obras fundamentais publicadas por Chomsky nesse período são *Lectures on Government and Binding* (1982), o artigo *Principles and Parameters in Syntactic Theory* (1981), *Knowledge of Language* (1986), *Barriers* (1986), *Language and Problems of Knowledge – The Managua Lectures* (1988), *Lectures on Government and Binding – The Pisa Lectures* (1982).

⁷⁸ “[...] each successive transition in the development of generative syntax, whether from a rule-oriented period to a principle-oriented period, or in the opposite direction, has represented a major step forward in our understanding of the nature of syntactic processes. [...] The best work in generative syntax, in fact, has taken rule-motivation and principle-motivation to be entirely complementary tasks.” (NEWMEYER; in KASHER, 1991, p.202)

⁷⁹ Apesar de termos ciência de tal distinção, adotamos os termos P&P e GB quase que indistintamente no presente trabalho. (Nota nossa)

⁸⁰ “The P&P approach is sometimes termed *Government-Binding (GB) Theory*. The terminology is misleading. True, early efforts to synthesize current thinking in these terms happened to concentrate on the theories of government and binding [...], but these modules of language stand alongside many others: Case-theory, θ -theory, and so on.” (CHOMSKY, 1996, p.30)

A idéia basilar to P&P é a de que o conhecimento gramatical (ou sintático) do ser humano pode ser estipulado a partir da interação simultânea de dois mecanismos formais: os *princípios* e os *parâmetros*. Os primeiros constituem um conjunto finito universal, comum a todas as línguas humanas; os segundos são os elementos de um conjunto também finito responsável pela variação sintática entre as línguas. Assim, o lingüista gerativo que se baseia na estrutura do P&P tem por objetivo identificar os princípios e os parâmetros inerentes às línguas; ou seja, revelar a estrutura da Gramática Universal (GU).

A GB agora tenta juntar o montante de pesquisas em um sistema coerente de organização gramatical que é qualitativamente diferente das abordagens prévias da sintaxe gerativa. O objetivo tornou-se reduzir as opções das gramáticas das línguas particulares ao mínimo absoluto necessário para atingir adequação descritiva. Isso é feito através da imposição de condições substantivas muito rígidas nos sistemas de regras e representações que constituem gramáticas individuais.⁸¹ (WEBELHUTH, 1995, p.29)

Para tanto, o trabalho desenvolvido na área da sintaxe gerativa se dá no sentido de explicar a utilização de um determinado princípio (invariável) ou parâmetro (variável) numa determinada língua e verificar a sua ocorrência em outras línguas humanas, a fim de avaliar a sua possível aplicabilidade (universalidade) ou variação. Esse trabalho leva a um inevitável refinamento da teoria e do seu aparato teórico, haja visto que ele tenta, sempre e cada vez mais, explicar as variações sintáticas na sua totalidade. Newmeyer (in KASHER, 1991, p.200) conclui:

Entre aquele tempo [30 anos atrás] e o presente, nosso entendimento cada vez mais profundo dos princípios da gramática universal (GU) levou a uma redução estável da complexidade e da particularidade das regras. Hoje, o nosso entendimento desses princípios é profundo; na verdade, estamos nos aproximando do ponto em que poderemos atribuir virtualmente todas as diferenças observáveis entre as línguas à parametrização desses princípios dentro de limites altamente circunscritos.⁸² (NEWMAYER, in KASHER, 1991, p.200)

⁸¹ "LGB [*Lectures on Government and Binding*] now tries to put together these strands of research into one coherent system of grammatical organization that is qualitatively different from the early approaches in generative syntax. The goal has become to reduce the language-particular options in grammars to the absolute minimum necessary to achieve descriptive adequacy. This is done through the imposition of very strict substantive constraints on the systems of rules and representations that make up individual grammars." (WEBELHUTH, 1995, p.29)

⁸² "Between that time [30 years ago] and the present, our ever deepening understanding of the principles of universal grammar (UG) has led to a steady reduction of the complexity and language particularity of these rules. Today, our understanding of these principles is profound; in fact, we are

Notemos que tal entendimento – princípios universais em detrimento de regras específicas – não é de todo inédito na teoria. Mesmo antes de o P&P se consolidar como uma proposta metodológica inovadora no campo da sintaxe gerativa, Chomsky já entende que as línguas humanas devem compartilhar determinados aspectos de sua estrutura essencialmente universais (CHOMSKY, 1965, p.35) e que o avanço da teoria sintática depende fortemente de tal universalidade:

O progresso real na área da lingüística consiste da descoberta de que certos aspectos de determinadas línguas podem ser reduzidos a propriedades universais da linguagem e explicados através desses aspectos mais profundos da forma lingüística.⁸³ (CHOMSKY, 1965, p.35)

Para o autor, apenas a crença na existência de uma Gramática Universal equipada com princípios e parâmetros é capaz de explicar adequadamente o vasto número de línguas existentes no mundo:

Se houvesse apenas uma língua humana, a história terminaria essencialmente por ali. Mas sabemos que isso é falso, um fato bastante surpreendente. Os princípios gerais do estado inicial evidentemente permitem um certo número de variações. Associadas aos diversos princípios, há parâmetros com poucos – talvez apenas dois – valores. Possivelmente, [...] os parâmetros estão, na verdade, restritos ao léxico, o que significaria que o resto da linguagem-I é fixa e invariante, uma idéia audaciosa que vem provando ser bastante produtiva.⁸⁴ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.23)

Em termos estruturais, a forma da gramática sob a concepção do Programa de Princípios e Parâmetros (doravante P&P) se desenha conforme a representação a seguir:

close to the point where we can attribute virtually all observable differences among languages to the parameterization of these principles within highly circumscribed limits.” (NEUMEYER, in KASHER, 1991, p.200)

⁸³ “Real progress in linguistics consists in the discovery that certain features of given languages can be reduced to universal properties of language, and explained in terms of these deeper aspects of linguistic form.” (CHOMSKY, 1965, p.35)

⁸⁴ “If there were only one human language, the story would essentially end there. But we know that this is false, a rather surprising fact. The general principles of the initial state evidently allow a range of variation. Associated with many principles there are parameters with a few – perhaps just two – values. Possibly, [...] the parameters are actually restricted to the lexicon, which would mean that the rest of the I-language is fixed and invariant, a far-reaching idea that has proven quite productive.” (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.23)

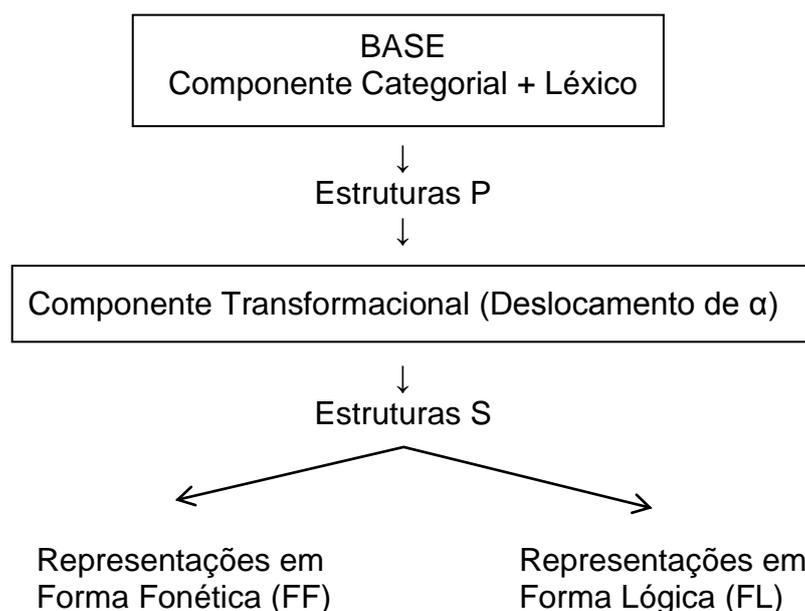


Figura 5 – Estrutura da gramática no Programa de Princípios e Parâmetros (LOBATO, 1986, p.401)

Chomsky entende que a gramática é estruturada a partir da interação de dois componentes principais, a saber: a Base, formada pelo Componente Categórico e o Léxico, e o Componente Transformacional. De acordo com essa concepção, as estruturas das línguas são geradas a partir da interação das regras de base do componente categórico, somadas ao Léxico, gerando as Estruturas-P; essas, por sua vez, se traduzem nas Estruturas-S pela aplicação do componente transformacional (movimento ou deslocamento de α). As estruturas-S derivam tanto o componente FF (ou Representações em FF) quanto o componente FL (ou Representações em FL), concentrando tanto os traços da “estrutura superficial” da sentença, quanto os traços que marcam o local de origem na estrutura-P dos elementos movidos.

Na versão da GB da teoria dos princípios e parâmetros, o nível de representação sintática da estrutura-S é onde os efeitos do movimento ainda podem ser vistos, pois são necessários para determinar tanto a forma fonética da sentença no componente FF quanto sua forma lógica no componente FL.⁸⁵ (COOK & NEWSON, 1996, p.46)

A gramática do presente modelo do programa gerativo também é denominada Teoria T pelo fato de ser formado por três componentes principais, numa

⁸⁵ “In the GB version of principles and parameters theory, the S-structure level of syntactic representation is where the effects of movement can still be seen, as these are necessary for determining both the phonetic form of the sentence in the PF component and its logical form in the LF component.” (COOK & NEWSON, 1996, p.46)

organização tripartida: sintaxe + fonologia + semântica, sendo que as duas últimas são claramente o resultado – níveis de interface – da influência primordial da primeira, que serve de ponte para a interação entre som e significado.

Uma alteração bastante importante em relação à estrutura da gramática no P&P é o entendimento que se passa a ter do que seja gerado ou projetado pelo componente de base da gramática. A partir desse modelo, o componente de base é responsável por projetar o léxico, de acordo tanto com os princípios da GU quanto com os parâmetros fixados pela língua. Anteriormente, como podemos lembrar, o componente de base gera estruturas a partir de S pela interação das regras sintagmáticas e da regra de substituição lexical. Em suma,

[...] o que se propõe é que, na teoria universal, o componente categorial só contenha os *princípios* gerais da sintaxe X', não contendo nenhuma regra, e que nas gramáticas específicas esse componente informe sobre as opções de cada língua a respeito dos parâmetros variáveis da GU. (LOBATO, 1986, p.406)

O fato de ser essencialmente um *sistema de princípios*, aplicáveis tanto a regras quanto a representações de diferentes níveis ou componentes, cria a necessidade de que o modelo de gramática da GB lance mão de um aparato técnico-teórico auxiliar, composto por algumas subteorias (ou modelos). São elas (LOBATO, 1986, p. 412): Teoria X-barras, Teoria da Fronteira, Teoria da Regência, Teoria Theta (ou θ), Teoria dos Casos, Teoria da Ligação e Teoria do Controle. Todas essas subteorias de suporte e complementação têm a função de mostrar que a gramática do P&P se estabelece a partir da premissa de que ela é, na verdade, uma rede de subteorias interligadas às outras, e que a análise, tanto em nível descritivo quanto explanatório, exige um tratamento que leve em conta a combinação dos múltiplos fatores tratados pelas subteorias individualmente. De acordo com Chomsky: “A tarefa é mostrar que a aparente riqueza e diversidade dos fenômenos lingüísticos é ilusória e epifenomenal, o resultado da interação dos princípios fixos sob condições sutilmente variáveis.”⁸⁶ (CHOMSKY, 1995; in WEBELHUTH, 1995, p.389)

Para a GB, a estrutura-P das sentenças requer uma menção à sua estrutura sintagmática, que é garantida pela subteoria da sintaxe denominada X-Barra (ou X').

⁸⁶ “The task is to show that the apparent richness and diversity of linguistic phenomena is illusory and epiphenomenal, the result of interaction of fixed principles under slightly varying conditions.” (CHOMSKY, 1995; in WEBELHUTH, 1995, p.389)

A teoria X' integra o componente lexical ao componente sintático, pois se preocupa tanto com as características das categorias lexicais quanto com a estrutura sintática da sentença, que deve refletir as propriedades dos itens lexicais que a compõe. A teoria da fronteira observa as restrições acerca do movimento entre as estruturas S e P nas línguas, restringindo o Mova α em termos de que elementos podem ser movidos, de onde podem ser retirados e para onde podem ser deslocados na sentença. Além da Teoria X' e da Teoria da Fronteira, a GB também observa as relações funcionais entre as partes das sentenças, as quais são denominadas 'papéis- θ ' (agente, paciente, etc). Uma outra subteoria que compõe o aparato da GB é Teoria dos Casos, ligada tanto à estrutura-P quanto à estrutura-S, que designa casos (abstratos ou morfológicos) aos NPs das sentenças. Finalmente, a Teoria da Ligação dá conta de explicar como as referências a vários tipos de NPs podem estar ligadas a outros NPs (anafóricos, pronominais ou referenciais) e a Teoria do Controle contribui com a GB por lidar com os sujeitos de orações infinitivas (elemento pronominal abstrato – PRO).

Nos últimos anos [...], a teoria Chomskyana recebeu de novo grandes modificações. Deixou ela de ser basicamente um 'sistema de regras', como era até então, para ser antes de tudo um 'sistema de princípios', estando esses princípios ligados aos diferentes subsistemas da teoria: teoria X", teoria teta, teoria dos casos, teoria da ligação, teoria da fronteira, teoria do controle e teoria da regência. Por causa da grande importância do papel desempenhado pelas noções de regência e ligação nessa última versão da teoria, passou ela também a ser intitulada *teoria da regência e ligação* [...]. (LOBATO, 1986, p.315)

Pelo menos em sua fase inicial, o P&P se assemelha à fase anterior da teoria em diversos aspectos. Apesar de constituir uma proposta inovadora no desenvolvimento da empreitada gerativista, Lobato (1986) nota que a fase atual não constitui uma ruptura com a linha teórica seguida até o início dos 80: "Chomsky continua a enfatizar que se trata de um desenvolvimento, direto e sem ruptura, da teoria padrão estendida, podendo, portanto, continuar a receber essa denominação." (LOBATO, 1986, p.315). Damo-nos por conta, daí, que a atual fase da TG oferece o aperfeiçoamento de noções não necessariamente inéditas. Conceitos anteriormente introduzidos, ainda que de forma rudimentar, são retomados no P&P, recebendo, agora, o *status* de constituintes essenciais da GB, em especial no que se refere ao tratamento envolvendo Movimento nas línguas: Teoria dos Vestígios, Teoria X-

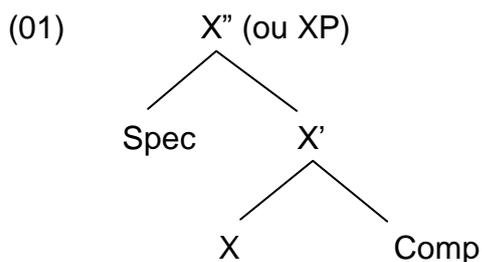
Barra, Mova α e a sofisticação da noção do elemento COMP na estrutura das sentenças. A seguir, nos deteremos separadamente em cada uma delas.

A Teoria X-barra é um componente da teoria lingüística gerativa que busca, essencialmente, identificar estruturas sintáticas comuns a todas as línguas naturais. Sua premissa é a de que há certas semelhanças estruturais compartilhadas pelas línguas em suas categorias sintagmáticas (NP, VP, AdjP, PP), incluindo-se aí uma categoria denominada “X-barra”, que deve ser capaz de captar essa generalização intracategorial. Chomsky lançou a Teoria X-barra em *Remarks on Nominalization* (1970) e Jackendoff a desenvolveu e aprofundou em *X' Syntax: a Study of Phrase Structure* (1977). Chomsky (1982) nos explica:

O trabalho inicial na fase da gramática transformacional permitia um grande número de escolhas de gramáticas-base e transformações. Trabalhos subseqüentes tentaram reduzir a classe de gramáticas admissíveis através da formulação de condições gerais de tipos de regras, aplicação de regras, ou *output* que garantiria que sistemas de regras muito mais simples, não-dotados de especificações detalhadas para indicar como e quando as regras se aplicam, ainda assim gerariam estruturas requeridas de forma correta. Por exemplo, a Teoria X-barra reduz radicalmente a classe de componentes-base possíveis, várias condições em relação a regras permitem uma redução na categoria das regras de movimento permitido, e condições na estrutura de superfície, estrutura-S e FL permitem ainda maiores simplificações das regras e de sua organização. Tais reduções na variedade de sistemas possíveis são obviamente bem-vindos, para fins de contribuição à adequação explanatória.⁸⁷ (CHOMSKY, 1982, p.13)

A Teoria X-barra tem condições de explicar e demonstrar a existência de constituintes intermediários – entre X” e X há uma categoria X’, por exemplo – entre as categorias lexicais e os sintagmas completos, atribuindo mais de uma regra de reescrita para uma mesma categoria, ao contrário das regras sintagmáticas – em que, para cada item lexical, só havia uma regra. A partir da aplicação da teoria, temos uma estrutura como (01), conforme Miotto (2007, p.47):

⁸⁷ “Early work in transformational grammar permitted a very wide choice of base grammars and of transformations. Subsequent work attempted to reduce the class of permissible grammars by formulating general conditions on rule type, rule application, or output that would guarantee that much simpler rule systems, lacking detailed specification to indicate how and when rules apply, would nevertheless generate required structures properly. For example, X-bar theory radically reduces the class of possible base components, various conditions on rules permit a reduction in the category of permitted movement rules, and conditions on surface structure, S-structure and LF allow still further simplification of rules and their organization. Such reductions in the variety of possible systems are obviously welcome, as contributions to explanatory adequacy.” (CHOMSKY, 1982, p.13)



Em (01), temos um X'' como projeção máxima de um determinado sintagma, dominando os nós intermediários Spec (*Specifier* – Especificador) e X' que, por sua vez, domina os nós X (núcleo do sintagma em questão) e Comp (*Complementizer* – Complementizador). Observemos que Spec e X' estão numa relação de irmandade, bem como X e Comp.

A Teoria X' assume a existência de núcleos de diferentes naturezas: vazios ou pronunciados, lexicais ou funcionais. Um núcleo lexical tem natureza essencialmente lexical, podendo selecionar semanticamente (s-selecionar) seus argumentos. Um núcleo do tipo lexical pode ser do tipo N (Nome), Adj (Adjetivo), V (Verbo) e P (Preposição).

O grupo de núcleos funcionais tem função gramatical (e não lexical), podendo apresentar-se como afixos ou mesmo ser nulos. Eles apenas podem c-selecionar seu complemento (selecionar a categoria à qual esse deve pertencer). Como vimos, um núcleo funcional é constituído de um complemento e pode ocupar uma posição de Spec. Lembramos que Spec “é uma posição que só pode alojar constituintes que tenham traços compatíveis com os do núcleo.” (MIOTO, 2007, p.65). As noções de IP (Sintagma Flexional, ou *Inflectional Phrase*), CP (Sintagma Complementizador, ou *Complementizer Phrase*) e Spec (Especificador, ou *Specifier*) são essenciais para que possamos desenhar a teoria envolvendo o Movimento-*Wh* na perspectiva da GB: “Essas posições de especificador se mostram imensamente úteis no tratamento do movimento sintático na sentença [...]”⁸⁸ (COOK & NEWSON, 1996, p.151)

Pelo estabelecimento da hierarquia proposta pela teoria X-barra nas representações arbóreas, as construções sintáticas passam a ser compreendidas sob um novo olhar, mais minucioso e generalizador ao mesmo tempo. Além disso, a teoria X-barra é vantajosa se comparada às (antigas) gramáticas baseadas em regras sintagmáticas pelo fato de exigir que o núcleo de uma dada categoria

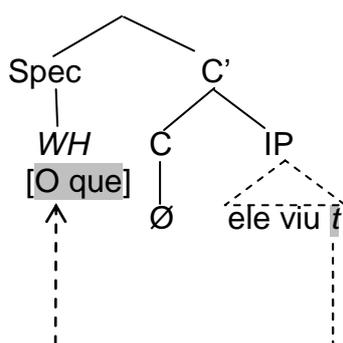
⁸⁸ “These specifier positions prove to be immensely useful in dealing with syntactic movement in the sentence [...]” (COOK & NEWSON, 1996, p.151)

sintagmática (XP ou X'') tenha a categoria lexical correspondente como elemento obrigatório de reescrita. Assim, se um sintagma XP for referente a um sintagma nominal, ele será representado $N'' \rightarrow \dots N' \dots \rightarrow \dots N \dots$; se for um sintagma verbal, será $V'' \rightarrow \dots V' \dots \rightarrow \dots V \dots$ e da mesma forma para qualquer categoria lexical nuclear. Além disso, a posição de Spec só poderá ser preenchida por um constituinte que tenha traços compatíveis com os de seu núcleo. Assim, conseqüentemente, o Spec de um CP interrogativo só poderá alojar uma expressão interrogativa (elemento-*Wh*), como *onde*, *quando*, *como*, etc.

A categoria funcional dos Complementizadores (*Complementizers* = COMP) é incorporada à teoria gerativa via teoria X'. O Complementizador equivale, em linhas gerais, ao que a gramática tradicional classifica como 'conjunção subordinada', como é o caso de "that" e "for" em inglês e de "que" e "por" em português, por exemplo. O COMP constitui normalmente o núcleo de uma oração encaixada, sendo representado pela sigla CP (de *complementizer phrase* ou sintagma complementizador). Interessantemente, observamos que a classe de sintagmas interrogativos é, por uma determinação da teoria X' perante a operação de movimento, alojados na posição de Spec do CP, no modelo de gramática atual – lembremos que, na fase da Teoria Padrão Estendida e na fase seguinte (Teoria Padrão Estendida Ampliada), o deslocamento do sintagma-*Wh* se dá para o CP pura e simplesmente, num processo de adjunção chomskyana à esquerda, mas não necessariamente "à esquerda de COMP" (para o seu Spec). Consideremos (02) e (03), em que ilustramos o local de pouso do sintagma-*Wh* deslocado como o Spec do CP, ao sabor das prerrogativas teóricas do P&P, na língua portuguesa (exemplos nossos):

(02) O que ele viu *t*?

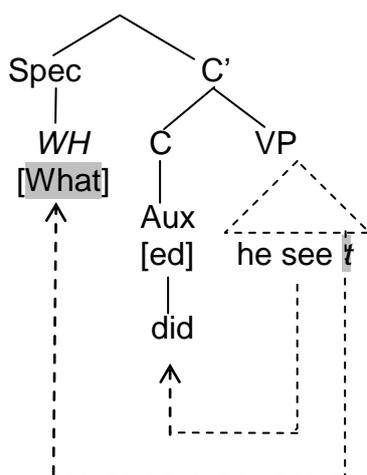
(03) CP



Em (03), temos o elemento-*Wh* deslocado de seu local de origem [VP] e alçado à periferia esquerda da sentença, ocupando a posição de Spec do CP mais alto. Observemos que C, o núcleo do CP, permanece vazio (\emptyset), pois em português não há a inserção de nenhum verbo auxiliar para a formação de sentenças negativas, como é o caso de algumas línguas. Observemos também como a mesma sentença pode ser representada na língua inglesa (04) e (05) respectivamente, em que temos o preenchimento devido de C pela inserção do auxiliar *did*, respeitando o tempo verbal da sentença, pois sabemos que “a estrutura de perguntas do inglês requer um núcleo vazio no CP da oração principal para onde o movimento [do verbo] pode ocorrer.”⁸⁹ (COOK & NEWSON, 1996, p.151)

(04) What did he see *t*?

(05) CP



Lembremos que o movimento, na arquitetura gramatical do P&P, é o elemento que interage com os dois níveis de representação da sentença, unindo-os: a estrutura-P, em que estão expressas as relações temáticas, e a estrutura-S, em que eles se traduzem a fim de se manifestar tanto nas Representações em Forma Fonética quanto nas Representações em Forma Lógica. Em relação ao componente transformacional, cabe-nos notar que, ao contrário dos modelos de gramática propostos anteriormente, o modelo atual é composto por apenas uma regra maior e mais abrangente – Deslocamento (ou Movimento) de α (Alpha).

Até o final da fase da Teoria Padrão Estendida Ampliada (final da década de 70), o componente transformacional é limitado a apenas duas regras envolvendo

⁸⁹ “The structure of questions in English requires an empty head of CP in the main sentence to which movement can take place.” (COOK & NEWSON, 1996, p.151)

movimento: Deslocamento de SN e Deslocamento de *WH*, e apenas uma idéia ainda não completamente desenvolvida em relação ao Mova α envolve os estudos sintáticos. A partir da GB, o Mova α adquire imensa importância descritiva e explicativa, pois engloba todos os movimentos possíveis de serem realizados nas línguas (formação de interrogações, formação de passivas, topicalização, e assim por diante).

O Mova α é, em essência, o princípio que licencia que qualquer elemento seja movido de qualquer lugar para qualquer outro lugar na sentença (algumas ressalvas a tamanha generalização serão realizadas na nossa discussão em seguida) ou, conforme Chomsky & Lasnik, “a operação do movimento (doravante Move α) é um princípio invariável da computação, que afirma que uma categoria pode ser movida para uma posição-alvo.”⁹⁰ (CHOMSKY & LASNIK, 1993, p.522). Ele é, em suma, um princípio geral adotado pelo P&P para representar todas as formas de transformação, pois sabe-se que as regras particulares têm valor meramente descritivo, e a introdução dessa noção se traduz na sua função de auxiliar a teoria a se aproximar da adequação explanatória desejada e ainda não alcançada. As condições restritivas sobre transformações também são reduzidas a algumas poucas condições gerais, que agem especificamente na aplicação do Mova α e no que ele gera (seu *output*). A substituição das regras de transformações pelo princípio único Mova α é, possivelmente, um dos maiores avanços realizados pela teoria gerativa no processo de abandono de regras específicas e adoção dos princípios universais.

[...] a tarefa de justificar a eventual redução da maior parte das transformações ao princípio mais geral Mova-Alpha significou que as definições das transformações individuais relevantes devem enfatizar seu aspecto de transformações de movimento, enquanto enfatizam, ao mesmo tempo, seu outro aspecto de regras para construções específicas.⁹¹ (OUHALLA, 1994, p.12)

O conceito α (Alpha) se refere a qualquer categoria da sentença. O Mova α é a possibilidade de qualquer elemento constituinte da sentença poder se mover para qualquer outra posição na sentença. Contudo, tamanha abrangência traz alguns

⁹⁰ “The movement operation (henceforth Move α) is an invariant principle of computation, stating that a category can be moved to a target position.” (CHOMSKY & LASNIK, 1993, p. 522)

⁹¹ “[...] the task of justifying the eventual reduction of most transformations to the more general principle Move-alpha has meant that the definitions of the relevant individual transformations must emphasize their aspect as movement transformations, while at the same time emphasizing their other aspect as construction-specific rules.” (OUHALLA, 1994, p.12)

problemas à teoria, pois a GU é dotada de alguns princípios e condições que restringem fortemente o movimento dos elementos sintagmáticos, determinando que elementos podem sofrer movimento, quais os locais de pouso possíveis para esses elementos movidos e quais os limites máximos que os elementos movidos podem alcançar. Como se pode concluir, o movimento nas línguas naturais não é, em absoluto, aleatório ou desordenado. O Move α , como já vimos, é uma regra transformacional, facultativa, que permite “a geração de formas superficiais alternativas para uma mesma estrutura subjacente” (NETO, 2005, p.117), necessitando de algumas teorias de apoio, a fim de que possamos “encontrar mecanismos que não só impeçam movimentos indesejáveis, como mecanismos que forcem o movimento em casos em que ele deveria ser obrigatório.” (NETO, 2005, p.117). São elas: o Princípio de Projeção, o Princípio de Subjacência, o Princípio das Categorias Vazias, o Princípio de Dependência Estrutural (Teoria do Caso), Teoria θ , Teoria dos Vestígios, Teoria da Ligação e Teoria X-barra. Consideremos, então, alguns dos princípios e condições responsáveis por restringir o movimento nas línguas.

O Princípio de Projeção (*The Projection Principle*) projeta as características das entradas lexicais na sintaxe, interligando a estrutura-P, a estrutura-S, a FL e o léxico. Ele exige que a estrutura sintática leve em conta as especificações de cada um dos elementos lexicais constituintes da sentença, conforme ditado pelo léxico da língua, determinando em que contextos um dado item lexical pode (ou não) ocorrer. “As representações em cada nível sintático (FL, estrutura-P) são projetadas do léxico, em que observam as propriedades de subcategorização dos itens lexicais.”⁹² (CHOMSKY, 1981, p.29; in COOK & NEWSON, 1986, p.166). Alargamos a explicação do autor acrescentando que as transformações não têm o poder de alterar as informações lexicais impressas à sentença em seus vários níveis, em respeito a uma propriedade universal das línguas. Vejamos (06) e (07) para fins ilustrativos do português e (8) e (9) para o inglês (exemplos meus):

- (06) (Estrutura-S) *Que você gosta *f*?
 (Estrutura-P) *Você gosta algo.

⁹² “Representations at each syntactic level (i.e. LF, D-structure) are projected from the lexicon, in that they observe the subcategorization properties of lexical items.” (CHOMSKY, 1981, p.29; in COOK & NEWSON, 1986, p.166)

- (07) (Estrutura-S) De que você gosta *t*?
 (Estrutura-P) Você gosta de algo.

Pelo Princípio de Projeção, os falantes de português sabem que o verbo *gostar* exige um complemento preposicional: [V_PP]; se o [PP] não acompanha o verbo, havendo apenas a inserção de um NP, geramos uma sentença agramatical tanto em estrutura-P, quanto em estrutura-S após a realização do movimento-*Wh* interrogativo. O princípio de projeção está fortemente condicionado às escolhas paramétricas de cada língua, pois o exemplo (06) seria absolutamente gramatical em inglês (08), e o equivalente literal de (07) seria agramatical (09):

- (08) (Estrutura-S) What do you like *t*?
 (Estrutura-P) You like something.
 (09) (Estrutura-S) *Of what do you like *t*?
 (Estrutura-P) *You like of something.

Já o Princípio de Subjacência (*The Subjacency Principle*) é um dos que mais fortemente influencia a realização ou o bloqueio do movimento-*Wh* nas línguas, em especial no que se refere ao movimento envolvendo Ilhas-*Wh*:

O princípio de subjacência é um exemplo de um princípio geral unificador que incorpora um certo número de generalizações relacionadas às ilhas, e oferece explicações para uma quantidade grande de fatos. Ele é, além disso, uma condição um tanto natural, que poderia se relacionar a princípios de processamento mental mais gerais: talvez regras de 'computação mental' sejam geralmente ligadas de alguma forma, como também a regra "Mova α " pode ser ligada por categorias de ligação.⁹³ (CHOMSKY, 1981; in HORNSTEIN & LIGHTFOOT, 1981, p.50)

O Princípio de Subjacência estabelece que "o movimento que cruza no máximo uma barreira é permitido. Mas o movimento se torna mais difícil à medida

⁹³ "The principle of subjacency is an example of a general unifying principle that incorporates a number of generalizations concerning islands, and provides explanations for a wide range of facts. It is, furthermore, a rather natural condition, which one might hope to relate to more general principles of mental processing: perhaps rules of 'mental computation' are in general bounded in some manner, as the rule 'Move α ' is bounded by the bounding categories." (CHOMSKY, 1981; in HORNSTEIN & LIGHTFOOT, 1981, p.50)

que mais barreiras são cruzadas.”⁹⁴ (NAPOLI, 1993, p.405). Observemos a associação do princípio de subjacência ao Mova α para evitar a geração de sentenças agramaticais; exemplos de Chomsky (in HORNSTEIN & LIGHTFOOT, 1981, p.43)

- (10) Your interest in him surprised me.
 ('O teu interesse *nele* me surpreendeu.')
- (11) *Who did your interest in *t* surprise me?
 ('Quem o teu interesse em *t* me surpreendeu?')

(10) e (11) nos mostram que nem todos os deslocamentos envolvendo NPs garantem a (boa) formação de perguntas-*Wh*; daí o princípio de subjacência bloquear o deslocamento do [PP “in him”] interno da posição de complemento nominal do NP sujeito da sentença. O curioso é observar que (11) contraria o fato de os NPs poderem ser normalmente movidos, mesmo que originalmente se encontrem numa oração encaixada, como se confirma em (12) e (13) na língua inglesa e em (14) em italiano:

- (12) The teacher thought that his assistant had told *the class* to study the lesson.
 (O professor pensou que seu assistente tivesse mandado *a turma* estudar a lição.)
- (13) Which class did the teacher think that his assistant had told *t* to study the lesson?
- (14) A che classe l'insegnate pensava che il suo assistente avesse detto *t* di studiare la lezione?
 ('Que turma o professor pensou que seu assistente havia mandado *t* estudar a lição?')

O Princípio da Categoria Vazia (*Empty Category Principle – ECP*) exige que as categorias vazias – categorias sem conteúdo fonético intrínseco (*vestígios*, que se subdividem em variáveis ou expressões-R e NPs, e PRO), sejam sempre lexicalmente governadas (com exceção de PRO). Vejamos um exemplo (15) em que

⁹⁴ “Movement that crosses at most one barrier is allowed. But movement becomes more difficult as more barriers are crossed.” (NAPOLI, 1993, p.405)

o ECP se opera num caso de movimento-*Wh* sucessivo, produzindo uma sentença gramatical e outra (16) em que ele impede a geração bem-formada; exemplos adaptados de Chomsky (in HORNSTEIN & LIGHTFOOT, 1981, p.57-8)

- (15) Who did John believe *t'* that Tom said *t* had won the race?
 ('Quem o João acreditou *t'* que o Tom tivesse dito *t* [que] havia ganhado a corrida?)
- (16) * Who did John believe *t'* that Tom said *t* that *t* had won the race?
 (*Quem o João acreditou *t'* que o Tom tivesse dito *t* que *t* havia ganhado a corrida?)

O apagamento de “that” da oração mais encaixada em (15) permite o vestígio adjacente *t'* em inglês, pois o NP por ele representado governa lexicalmente o traço do sujeito da oração encaixada anterior. O mesmo não ocorre em (16), em que a manutenção tanto de *that* quanto de *t'* gera um COMP duplamente preenchido, opção rejeitada pela gramática. Portanto, se um COMP for mantido, o outro deve ser eliminado da sentença. Consideremos que o mesmo não se dá em português, porque essa língua não permite o apagamento do relativo “que” numa sentença dessa natureza, por isso deixamos o “que” grifado em (15) e não em (16), pois sua ocorrência é obrigatória em ambos os casos.

Se consideramos uma sentença como (17), que permite dupla interpretação na língua inglesa, verificamos a importância do vestígio e constatamos que ele pode ter, ao mesmo tempo, a sua invisibilidade questionada e sua importância ressaltada. (Exemplo adaptado de COOK & NEWSON, 1996, p.155-6)

- (17) Who do you want to visit?
 ('Quem você quer visitar?')
- (Estrutura-S 1) Who do you want to visit *t*?
 ('Quem você quer visitar *t*?')
- (Estrutura-S 2) Who do you want *t* to visit?
 ('Quem você quer que *t* visite?')

O que ocorre em (17) é que o elemento-*Wh* “Who” é movido de dois locais de origem diferentes, gerando vestígios de diferentes naturezas. Entretanto, apenas

uma delas aceita a contração de “want to” em “wanna”; é o caso do falante que cogita a (Estrutura-S 1) como a adequada para a interpretação de sua pergunta (“I want to/wanna visit Mr Jones.”; to want to visit *someone* = querer visitar *alguém*). O vestígio que ocorre na (Estrutura-S 2) não pode ser ignorado para possibilitar a contração da partícula “to” junto ao verbo “want”, já que aniquila um elemento essencial da projeção daquele verbo (to want *someone* to do something – querer que *alguém* faça algo).

O Princípio de Dependência Estrutural (*Structural-Dependency Principle*) afeta todos os aspectos envolvidos na formação de uma sentença de qualquer natureza, em qualquer língua. Associado a esse princípio, está a idéia de regência (*government*), que se refere à relação sintática entre um elemento que governa (rege) e um outro elemento que é governado (regido). Os elementos governantes são as categorias N, V, Adj e P (todos núcleos de sintagmas). O princípio de dependência estrutural está intimamente ligado à Teoria do Caso. Na busca da identificação, dentro de uma sentença, de que elementos governam que elementos, estabelece-se, além dos núcleos de sintagmas lexicais, uma categoria abstrata INFL (*Inflection - Flexão*), também referida como IP (*Inflectional Phrase*) que detém os traços Tense (*Tempo verbal*) e AGR (*Agreement – Concordância*). Um elemento INFL finito [+Agr +Tense] governa o sujeito de uma oração, cedendo-lhe caso Nominativo. Um elemento INFL infinitivo [-Agr -Tense] não é um governante. A Teoria do Caso (Regência) está intimamente ligada ao Princípio da Regência Apropriada (*Principle of Proper Government*) que, por sua vez, recai sobre outro princípio extremamente relevante para a compreensão do fenômeno do movimento-*Wh*: o Princípio da Categoria Vazia (*Empty Category Principle*), sobre o qual já discutimos; vide exemplos (15) e (16).

Em relação aos sujeitos das sentenças, a GB contém um parâmetro de variação para as línguas no que se refere à manifestação fonética obrigatória de um sujeito ou ao licenciamento a um sujeito nulo (não-pronunciado): é o Parâmetro Pro-Drop (*Pro-drop Parameter*). Línguas como o inglês e o francês, por exemplo, não permitem que a posição de sujeito da sentença não seja foneticamente realizada (18b) e (19b), permitindo apenas aquelas em que o sujeito é realizado abertamente (18a) e (19a). Outras línguas, como o português e o italiano, por outro lado, permitem que o sujeito seja (20a) e (21a) ou não realizado foneticamente e seu local

na frase é marcado por uma categoria vazia (*e* – *empty category*) (20) e (21); (exemplos nossos).

- (18) a. Where did you go?
 b. *Where did e go?
- (19) a. How long have they been waiting?
 b. *How long have e been waiting?
- (20) a. Onde tu foste?
 b. Onde e foste?
- (21) a. Há quanto tempo eles estão esperando?
 b. Há quanto tempo e estão esperando?

Para o P&P, sentenças como (20b) e (21b) são interpretadas como tendo a posição de sujeito ocupada por uma categoria vazia, e não como desprovidas de sujeito. A crença de que todas as orações têm sujeito provém do Princípio da Projeção Estendida (*Extended Projection Principle*).

A Teoria Theta contribui para o arcabouço do P&P ao determinar as relações entre os diferentes constituintes da sentença, estabelecendo quem faz o que para quem: “[o]s papéis- θ expressam certas relações de significado entre os elementos, um tipo de significado diretamente relevante para o componente FL e indiretamente relevante para o componente semântico.”⁹⁵ (COOK & NEWSON, 1996, p.50). Através do Critério- θ , a cada um dos NPs da sentença é designado um papel- θ , e todos os papéis- θ possíveis são distribuídos entre todos os NPs, numa relação “um por um”. “Cada argumento possui um e somente um papel- θ , e cada papel- θ recebe um e somente um argumento.”⁹⁶ (CHOMSKY, 1981, p. 36; in COOK & NEWSON, 1996, p.167). Miotto (2007, p.137) já atenta para o fato de que “[...] para a marcação θ devemos olhar tanto para constituintes como para posições.” A designação de um papel- θ não se dá aleatoriamente; cada constituinte recebe seu papel- θ exclusivamente em posições específicas da sentença. Um fato interessante interligando a Teoria θ e o Movimento-*Wh* é o fato de que “[...] uma das

⁹⁵ “ θ -roles express certain meaning relationships between elements, a type of meaning directly relevant to the LF component and indirectly relevant to the semantic component.” (COOK & NEWSON, 1996, p.50).

⁹⁶ “Each argument bears one and only one θ -role, and each θ -role is assigned to one and only one argument.” (CHOMSKY, 1981, p. 36; in COOK & NEWSON, 1996, p.167).

características das línguas naturais é que pronunciamos determinados elementos em uma posição, porém eles são interpretados semanticamente em outra.” (MIOTO, 2007, p. 137), ou seja, no caso das interrogativas-*Wh*, os papéis θ de cada um dos constituintes da sentença são designados numa fase pré-movimento, ainda na estrutura-P, em que os argumentos se combinam com os núcleos de cada sintagma. (exemplo adaptado de Miotto, 2007, p.138)

- (22) (Estrutura-S) Que livro_i ela comprou t_i ?
 (Estrutura-P) Ela comprou [_{NP} algum livro].

A Teoria da Ligação (*Binding Theory*) é fundamental para a compreensão da GB; ela é responsável pela relação estabelecida entre pronomes e seus antecedentes nominais: “Ela se preocupa com as conexões entre sintagmas nominais que têm a ver com propriedades semânticas, tais como dependência de referência, incluindo a conexão entre um pronome e o seu antecedente.”⁹⁷ (CHOMSKY, 1988, p. 52). Os princípios essenciais da teoria da ligação se referem ao estabelecimento dos três tipos diferentes de referentes pronominais, a partir da área da sentença à qual eles estão ligados: uma *anáfora* é ligada a um domínio local; um *pronome* é livre em seu local de domínio; uma expressão-R é sempre livre. A teoria da ligação garante que sentenças como (23), (24) e (25) sejam devidamente geradas (Estrutura-P) e interpretadas (Estrutura-S) na língua inglesa e na língua portuguesa. Em (23), “he” e “him” são expressões do tipo pronominal, pois encontram-se livres e seus referentes encontram-se fora do domínio da sentença – “he” tem um referente (Pedro) e “him” tem outro (Paulo). (24) demonstra como a diferença estrutural assegura que “he” e “himself” sejam do tipo anafórico, considerando-se que pronome e referente estão ligados num mesmo domínio – (Pedro). Finalmente, (25) mostra como a língua portuguesa não dispõe de recursos que explicitem tais relações tão claramente como o inglês, no caso das sentenças utilizadas nos exemplos. A estrutura-P¹ sugere que “ele (Pedro) tenha falado com outra pessoa do sexo masculino “ele” (Paulo); a estrutura-P² mostra, através do pronome oblíquo “consigo” que Pedro não falou com nenhuma outra pessoa, a não

⁹⁷ “It is concerned with connections among noun phrases that have to do with such semantic properties as dependence of reference, including the connection between a pronoun and its antecedent.” (CHOMSKY, 1988, p. 52)

ser com ele próprio. Em estrutura-S, tal distinção não se apresenta de forma tão evidente, pois a mesma expressão “ele” será utilizada indistintamente para ambos referentes.

- (23) (Estrutura-S) Why did he_(Pedro) talk to him_(Paulo) *t*?
 (Estrutura-P) He_(Pedro) talked to him_(Paulo) for some reason.
- (24) (Estrutura-S) Why did he_(Pedro) talk to himself_(Pedro) *t*?
 (Estrutura-P) He_(Pedro) talked to himself_(Pedro) for some reason.
- (25) (Estrutura-S) Por que ele_(Pedro) falou com ele_(Paulo / Pedro) *t*?
 (Estrutura-P)¹ Ele_(Pedro) falou com ele_(Paulo) por algum motivo.
 (Estrutura-P)² Ele_(Pedro) falou consigo_(Pedro) por algum motivo.

A teoria da ligação é essencial para o P&P por exemplificar a relação entre o componente sintático e o léxico, ela se baseia em princípios universais às línguas (e não em regras específicas), e demonstra o fato de a teoria, como um todo, estar de fato interconectada, pois diversas subteorias entram em ação para a plena descrição e explicação dos mais variados aspectos sintáticos. Juntamente com a teoria da regência, a teoria da ligação se estabelece como o núcleo ao redor do qual se firma a proposta do Programa de Princípios e Parâmetros ou, em última análise, a GB (*Government and Binding Theory* – Teoria da Regência e Ligação).

Passemos agora às considerações específicas acerca da maneira como o Movimento-*Wh* nas línguas é tratado pelo P&P. Buscaremos explicitar que princípios e parâmetros estão diretamente envolvidos no tratamento desse fenômeno sintático, assim como que contribuições cada subteoria da GB traz para a descrição e a explicação desse tipo de movimento.

4.1 O Movimento-*Wh* no Programa de Princípios e Parâmetros

Para a gramática do P&P, o que une a Estrutura-P à Estrutura-S de uma sentença é, exclusivamente, o Movimento (concentrado, agora, no princípio Mova α); isso quer dizer que a Estrutura-S é o resultado da soma entre a Estrutura-P e o Movimento a ela aplicado. Verificamos, nas línguas naturais, movimentos de

diferentes tipos que geram, por conseqüência, diferentes tipos de sentença. Em relação ao Movimento-*Wh*, especificamente, conforme já sabemos, há a inserção de um elemento-*Wh* deslocado, em geral, à periferia esquerda da sentença que gera uma categoria vazia (vestígio) a ele indexada e que, por sua vez, permanece em seu local de origem.

As perguntas com o movimento-*Wh*, tais como *o que* ou *quem*, refletem o movimento de um constituinte questionado (um sintagma-*Wh*) para a frente da sentença; as passivas requerem um movimento de NP da posição de objeto para a posição de sujeito; e assim por diante. Falar sobre movimento sempre implica movimento *de* algum lugar *para* algum lugar.⁹⁸ (COOK & NEWSON, 1996, p.153)

O Movimento-*Wh*, também denominado *Wh-Fronting*, *Wh-extraction* ou Deslocamento-*Qu* na literatura especializada, pode ser definido como um fenômeno sintático identificável em diversas línguas naturais. Tal movimento é assim denominado pelo fato de a maioria das palavras interrogativas, em inglês, terem iniciais “*Wh*”: *what, when, where, which, who, whom, whose, why, how*.⁹⁹ Incluem-se as expressões contendo uma expressão-*Wh*, como *which book* e *whose book*¹⁰⁰, por exemplo, pois são tratadas como expressões interrogativas da mesma natureza.

Em *On Wh-Movement*, Chomsky (1977) estende a regra do Movimento-*Wh* a construções sintáticas que não somente as envolvendo o deslocamento de um sintagma-*Wh* propriamente dito – vide p.65 e 66 do presente estudo. Napoli (1993), por outro lado, questiona tal generalização:

Foi dito que o Movimento-*Wh* se aplica também a orações relativas; estrutura de topicalização [...]; comparativas; complementos infinitivos de *suficiente*; complementos infinitivos de *bom, difícil*, etc [...] e outras estruturas. Se esse fosse o caso, o termo ‘Movimento-*Wh*’ estaria equivocado; já que não somente os sintagmas-*Wh*, mas todos os tipos de sintagmas, se submeteriam à essa regra de movimento.¹⁰¹ (NAPOLI, 1993, p.411)

⁹⁸ “Questions with wh-movement, such as *what* or *who* questions, reflect the movement of a questioned constituent (a wh-phrase) to the front of the sentence; passives require NP movement from the object to subject position; and so on. To talk about movement at all implies movement *from* somewhere *to* somewhere.” (COOK & NEWSON, 1996, p.153)

⁹⁹ O que, quando, onde, qual, quem, a quem, de quem, por que, como/quão.

¹⁰⁰ Que livro, livro de quem

¹⁰¹ “It has been claimed that Wh-Movement applies also in relative clauses; Topicalization structure [...]; comparatives; infinitival complements of *enough*; infinitival complements of *good, hard, difficult*, etc [...] and other structures. If this were so, the term ‘Wh-Movement’ would be misnomer; in that not just Wh-phrases, but all sorts of phrases, would undergo this movement rule.” (NAPOLI, 1993, p.411)

Se o Movimento-*Wh* se aplica a toda essa variedade de construções sintáticas ou não foge do objetivo central do nosso estudo, merecendo ser abordado em si e por si, num outro contexto. Concentremo-nos, por hora, no Movimento-*Wh* envolvido na construção de sentenças interrogativas com a presença de, pelo menos, um sintagma-*Wh*.

Ilustremos, então, o Movimento-*Wh* conforme ele se apresenta em algumas línguas. Tomemos (26) como um exemplo clássico de uma sentença interrogativa com Movimento-*Wh* em espanhol; exemplo de Lasnik & Uriagereka (1988, p.141) e (27) como um exemplo do italiano; adaptado de Boeckx, Lasnik & Uriagereka (2005, p.92). Atentemos para o fato de que o sintagma-*Wh*, símbolo maior do Movimento-*Wh*, pode não sofrer os efeitos de deslocamento do Movimento-*Wh* de forma aparente (*overt*) em FF – apenas de forma não aparente (*covert*) em FL, permanecendo *in-situ*, ou seja, em sua posição de origem, como podemos perceber em (28), num exemplo de interrogação do chinês, adaptado de Lasnik (2000, p.168). Em (29), temos um exemplo de outra língua asiática, em que observamos como o movimento-*Wh* se manifesta numa sentença em hindi (DAYAL, 1994), também mantendo-se *in-situ*. Além disso, uma sentença pode ser considerada [+*WH*] por ainda uma outra via: pela inserção de itens lexicais, como a partícula interrogativa do japonês *no* (30), (RICHARDS, 1997, p.132; in WIESE, 1999); ou *lè* do burmês (31), (OKELL, 1969, p.338; in WIESE, 1999), haja visto que essas línguas (e várias outras) não apresentam movimento-*Wh* aparente.

- (26) Quién [_{+WH}] piensa que María lo ama?
 ('Quem pensa que Maria o ama?')
- (27) A chi [_{+WH}] pensi che Gianni abbia dato un libro?
 ('A quem tu pensas que o Gianni havia dado um livro?')
- (28) Ni renwei [ta weisheme [_{+WH}] bu lai]?
 You think he why not come
 'Why do you think he didn't come?'
 ('Por que você acha que ele não veio?')
- (29) Jaun kyaa soetaa hai ki merii kis-se [_{+WH}] baat karegii?
 John what think PR that Mary who talk to
 'Who does John think that Mary will talk to?'
 ('Com quem o João acha que a Maria vai falar?')

- (30) Taroo-wa nani-o [+WH] katta no [+WH]?
 Taroo-TOP what-ACC bought Part. Interrog
 ‘What did Taroo buy?’
 (‘O que Taroo comprou?’)
- (31) knúná-meiñhkălei băthu- lè [+WH]?
 Just now-girl who- part. Interrog
 ‘Who was the girl just now?’
 (‘Quem era a menina (que estava aqui) agora?’)

O estudo do movimento-*Wh* constitui um fenômeno sintático que vem intrigando os sintaticistas há tempos. A partir do escopo teórico maior estabelecido principalmente por Chomsky¹⁰², Haegeman (1991) discute o fenômeno do movimento nas línguas a partir da distinção de três tipos de movimentos sintáticos diferentes:

- (a) o movimento de verbos auxiliares do Infl (I) para Comp (C);
- (b) o movimento-*Wh* de constituintes-*Wh* para a posição de Spec do CPe
- (c) o movimento de NPs (em que se verifica o movimento associado à formação de sentenças na voz passiva no qual um NP é movido para uma posição de sujeito não preenchida.)¹⁰³

Percebemos, a partir das considerações realizadas até aqui, que os diferentes tipos de movimento têm, de fato, diversos aspectos em comum: em todos eles, um elemento é retirado de uma determinada posição e realojado em outra dentro da sentença. Tal movimento é, como já sabemos, denominado *Move- α* . O que diferencia, então, os diferentes tipos de movimento são:

- (a) o alvo do movimento, ou seja, especificamente que elemento será movido e
- (b) o local de pouso do movimento, ou seja, a posição para onde um elemento é movido.

¹⁰² Diversos outros sintaticistas se dedicaram ao assunto e ofereceram importantes contribuições à formação da GB até chegar ao formato pelo qual a mesma é concebida atualmente, porém consideramos Chomsky a figura central da teoria e nos limitaremos a citá-lo no presente contexto. (Observação nossa)

¹⁰³ Por razões óbvias, não nos deteremos, aqui, à discussão de (a) e (c).

Dentre os alvos do movimento, podemos distinguir dois:

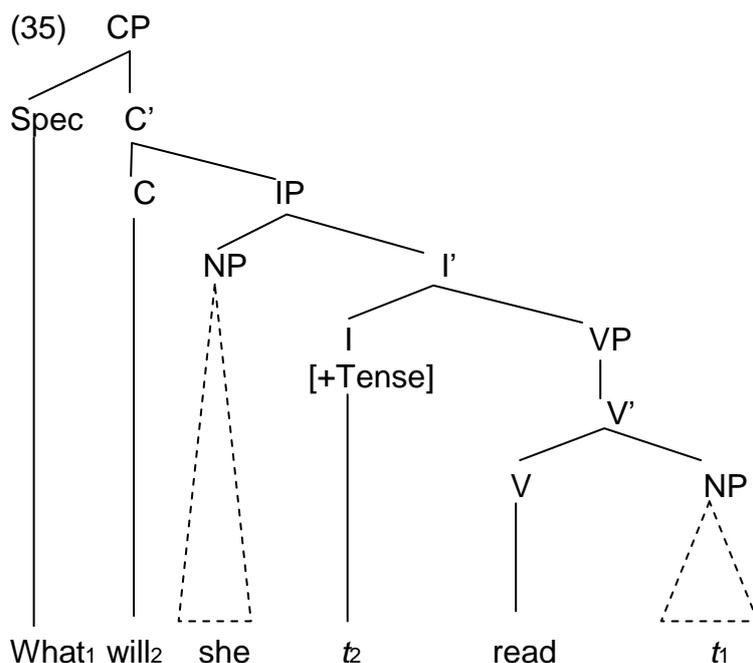
- (a) *Head-to-head movement* (movimento de núcleo a núcleo): movimento de núcleo de uma projeção para outra posição de núcleo (o núcleo do IP é movido para C, que é o núcleo do CP) ou
- (b) movimento de uma projeção máxima (movimento de NPs ou movimento-*Wh*).

Chomsky (1986) afirma que, de fato, apenas estes dois tipos de movimento podem ser legitimados pela teoria sintática gerativa: “ou movemos um núcleo ou movemos um sintagma completo”¹⁰⁴ (CHOMSKY, 1986; in HAEGEMAN, 1991, p. 282); ou seja, o movimento não se aplica a qualquer elemento da sentença aleatoriamente.

Em relação às perguntas-*Wh*, percebemos que a sua função é suprir o interlocutor com alguma informação específica. Ao contrário das perguntas-eco, em que tanto a estrutura-S quanto a estrutura-P da sentença permanecem iguais, as perguntas-*Wh* sofrem alterações mais significativas em seus níveis de representação sintática. Para sintetizar nossas considerações, consideremos (32), em que temos a estrutura-S afirmativa de onde parte a geração da interrogação, (33) com a estrutura-S de uma interrogativa sim/não, (34) que é a estrutura-S da interrogativa após o movimento-*Wh* e (30), em que verificamos a estrutura-P de (35); exemplos nossos:

- (32) She will read the text.
(‘Ela lerá o texto.’)
- (33) Will she read the text?
(‘Ela lerá o texto?’)
- (34) What will she read *t*?
(‘O que ela lerá *t*?’)

¹⁰⁴ “[e]ither we move a head or we move a full phrase.” (HAEGEMAN, 1991, p. 282)



Verificamos que o verbo modal “will” é movido para a posição dominada por C. O constituinte-*Wh* “What” é movido para a posição Spec imediatamente dominada por CP [Spec,CP]. O símbolo t_1 indica a posição deixada vaga pelo constituinte “What” que, por sua vez, substitui o NP da sentença original. Mais uma vez, a co-indexação estabelece a ligação entre o t e o constituinte movido.

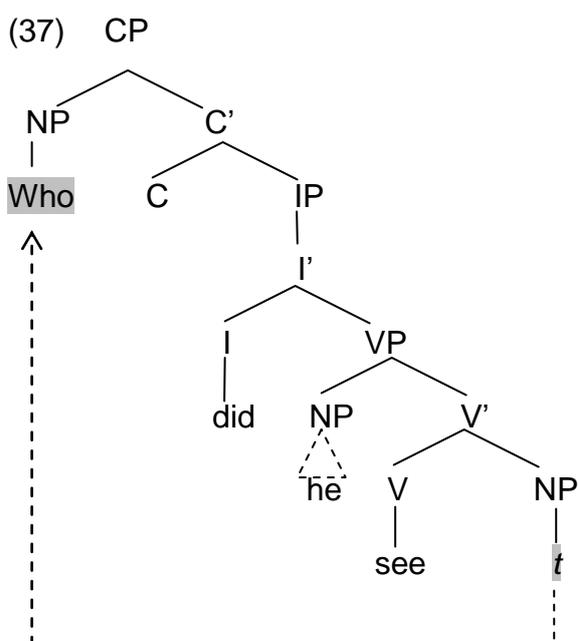
De acordo com o entendimento da GB, em especial em respeito ao *Princípio de Preservação da Estrutura (Structure Preserving Principle)*, a estrutura-P de uma sentença deve ser mantida em sua estrutura-S, pois o movimento não pode alterá-la: “O princípio que preserva a estrutura não impede que um elemento movido receba uma nova posição na estrutura-S, uma posição não existente na estrutura-P, desde que a nova posição criada respeite os princípios da estrutura sintagmática.”¹⁰⁵ (HAEGEMAN, 1991, p.313). Daí depreendemos a aplicação do Movimento-*Wh* nas sentenças interrogativas, em que o elemento-*Wh* inexistente na estrutura-P como manifestado em FF na estrutura-S, move projeções sintagmáticas de diferentes categorias (NP, PP, AdvP, etc) para um espaço vago e não-especificado categorialmente na sentença – [Spec,CP], uma posição- \bar{A} . A mesma autora explica tal opção em relação ao local-alvo do movimento-*Wh*:

¹⁰⁵ “The structure preserving principle does not prevent that a moved element is given a new position at S-structure, a position that does not exist at D-structure, as long as the new position created respects the principles of phrase structure.” (HAEGEMAN, 1991, p.313)

O local de pouso do Movimento-*Wh* deve ser uma posição que não é especificada para a categoria sintagmática. O [Spec,CP] é justamente tal posição: as regras de estrutura sintagmática nos permitem projetar a posição, mas elas não a identificam para uma categoria sintagmática específica. Um [Spec,CP] não-preenchido pode receber constituintes sintagmáticos de qualquer categoria sintática: NP, AP, etc.¹⁰⁶ (HAEGEMAN, 1991, p.348)

Como já sabemos, as perguntas-*Wh* derivam de uma estrutura-P subjacente pela aplicação do movimento, que traz à estrutura-S todos os elementos constituintes da estrutura-P, porém freqüentemente não mais em seus locais de origem. Assim, para que possamos compreender o movimento operado na sentença para a sua transformação da forma afirmativa (ou declarativa) para a interrogativa, devemos observar a estrutura-S final e a estrutura-P original da mesma, além de avaliarmos os papéis- θ atribuídos a cada um dos constituintes:

- (36) (Estrutura-S) Who did he see?
 ('Quem ele viu?')
 (Estrutura-P) He *past* see who
 ('Ele *passado* ver quem')
 (Entrada lexical) (papéis- θ) do verbo 'see': see V, [_NP] <Experienciador, Fonte>
 Fonte>



¹⁰⁶ “[...] the landing site for Wh-movement must be a position which is not specified for the phrasal category. [Spec,CP] is just such a position: the phrase structure rules allow us to project the position but they do not identify it for a specific phrasal category. A non-filled [Spec,CP] can receive phrasal constituents of any syntactic category: NP, AP, etc.” (HAEGEMAN, 1991, p.348)

(36) nos mostra tanto a estrutura-S quanto a estrutura-P da sentença interrogativa em questão. A representação arbórea (37) explicita tanto a estrutura-P quanto o movimento aplicado à sentença. Em relação à exigência que a teoria faz de que se observe o Critério- θ , vemos que, no caso da interrogativa em análise, o papel- θ “Experenciador” é atribuído ao sujeito “he” e o papel- θ “Fonte” é atribuído ao objeto “Who”. Visto que as posições tanto do objeto quanto do sujeito já estão preenchidas, não há posição-A na estrutura-P para onde o sintagma-*Wh* possa se mover. Em relação às posições-A (*A-positions*), temos algumas importantes considerações a fazer.

Posições-A são, em essência, posições argumentais, tais como sujeito ou objeto; como sujeitos de sentença, são SNs, e como predicados, alojam complementos de verbos e preposições. Os papéis- θ só podem ser atribuídos a posições-A. Posições não-A (*Ā-positions* ou *A-bar positions*) são aquelas que não podem receber nenhum argumento. Duas posições tipicamente \bar{A} são o Spec do CP e o Comp do IP. “A distinção entre posições-A e posições- \bar{A} é crucial ao conceito de movimento [...]”¹⁰⁷ (COOK & NEWSON, 1996, p.179)

Enquanto todas as posições- θ são necessariamente posições-A, nem todas as posições-A são posições- θ : existem algumas posições-A que não recebem qualquer papel- θ . Essas sempre são referentes a posições de sujeito, por definição, mas não são posições- θ porque nenhum papel- θ lhes foi atribuído. Quando esse é o caso, uma de duas coisas pode acontecer. Uma é que um elemento que se origina numa posição- θ na estrutura-P se move para a posição de sujeito não- θ -marcada. [...] A segunda coisa que pode acontecer [em algumas línguas] quando há uma posição de sujeito não- θ -marcada é ela ser preenchida por um elemento ‘expletivo’ *dummy*, tal como *it* ou *there*.¹⁰⁸ (COOK & NEWSON, 1996, p.179)

Voltemos à análise da sentença interrogativa (36). Observamos que o sintagma-*Wh* “Who” se moveu da posição de objeto para o início da sentença, deixando um vestígio; esse tipo de vestígio é, conseqüentemente, um vestígio-*Wh*, ou uma *variável*. Podemos discutir acerca da natureza da posição-não-A (NP, CP)

¹⁰⁷ “The distinction between A- and non-A-positions is crucial to the concept of movement [...]” (COOK & NEWSON, 1996, p.179)

¹⁰⁸ “While all θ -positions are necessarily A-positions, not all A-positions are θ -positions: there are some A-positions that receive no θ -role. These always concern subject positions, by definition, but are not θ -positions because no θ -role is assigned to them. When this is the case, one of two things can happen. One is that an element which originates in a θ -position at D-structure moves into the non- θ -marked subject position. [...] The second thing that can happen [in some languages] when there is a non- θ -marked subject position is that it is filled with a dummy ‘expletive’ element such as *it* or *there*.” (COOK & NEWSON, 1996, p.179)

para a qual o “Who” se moveu – deve haver uma posição vazia na estrutura-P no início da sentença. O movimento-*Wh* desloca um sintagma-*Wh* de uma posição-A e o move para o Spec do CP que, caso contrário, permaneceria não-preenchido, como já havíamos considerado anteriormente. (32) nos mostra que o sintagma-*Wh* “Who” se move para a posição vazia do Spec. Pelo fato de o Spec do CP ser uma posição- \bar{A} , nenhum papel- θ pode ser atribuído a ele; o movimento-*Wh* vai de uma posição-A, onde recebe o seu papel- θ , para uma posição-não-A, onde ele não recebe nenhum papel- θ adicional, assim se conformando ao critério- θ que rege, como já sabemos, que a cada argumento é atribuído um e apenas um papel- θ .

Um ponto importante a ser investigado quando examinamos o movimento nas línguas é o que, exatamente, dispara ou motiva o movimento-*Wh*. Uma hipótese é a de que o sistema complementizador (sistema-C) contenha um traço interrogativo abstrato que atrai os elementos-*Wh*. Uma evidência para tal afirmação se deve ao fato de que os complementizadores podem ser interrogativos ou não, o que se explica através de um traço [$\pm Wh$], que deve ser incluído na entrada lexical de todos os complementizadores: “whether” (se) é [+*Wh*] e “that” (que) é [-*Wh*], por exemplo. Além disso, se o Comp vazio pode ser tanto [+*Wh*] quanto [-*Wh*], dependendo do tipo de oração que eles introduzem (interrogativa ou declarativa), o sistema-C terá sempre como núcleo um elemento [+*Wh*] ou [-*Wh*]. O motivo pelo qual os elementos-*Wh* se movem especificamente para o Spec do CP pode ser explicado através de dois mecanismos:

- (a) *Critério-Wh*: todos os Comp [+*Wh*] devem conter um elemento [+*Wh*] e
- (b) *Filtro do COMP Duplamente Preenchido*: o sistema-C não pode conter, simultaneamente, um elemento-*Wh* aparente e um complementizador aparente.

Tal entendimento já faz parte da teoria na época da Teoria Padrão Estendida Ampliada – vide exemplos (46) a (51), nas páginas 67-68 do presente trabalho – ainda que de forma menos sofisticada ou explícita.

Em relação ao preenchimento do Spec, CP pelo sintagma-*Wh* movido, consideremos as conclusões de Napoli (1993):

Se todas as orações são marcadas como tendo o traço [+*Wh*] ou [-*Wh*] em seu Spec de C', podemos dizer que os sintagmas-*Wh* podem

se mover apenas para nódulos vazios que são marcados [+Wh]. Como os sujeitos vazios na estrutura-P não podem ter o traço [+Wh], os sintagmas-Wh poderão se mover apenas para a posição de Spec do C'. Portanto, assim que um sintagma estiver na posição de Spec, C', o único lugar para onde ele pode se mover é para outra posição Spec, C'.¹⁰⁹ (NAPOLI, 1993, p.393)

Tomemos, para ilustrar, alguns exemplos (38) e (39), propostos pela mesma autora (NAPOLI, 1993, p.394):

(38) John heard [_{NP} the rumor [that Sue met someone]].

(John ouviu [_{NP} o boato [que a Sue conheceu alguém]].)

(39) *Who did John hear [_{NP} the rumor [[*t*] that Sue met *t*]]?

↑ _____ ↑ _____

(*Quem o João ouviu [_{NP} o boato [[*t*] que a Sue conheceu *t*]]?)

↑ _____ ↑ _____

A interrogação-Wh (39) formada a partir da afirmação (38) é agramatical porque o movimento-Wh de um NP de uma oração encaixada para o Spec, CP da oração principal é ilícito, pois cruza um nóculo NP que não pode ser cruzado. Aqui, o movimento de Comp-a-Comp está bloqueado.

Consideremos que existem basicamente dois tipos de movimentos sintáticos capazes de gerar as sentenças gramaticais das línguas: o movimento do sujeito (*NP-Movement*) e o movimento do verbo (*VP-Movement*) – uma constatação presente na teoria desde a Teoria Padrão Estendida. Para o P&P, o sujeito de uma sentença sempre ocupa a posição de Spec do VP, tendo já sido considerado o Spec do IP pela análise apresentada em *Barriers* (CHOMSKY, 1986) e o NP de uma sentença em versões anteriores do programa gerativista.

O movimento do sujeito é um parâmetro de variação entre as línguas. Ele envolve o movimento do sujeito NP do VP para a posição de Spec do AGRP, o que é obrigatório em algumas línguas (como o inglês) e opcional em outras. O outro movimento que age na formação das sentenças em sua estrutura-S é o movimento

¹⁰⁹ "If every clause is marked as having the feature [+wh] or [-wh] on its specifier of C', we could say that wh-phrases can move only into empty phrase nodes that are marked [+wh]. Since empty subjects at DS cannot have the feature [+wh], wh-phrases will be able to move only into specifier of C' position. Thus it follows that once a phrase is in specifier of C' position, the only place it can move to is another specifier of C' position." (NAPOLI, 1993, p.393)

do verbo. Na língua inglesa, algumas sentenças interrogativas envolvem uma inversão na ordem do verbo auxiliar e do sujeito da sentença, com ou sem um elemento-*Wh* aparente (40). Outras exigem a inserção de um verbo auxiliar pré-posto ao SN sujeito e ao SV principal (41). Outras línguas, por outro lado, não exigem qualquer tipo de movimento do verbo, mantendo a mesma estrutura-S tanto para sentenças afirmativas quanto para interrogativas (42); (exemplos nossos).

- (40) (Estrutura-S) Why is she dressed-up *t*?
 ('Por que ela está arrumada?')
 (Estrutura-P) She is dressed-up *t*.
 *Why she is dressed-up *t*?
- (41) (Estrutura-S) Where does she want to go *t* tonight?
 ('Onde ela quer ir hoje à noite *t*?)
 (Estrutura-P) She wants to go *t* tonight.
 *Where she wants to go *t* tonight?
- (42) (Estrutura-S) Onde ela gosta de ir *t*?
 (Estrutura-P) Ela gosta de ir *t*
 Onde ela gosta de ir?
 ? Onde gosta ela de ir? (forma aceita, porém não preferida)

Assim como o movimento do sujeito, também o movimento do verbo é estabelecido a partir das diferentes escolhas paramétricas feitas pelas línguas. São três os mecanismos principais regendo o movimento do sujeito:

- (a) o *parâmetro AGR_{OP}*: em algumas línguas (inglês), o V não pode ultrapassar AGR_{OP}; em outras (francês), pode;
- (b) o *suporte-DO*: em inglês, o auxiliar DO é introduzido para levar os traços de T e AGR quando nenhum outro auxiliar está disponível na sentença e
- (c) a *Restrição de Movimento de Núcleo*: uma categoria de nível zero pode apenas ser movida para uma posição que governa a sua projeção máxima.

A questão referente aos fatores que disparam o movimento-*Wh* parece ter sido, pelo menos por enquanto, satisfatoriamente considerados. Detenhamo-nos, agora, nos aspectos envolvidos na concretização do movimento-*Wh* nas línguas, a

saber: que elementos podem de fato, ser movidos (domínio de origem do sintagma-*Wh*; *Government*) e que distância o sintagma-*Wh* movido pode percorrer dentro da sentença (domínio de pouso do sintagma-*Wh*; *Bounding*). Independentemente da distância que o sintagma-*Wh* pode alcançar em relação à sua posição de origem na sentença, vale ressaltar que o movimento-*Wh* se restringe ao movimento dos sintagmas-*Wh* propriamente ditos. Esses sintagmas estabelecem-se, portanto, como os constituintes passíveis de serem movidos da sentença - são projeções máximas (XP), como NPs (43), ou são núcleo de sintagmas (X), como N (44); exemplos nossos.

- (43) What did you say *t*?
 ('O que você disse *t*?')
- (44) Which book did you read *t*?
 ('Que livro você leu *t*?')

Ross já havia percebido, em fases anteriores da teoria da gramática (1967), que o movimento-*Wh* sofre fortes restrições da gramática, pois ele não se opera para fora de determinadas construções – por ele denominadas *Ilhas-Wh* (vide exemplos (23), (24), (25) e (26), nas páginas 47-48; exemplo adicional (45) adaptado de Lasnik (2000, p.168):

- (45) *Why do you wonder [what John bought *t*?]
 (*Por que você se pergunta [o que o João comprou *t*] ?)

O movimento-*Wh*, conforme (40), não é permitido para fora de uma oração relativa, pois o local de pouso do sintagma-*Wh* (Spec, CP) já se encontra preenchido. Existem, por outro lado, circunstâncias que licenciam o movimento: o movimento é permitido para fora de uma oração complementar verbal (46); exemplo adaptado de Cook & Newson (1996, p.257):

- (46) Who did Mary think [John saw *t*?]
 ('Quem a Maria pensou [que o João viu *t*?]')

O alçamento do sintagma-*Wh* da posição de objeto do verbo *see* não se dá imediatamente ao Spec, CP principal; ele passa por um nó intermediário do Spec, CP da oração encaixada que está vago e, em seguida, para o seu local de pouso final: “[...] o movimento é sempre para uma posição ‘local’ e [...] movimentos de ‘longa distância’ são, na verdade, o resultado de uma série de movimentos locais.”¹¹⁰ (COOK & NEWSON, 1996, p.257)

No que se refere às noções de regência que influenciam o movimento-*Wh*, temos que verificar de que forma a extração de um sintagma-*Wh* de uma posição de sujeito se difere daquela de uma posição de objeto. Parece não ser possível extrair um sintagma-*Wh* de uma posição de sujeito, quando há um complementizador “that” na sentença (47), porém é perfeitamente gramatical a extração de um sintagma-*Wh* da posição de objeto, mesmo que haja um complementizador da mesma espécie (48); exemplos adaptados de Cook & Newson (1996, p.257):

- (47) *Who_{*i*} did Mary think that *t*_{*i*} saw Bill?
 (*Quem_{*i*} a Maria pensou que *t*_{*i*} viu o Bill?)
- (48) Who_{*i*} did Mary think that Bill saw *t*_{*i*}?
 (Quem_{*i*} a Maria pensou que o Bill tivesse visto *t*_{*i*}?)

O fato de o sintagma-*Wh* movido ser gerado a partir de uma posição de objeto, mas não de sujeito – quando na presença de um complementizador “that” na sentença é denominado *That-trace effect* (*Efeito do Vestígio-Que*). A gramática parece não tolerar a ocorrência de um vestígio-*Wh* após um complementizador “that” (*que*), demonstrando uma assimetria descritiva e estrutural em relação aos sintagmas-*Wh* originalmente localizados nas posições de sujeito e de objeto, especialmente se o objeto for um adjunto: “Somente vestígios de sujeito são sensíveis aos complementizadores deletáveis; os traços de vestígio exigem um caminho livre de barreiras entre si e o seu antecedente.”¹¹¹ (BOECKX, LASNIK & URIAGEREKA, 2005, p.23).

¹¹⁰ “[...] movement is always to a ‘local’ position and [...] apparent ‘long distance’ movements are really the result of a series of local movements.” (COOK & NEWSON, 1996, p.257)

¹¹¹ “Only subject traces are sensitive to deletable complementizers; adjunct traces require a completely barrier-free path between them and their antecedent.” (BOECKX, LASNIK & URIAGEREKA, 2005, p.23)

Em relação às restrições relativas ao movimento dos sintagmas-*Wh* dentro da sentença, Chomsky diz que “certas categorias em certas configurações são barreiras para a regência e o movimento (Mova- α).”¹¹² (CHOMSKY, 1986, p.1), tendo em mente que a teoria espera que nenhum elemento seja deslocado para uma posição distante demais de seu local de origem.

Alguns nódulos presentes na representação da Estrutura-P da sentença são denominados *Bounding Nodes* (*Nódulos de Fronteira*), e nenhum movimento pode ultrapassar mais do que um nódulo de uma única vez. O que constitui um nódulo, numa determinada língua, é variável de acordo com as escolhas paramétricas daquela língua. Exemplos de nódulos de fronteira, em inglês, são NP, S, DP (ou Spec), AGRP. Consideremos como o movimento-*Wh* se dá de forma gramatical numa sentença, respeitando o Princípio de Subjacência, gerando (49). Em (50), verificamos como o movimento do sintagma-*Wh* se dá de forma cíclica, evitando ultrapassar um nódulo de fronteira imposto pelo CP intermediário vazio; exemplo de Cook & Newson (1996, p.258-9). Em (52), exemplo adaptado de Villiers (in FLETCHER & MACWHINNEY, 1997, p.418), temos o deslocamento do sintagma-*Wh* “how” de sua posição original de advérbio ligado ao verbo “move” na oração mais baixa ao Spec do CP da oração mais alta de forma cíclica. Ele passa pelos CPs intermediários, em que deixa um vestígio, e toda essa cadeia de vestígios está co-indexada pelo elemento movido que, afinal, influencia a sentença como um todo.

- (49) Who_i did [_{AGRP} Mary think [_{CP} [_{AGRP} John saw *t*_i?]]]
 (‘Quem a Maria pensou que o João viu?’)

- (50) Who_i did [_{AGRP} Mary think [_{CP} *t*_i [_{AGRP} John saw *t*_i?]]]
 (Diagrama sintático com setas indicando movimento de Who_i para o Spec do CP superior e *t*_i para o Spec do CP inferior)

- (51) How_i did you say [_{CP} [_{T1} you wanted me [_{CP} [_{T1} to move the trunk *t*₁]]]]?
 (‘Como você disse que gostaria que eu movesse o baú?’)

- (52) How_i did you say [_{CP} [_{T1} you wanted me [_{CP} [_{T1} to move the trunk *t*₁]]]]?
 (Diagrama sintático com setas indicando movimento cíclico de How_i através dos CPs intermediários)

Caso o CP intermediário da oração estivesse preenchido, como em (53), o movimento-*Wh* não seria aceitável, pois o movimento cruzaria dois nódulos de

¹¹² “Certain categories in certain configurations are barriers to government and to movement (Move- α).” (CHOMSKY, 1986, p.1).

fronteira ao mesmo tempo, contrariando o Princípio de Subjacência, bloqueando a leitura “à longa distância”; exemplo adaptado de Cook & Newson (1996, p.259):

- (53) \checkmark ----- \checkmark
 *Who_i did [_{AGRP} John ask [_{CP} when_i [_{AGRP} *t*_i fixed the car *t*_j]]]?
 (*A quem o João perguntou quando consertou o carro?)

Precisamos, contudo, estabelecer uma diferença importante em relação à tipologia das perguntas-*Wh* no que se refere ao elemento ao qual o sintagma-*Wh* está ligado: se é um argumento verbal ou se é adjunto, resultando, assim, em *perguntas referentes a argumentos* e *perguntas referentes a adjuntos*. As primeiras são aquelas que se referem a argumentos verbais, em geral sujeito e objeto, pois precisam preencher um papel- θ . As últimas são as referentes a elementos com função oblíqua (adjuntiva) ao verbo, pois não necessitam preencher nenhum papel temático essencial ao verbo, sendo regidas por antecendência. Observemos como essa diferença se apresenta nos exemplos (54) e (55), adaptados de Villiers (in FLETCHER & MACWHINNEY, 1997, p.426):

- (54) Who_i did she ask how to help *t*_i?
 ('A quem_i ela perguntou como ajudar *t*_i?)
- (55) *When_i did she ask how to help *t*_i?
 (*Quando_i ela perguntou como ajudar *t*_i?)

Em (54), exemplificamos o comportamento do movimento-*Wh* numa pergunta argumentativa, em que percebemos que o vestígios-*Qu* objeto “Who” é regido apropriadamente por ser lexicalmente regido pelo verbo, podendo, portanto, ser encontrado na oração inferior, mesmo com um vestígio adjunto interventor na posição COMP intermediário, como ocorreria com qualquer vestígio-*Wh* em posição argumental (VILLIERS; in FLETCHER & MACWHINNEY, 1997, p.426). Já em (55), temos uma pergunta-*Wh* adjuntiva, em que percebemos que o vestígios-*Qu* “When” não é lexicalmente regido, exigindo, portanto, a regência por antecedente. Entretanto, a sentença ainda é agramatical porque há a intervenção de um outro sintagma-*Wh* “how” na posição de COMP intermediário, e que acaba agindo como o antecedente potencial mais próximo, interrompendo a cadeia de co-indexação. (VILLIERS; in FLETCHER & MACWHINNEY, 1997, p.426).

Retomemos as considerações acerca da assimetria entre movimento-*Wh* a partir de posições-sujeito e de posições-objeto em sentenças encaixadas finitas (com “that” ou “que”) sob a perspectiva proposta em *Barriers* (1986). Lembremos que os objetos são sempre objetos de núcleos lexicais, portanto por eles regidos. Os sujeitos, por outro lado, podem também ser regidos, mas somente por AGR, que é uma categoria funcional. Em outras palavras,

[...] os vestígios são licenciados por serem regidos por núcleos lexicais, mas não por núcleos funcionais: assim, um vestígio pode sempre ser deixado numa posição de objeto, mas vestígios em posição de sujeito devem ser licenciados de alguma outra forma mais restrita.¹¹³ (COOK & NEWSON, 1996, p.261)

O *Princípio da Categoria Vazia* (*Empty Category Principle* – doravante *ECP*) refere-se ao fato de que os núcleos lexicais governam vestígios. De acordo com o ECP, “uma categoria vazia deve ser devidamente regida; α devidamente rege β se e somente se (1) α rege β ; (2) α é lexical.”¹¹⁴ (COOK & NEWSON, 1996, p.261). Sabemos que o movimento-*Wh* de posição de sujeito não envolve a regência de um núcleo lexical; para determinarmos que elemento, então, rege o sujeito, teremos que expandir nossa noção de “regente”, incluindo aí também elementos co-indexados ao elemento regido. Assim, um vestígio será devidamente regido (respeitará o ECP) se for regido por um elemento ao qual estiver co-indexado. Estabelecemos, aqui, as noções de *regência antecedente* (*antecedent government*) em oposição à *regência nuclear* (*head government*).

A proximidade entre os efeitos do Princípio de Subjacência e do ECP sobre o movimento nas línguas motivou que se buscasse uma forma de unificá-las em uma única abordagem, que foi concretizada por Chomsky em *Barriers* (1986). Ali, estabelece-se a definição de *barreira* – ou, em outras palavras, a introdução da noção de um constituinte capaz de bloquear movimentos agramaticais nas sentenças. Para chegar a tal resposta, o autor inicia suas considerações restringindo, primeiramente, seu foco de investigação: “Minhas preocupações aqui

¹¹³ “[...] traces are licensed by being governed by lexical heads, but not by functional heads: thus a trace can always be left in an object position, but traces in subject position must be licensed in some other more restricted way.” (COOK & NEWSON, 1996, p.261)

¹¹⁴ “an empty category must be properly governed; α properly governs β if and only if (1) α governs β ; (2) α is lexical.” (COOK & NEWSON, 1996, p.261)

são mais modestas, limitadas à regência e à fronteira.”¹¹⁵ (CHOMSKY, 1986, p.2). Conforme a discussão segue, o autor retoma conceitos-chave da teoria, tais como a Teoria X-barras – em especial as projeções máximas CP e IP –, a Teoria do Movimento – em que ele delimita dois tipos de movimento: substituição (*substitution*) e adjunção (*adjunction*) –, além das noções de C-comando e de Regência: “ α comanda β se α m-comanda β e nenhuma barreira de β exclua α ” (CHOMSKY, 1986, p.88). Ademais, o autor estabelece a noção de Barreira, que é determinada de duas formas: Marcação-L e Condição de Minimalidade, trata da Regência Apropriada (*Proper Government*), que trata do respeito à exigência do ECP de que os vestígios sejam devidamente regidos, além da Subjacência, das Violações de Ilha, da Condição de Minimalidade, do Movimento Vácuo, do *Gap* Parasítico, das Cadeias-A e de outros aspectos problemáticos envolvendo o movimento nas línguas.

O movimento-*Wh* pode alcançar diferentes distâncias dentro de uma sentença ou fora dela. Por isso, as construções em que se dá o movimento-*Wh* podem ser denominadas *dependências de longa distância (long-distance dependencies)* e *dependências desvinculadas (unbounded dependencies)*. Consideremos dois exemplos de movimento-*Wh* gramatical: (56) como um exemplo do primeiro tipo, que denominaremos *movimento-Wh curto*, e (57) que exemplifica o segundo tipo, por nós denominado *movimento-Wh longo*; exemplos adaptados de Lasnik & Uriagereka (1988, p.20).

(56) I wonder who [you will see *t*]

(‘Eu me pergunto quem [tu verás *t*]

(57) I wonder who [you think [John said [you will see *t*]]]

(‘Eu me pergunto quem [tu pensas [que o João disse [que tu verás *t*]]]

Conforme já havíamos considerado, a teoria parte do pressuposto que o movimento se dá localmente: “Os bons movimentos têm a propriedade de ultrapassarem apenas uma S (e, às vezes, também uma S’).”¹¹⁶ (LASNIK & URIAGEREKA, 1988, p.21). Entretanto, as línguas naturais nos apresentam diversos

¹¹⁵ “My specific concerns here are more modest, limited to government and bounding.” (CHOMSKY, 1986, p.2)

¹¹⁶ “The good movements thus have the property of moving across just one S (and sometimes also an S’).” (LASNIK & URIAGEREKA, 1988, p.21)

casos sintáticos em que a posição-A de onde parte o sintagma-*Wh* interrogativo se encontra distante da posição- \bar{A} onde o sintagma pousará. Ciente dessa problemática, Chomsky propõe que o movimento, nessas condições, se dá de forma *sucessivamente cíclica*:

Ou seja, ao invés de elevar um sintagma-*Wh* de sua posição-A diretamente para a sua posição na estrutura-S em um único golpe, nós primeiramente o movemos para o Comp mais baixo, e desse Comp para o próximo Comp mais alto, e assim por diante.¹¹⁷
(LASNIK & URIAGEREKA, 1988, p.21)

Consideremos (58) para ilustrar esse processo; exemplo adaptado dos mesmos autores. Notemos que, em (53), o sintagma-*Wh* “who” (quem) se moveu ciclicamente de um Comp mais baixo para o mais alto, em um processo composto por paradas intermediárias estratégicas (movimento de Comp-a-Comp).

- (58) I wonder [who [you think [t [John said [t [you will see t]]]]]]
(‘Eu me pergunto [quem [tu pensas [t [que o João disse [t [que tu verás t]]]]]]’)

Já em *Barriers* (1986) a teoria procura resolver problemas do tipo *Gap Parasítico*, em que temos a impressão de que um mesmo sintagma-*Wh* se moveu de dois locais simultaneamente. Observemos (59) em que, aparentemente, o sintagma-*Wh* movido *which report* (*que relatório*) parece ter se originado nas duas posições vazias e ao mesmo tempo; exemplo de Lasnik & Uriagereka (1988, p.72)

- (59) Which report₁ did you file e₁ without PRO reading e₁?
(‘Que relatório₁ tu arquivaste e₁ sem PRO ler e₁?’)

Em (59), o que ocorre, na verdade, é que o segundo e (posição de objeto do verbo “reading”) está licenciado em virtude de um outro *gap*, constituindo-se como um *gap* parasítico: ele só ocorre a partir do anterior, que o licencia. Assim, deduzimos que o sintagma-*Wh* parte, de fato, do primeiro *gap* e (posição de objeto do verbo “file”).

¹¹⁷ “That is, instead of moving a Wh-phrase from its A-position all the way up to its S-structure position in one fell swoop, we first move it to the lower Comp, and from that Comp to the next higher Comp, and so forth.” (LASNIK & URIAGEREKA, 1988, p.21)

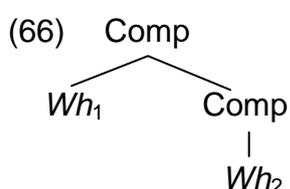
Outro conceito fundamental para a descrição e explicação do movimento-*Wh* interrogativo é aquele em que mais do que um sintagma-*Wh* está presente na sentença e conseqüentemente envolvido na derivação da mesma – *Condição de Superioridade (Superiority Condition)*, intimamente ligado à noção de c-comando. A Condição de Superioridade diz que “[...] se uma construção tiver duas fontes de Movimento-*Wh*, e uma for superior à outra (no sentido de estar “mais alta” na árvore), então o Movimento-*Wh* deve selecionar a superior.”¹¹⁸ (LASNIK & URIAGEREKA, 1988, p.101), ou, conforme Villiers (in FLETCHER & MACWHINNEY, 1997, p.433): “determinadas perguntas parecem ter prioridade, em relação a outras, em assumir o espaço estrutural Spec,CP inicial”. Se tal condição não for respeitada, estaremos violando o MLC (*Minimal Link Condition – Condição do Elo Mínimo*). Tomemos (60), (61), (62), (63), (64) e (65) como exemplos – em que a restrição da Superioridade se comprova tanto na língua inglesa quanto em português brasileiro; exemplos adaptados de Lasnik & Uriagereka (1988, p.100) e Villiers (in FLETCHER & MACWHINNEY, 1997, p.433):

- (60) Who will read what?
 (‘Quem lerá o quê?’)
- (61) *What will read who?
 *O que lerá quem?
- (62) Who slept where?
 (‘Quem dormiu onde?’)
- (63) *Where did who sleep?
 (*Onde quem dormiu?)
- (64) How will she make what?
 (‘Como ela fará o quê?’)
- (65) *What will she make how?
 (*O que ela fará como?)

As perguntas (60), (61), (62) e (62) questionam, simultaneamente, sujeito e objeto de uma mesma sentença; (63) e (64) questionam um argumento verbal e um

¹¹⁸ “[...] if a construction has two sources of Wh-Movement, and one is superior to the other (in the sense of “higher” in the tree), then Wh-Movement must pick the superior one.” (LASNIK & URIAGEREKA, 1988, p.101)

adjunto oracional. Em todas elas, apenas um elemento-*Wh* (Wh_1) pode ocupar a posição Spec, CP da oração principal na estrutura-S e, pelo menos aparentemente, os sintagmas-*Wh* co-indexados tanto à posição argumental de sujeito “Who” em (60) e (62), quanto a um adjunto adverbial de modo “How” (64) parecem se sobressair em relação aos outros sintagmas-*Wh*. Observemos, também, que esses sintagmas-*Wh* encontram-se mais próximos à posição de Spec, CP, numa clara adequação à “lei do menor esforço” no sentido de que o elemento que tiver que se submeter ao menor esforço aparente será o eleito para ocupar a posição Spec,CP, tornando a sentença gramatical. Para ilustrar, tomemos o diagrama adaptado de Lasnik & Uriagereka (1988, p.103):



Em nossa abordagem do Movimento-*Wh* sob o aparato teórico da GB, em harmonia com o P&P, diversas considerações acerca desse fenômeno foram feitas, numa tentativa de compreendermos como ele se manifesta nas línguas naturais. Nosso objetivo maior é o que Mioto (2007) estabelece como o ideal a ser buscado pelo lingüista gerativo: “examinar o que há de comum em todos os movimentos e a atuação de princípios e parâmetros da gramática que servem para explicar as diferenças intra- e inter-línguas.” (MIOTO, 2007, p.250)

Estabelecemos, primeiramente, o que é o Movimento-*Wh*, a partir das manifestações desse movimento nas línguas (sintagmas-*Wh* deslocados ou *in-situ*; inserção de partículas interrogativas). Partimos do princípio de que o Movimento-*Wh* é o fenômeno responsável por mover um determinado constituinte à uma posição- \bar{A} , deixando, em seu local de origem, um vestígio a ele co-indexado. Discutimos, também, as propriedades do local de pouso do movimento, demonstrando que o movimento pode se dar para distâncias longas ou curtas, de forma direta ou cíclica. Observamos que o Movimento-*Wh* está sujeito a algumas condições, restrições e princípios, tais como o Princípio de Subjacência, o Filtro do Comp Duplamente Preenchido e o Efeito do Vestígio-Que, para citarmos alguns. Avaliamos a forma como algumas subteorias da GB estão direta ou indiretamente ligadas ao

Movimento-*Wh*, levando em conta o Mova α , a Teoria X-barras, a Teoria do Caso, a Teoria da Regência e da Ligação, dentre outras.

Apesar de a variação paramétrica existente nas línguas ser um fator importante para explicar algumas das grandes diferenças estruturais entre elas no que se refere à concretização do Movimento-*Wh*, o fenômeno do movimento pode ser verificado, de uma forma ou de outra, em todas as línguas. Mioto (2007), ao analisar os diferentes movimentos aos quais as línguas estão sujeitas, destaca o Movimento-*Wh*, por considerar que

é a este tipo de movimento que está consagrada grande parte da literatura gerativista dos anos 80. [...] uma quantidade enorme de fenômenos foram observados nas línguas e entre as línguas; é impressionante a consistência com que as generalizações se mantêm. (MIOTO, 2007, p.250)

Assim, encerramos nossa abordagem do Movimento-*Wh* na perspectiva da fase da teoria da gramática denominada Programa de Princípios e Parâmetros, retomando uma noção que permeia a evolução da teoria desde o seu início e que se mostra sempre e cada vez mais essencial: a busca constante pela maior generalização e aplicabilidade possíveis.

Idealmente, a GB deveria se desenvolver da seguinte forma: a cada ano, os princípios deveriam ser ampliados em seu escopo, gradualmente incorporando aquilo que, em trabalhos prévios, teve que ser colocado em termos de uma regra para uma língua em particular. Ao mesmo tempo, o grau em que cada princípio admite parametrização deveria ser circunscrito em limites bem definidos. Em outras palavras, no caso ideal, a estrutura dedutiva da teoria deveria tornar-se cada vez mais profunda.¹¹⁹ (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.224)

A proposta teórica Chomskyana para o estudo da linguagem humana segue evoluindo e se modificando, culminando no surgimento de um novo modelo, o *Programa Minimalista (The Minimalist Program)*. É sobre ele e, em especial, sobre o tratamento por ele dedicado ao Movimento-*Wh* que nos deteremos no capítulo seguinte.

¹¹⁹ “Ideally, GB should develop in the following manner: with each passing year the principles should broaden in scope, gradually subsuming what in previous work had to be stated in terms of a language-particular rule. At the same time, the degree to which each principle admits parameterization should come to be circumscribed within well-defined limits. In other words, in the ideal case, the deductive structure of the theory should become ever more profound.” (NEWMAYER; in KASHER, 1991, p.224)

5 TEORIA DA GRAMÁTICA – A FASE DO PROGRAMA MINIMALISTA

O Programa de Princípios e Parâmetros, aliado às sofisticações técnico-teóricas da Teoria da GB (*Government and Binding*), representa o avanço mais proeminente dos estudos sintáticos para a ciência lingüística: “A GB é a teoria de maior sucesso do P&P elaborada até hoje.”¹²⁰ (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13). Seus princípios universais e parâmetros de variação, amparados pelas diversas subteorias de que se compõe a gramática, parecem ter se aproximado da adequação explanatória almejada. Ao contrário da primeira fase da teoria (Teoria Gerativo Transformacional), de caráter essencialmente descritivista, o P&P responde de forma bastante satisfatória a pelo menos algumas das questões basilares que todo o lingüista gerativo busca solucionar.¹²¹ Relembremos:

- (a) O que constitui o conhecimento lingüístico?
- (b) Como tal conhecimento é adquirido?
- (c) Como tal conhecimento é posto em prática?

Entretanto, o desenvolvimento da teoria não se encerra com o P&P. Alguns fatos das línguas permanecem não explicados pelo aparato disponível, e o constante desejo de simplificar e generalizar ao máximo a aplicação da teoria são ainda correntes. Chomsky continua se dedicando a tal empreitada e publica *A Minimalist Program for Linguistic Theory* (1993), *Language and Nature* (1995) e *Bare Phrase Structure* (1995). Essas três obras, aliadas a algumas outras, formam a base para o início de um novo grande passo da teoria, conhecido como *O Programa Minimalista* (doravante PM)¹²².

¹²⁰ “GB is the most successful P&P-theory elaborated to date.” (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13)

¹²¹ O questionamento “c”, da ordem da aplicação prática do conhecimento lingüístico, permanece não sendo o foco de interesse da teoria, pois está diretamente ligado ao desempenho e à esfera da linguagem no âmbito social. O que interessa, de fato, à teoria são os aspectos ligados à competência lingüística, estritamente relacionados à esfera da linguagem em termos formais e cognitivos – questionamentos “a” e “b”. (Nota nossa)

¹²² A terceira grande fase da Teoria da Gramática, ou Programa Minimalista, não receberá o mesmo tratamento, no presente estudo, que as duas fases anteriores receberam (Cap. X e X), nem em termos de sua estrutura, nem em termos da forma como o Movimento-Wh é por ela contemplada. O PM é um modelo ainda em expansão e nosso objetivo, por hora, é elicitar o estágio atual de

Como já era de se esperar, o PM não constitui um abandono do trabalho realizado até então: “[A GB é um] ponto de partida útil para as considerações metodológicas minimalistas [...]. Em efeito, a história da GB estabelecerá a marca que qualquer reanálise minimalista concorrente terá que alcançar ou transpor.”¹²³ (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13). O PM se apresenta, então, como uma proposta interessada em realizar o refinamento de certos aspectos da teoria que não mostram satisfatórios. O objetivo desse modelo da teoria continua coerente com o seu propósito ao longo das décadas: descrever e explicar os fenômenos sintáticos da forma mais simples e geral possível, buscando a universalidade do conhecimento lingüístico, porém agora de posse de uma estrutura mais enxuta e abstrata. Para Chomsky (1993), o modelo Minimalista é simplesmente “uma teoria da linguagem que assume que uma expressão lingüística nada mais é do que um objeto formal que satisfaz as condições de interface de forma ótima.”¹²⁴ (CHOMSKY, 1993, p.5).

A idéia central do PM é propor um modelo de gramática mais simples que os anteriores, removendo deles todo e qualquer componente não-essencial, mantendo apenas aqueles vitais para a sua estrutura. A base do PM crê que a Gramática Universal é formada por um único sistema computacional, com derivações orientadas pelas propriedades morfológicas, que variam de acordo com a variação sintática das línguas. Precisamos, de posse dessas noções essenciais, determinar, então, o que é realmente necessário à teoria lingüística sob a ótica do PM.

O Programa Minimalista explora a hipótese de que a faculdade da linguagem é a realização ótima das condições de interface. Em outras palavras, é um sistema não-redundante e ótimo no sentido de que fenômenos particulares não são superdeterminados pelos princípios lingüísticos e que o sistema lingüístico está sujeito às restrições de economia com um sabor de esforço mínimo. O programa também faz referência à questão de que condições são impostas ao sistema lingüístico em virtude de sua interação com os sistemas de performance (as condições de *output* puro).¹²⁵ (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13)

desenvolvimento da teoria, ainda que sem a pretensão de esgotá-lo, o que mereceria um novo estudo, complementar e à parte deste. (Nota nossa)

¹²³ “[GB is a] useful starting point for the minimalist methodological concerns [...]. In effect, GB-story will set the mark that any competing minimalist reanalysis will have to meet or beat.” (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13)

¹²⁴ “[a] theory of language that takes a linguistic expression to be nothing other than a formal object that satisfies the interface conditions in the optimal way.” (CHOMSKY, 1993, p.5)

¹²⁵ “The Minimalist Program explores the hypothesis that the language faculty is the optimal realization of interface conditions. In other words, it’s a non-redundant and optimal system in the sense that particular phenomena are not overdetermined by linguistic principles and that the linguistic system is

No modelo de gramática proposto até então, encontramos dois níveis de interface externa (FL e FF), e um nível de interface interna (o componente lexical, impresso na estrutura-P). Ambos os níveis de interface se interligam por um único nível de representação (estrutura-S). A partir do PM, a constituição da estrutura da gramática é questionada e apenas os níveis conceitualmente necessários permanecem. “O Programa Minimalista restringe a classe de níveis possíveis de representação lingüística apenas àqueles que são exigidos por necessidade conceitual, a saber, aos que interagem com os sistemas de performance.”¹²⁶ (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13). Como resultado dessa restrição, apenas os níveis FL e FF são mantidos, e as noções de estrutura-P e estrutura-S são abandonadas.

A GU [...] deve especificar que propriedades das DEs [descrições estruturais] e das representações simbólicas que entram nelas. Em particular, ela deve especificar os níveis de interface, os elementos que constituem esses níveis e as computações através das quais elas são construídas. Um esquema particularmente simples para a linguagem consideraria os níveis de interface como sendo os únicos níveis.¹²⁷ (CHOMSKY, 1993, p.3)

O PM ascende a teoria à mais um degrau na abstração teórica. A noção de princípios e parâmetros, tão fundamental para o P&P, é totalmente revista, sendo que agora os princípios devem adequar-se a uma lei mais geral norteada pela maior economia, ou ainda pelas condições de interface. Assim, dispensando tanto a estrutura-S quanto a estrutura-P, e mantendo apenas componentes relacionados à FF e à FL (sonoras e semânticas, respectivamente), associadas a um léxico e a um sistema computacional que possibilita a interação desses níveis essenciais, a gramática do PM pode ser desenhada como segue:

subject to economy restrictions with a least effort flavor. The program also addresses the question of what conditions are imposed on the linguistic system in virtue of its interaction with performance systems (the bare output conditions).” (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13)

¹²⁶ “The Minimalist Program restricts the class of possible linguistic levels of representation to only the ones that are required by concecpatural necessity, namely, the ones that interface with performance systems.”¹²⁶ (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.13)

¹²⁷ “UG [...] must specify the properties of SDs [structural descriptions] and of the symbolic representations that enter into them. In particular, it must specify the interface levels, the elements that constitute these levels and the computations by which they are constructed. A particularly simple design for language would take the interface levels to be the only levels.” (CHOMSKY, 1993, p.3)

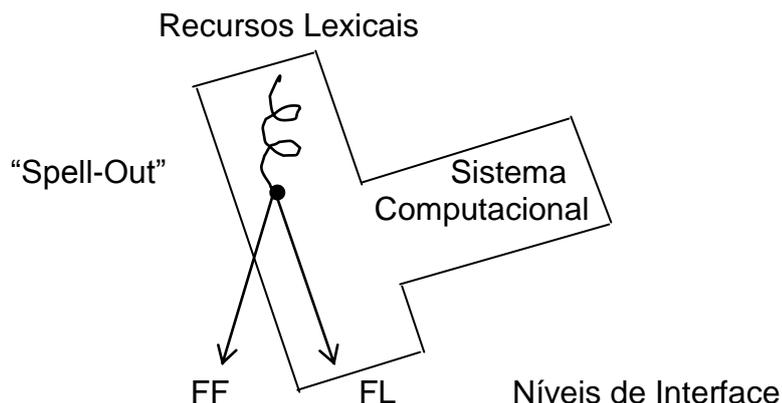


Figura 6 – Estrutura da Gramática no Programa Minimalista (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.357)

No PM, temos a FF e a FL como elementos essenciais, além de um Sistema Computacional responsável por promover a interação entre esses dois componentes e o Léxico, que permanece como elemento indispensável.

O que permanece são os [elementos] mais essenciais que necessariamente têm que ser assumidos: sabendo-se que as línguas têm significado e forma, não é possível abrir mão da interface entre a gramática e a semântica (FL) ou daquela entre a gramática e a fonética (FF). Além disso, deve haver algum mecanismo sintático para formar as estruturas que aparecem nos níveis de interface, ou seja, um sistema computacional de algum tipo. [...] Idealmente, a gramática deveria consistir apenas do mínimo necessário.¹²⁸ (COOK & NEWSON, 1996, p.318-9)

Sob essa proposta, as expressões lingüísticas são geradas por derivações que devem satisfazer as condições impostas pelos sistemas de interface. Todas as condições sintáticas, então, expressam as propriedades dos sistemas de interface, em que as exigências de cada língua são respeitadas, a partir de recursos limitados pela gramática. A gramática, a partir do PM, exclui a estrutura-S e a estrutura-P, mantendo apenas FF e FL, um sistema computacional e o léxico como níveis necessários de representação. Mas o que ocorre, então, com os princípios e parâmetros nos quais a GB está embasada?

Sob a perspectiva minimalista, todos os princípios e parâmetros do sistema lingüístico deveriam ou ser postulados em termos de sua

¹²⁸ "What remains are the bare essentials that necessarily have to be assumed: given that languages have meaning and form, it is not possible to dispense with the interface between the grammar and semantics (LF) or with that between the grammar and phonetics (PF). Furthermore, there has to be some syntactic mechanism that forms the structures that appear at the interface levels, i.e. a computational system of some kind. [...] Ideally the grammar should consist of only the bare minimum." (COOK & NEWSON, 1996, p.319)

legitibilidade na FL ou na FF (talvez como modos de interpretação pelos sistemas de performance) ou ser considerados subprodutos das operações do sistema computacional.¹²⁹ (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.15)

Quanto às variações paramétricas entre as diferentes línguas, sob uma visão bem radical da teoria, elas estariam confinadas ao léxico, o que nos permite “retirar os parâmetros do sistema computacional propriamente dito, e atribuí-los completamente ao léxico.” (RAPOSO, 1998, p.6). Isso significa que a própria concepção do que sejam *parâmetros* modifica-se, pois passa de “‘princípios abertos’, com dois valores possíveis, e que só são ‘acionados’ [...] no decurso do desenvolvimento da FL₀” (RAPOSO, 1998, p.5) a “[algo] que não é mais do que o âmbito da variação morfológica (e talvez seletional) possível para uma determinada categoria funcional.” (RAPOSO, 1998, p.6)

Quanto aos princípios, um que se mostra basilar para a construção teórica e metodológica do PM é o Princípio da Interpretação Plena (*Principle of Full Interpretation*). De acordo com ele, “as interfaces (PF e LF) não possuem elementos ‘estranhos’ aos sistemas de performance respectivos, isto é, elementos que não possam ser interpretados por eles.” (RAPOSO, 1998, p.9). Outro princípio essencial para a teoria do PM é o Princípio da Economia (*Principle of Economy*) de representação e derivação.

O princípio da Interpretação Plena afirma que não existem elementos redundantes na estrutura da sentença: cada elemento desempenha um papel, seja semântico, sintático ou fonológico, e deve ser interpretado de alguma forma. O Princípio da Economia é uma exigência mais geral de que todas as representações e processos usados para a sua derivação sejam os mais econômicos possível.¹³⁰ (COOK & NEWSON, 1996, p.312)

O PM, como podemos perceber até o presente momento da discussão, não pretende se afastar dos modelos anteriormente propostos apenas pela forma prática como conceberá a análise, descrição e explicação técnica das estruturas

¹²⁹ “Under the minimalist perspective, all principles and parameters of the linguistic system should either be stated in terms of legitimacy at LF or PF (perhaps as modes of interpretation by the performance systems) or follow as byproducts of the operations of the computational system.” (GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.15)

¹³⁰ “The principle of Full Interpretation claims that there are no redundant elements in the structure of the sentence: each element plays some role, whether semantic, syntactic, or phonological, and must be interpreted in some way. The Principle of Economy is a more general requirement that all representations and processes used to derive them be as economical as possible.” (COOK & NEWSON, 1996, p.312)

lingüísticas, mas também pela forma como lidará com seu objeto de estudo. O alto grau de abstração e simplificação que o PM inerentemente propõe o bifurca em duas perspectivas: uma teórica (filosófica) e outra metodológica.

Podemos dizer que o PM possui duas vertentes: uma vertente teórica, assente numa filosofia particular da mente e das suas relações com a linguagem, e uma vertente metodológica, assente numa disciplina conceptual estrita. Nos dois casos, a ideia-chave é a mesma: remover do modelo aquilo que não é estritamente necessário, quer do ponto de vista da inserção da linguagem na mente e dos seus mecanismos internos, quer do ponto de vista da 'parsimónia do próprio modelo. Na sua vertente teórica, o PM pergunta até que ponto é que existem bases empíricas para uma concepção 'mínima' da linguagem, isto é, reduzida àquelas propriedades que são conceptualmente necessárias, e sem as quais o objecto estudado não poderia ser uma linguagem humana. Na sua vertente metodológica, o PM procura simplificar análises, eliminar especulações descritivas e outras soluções de 'engenharia lingüística', e abordar problemas perenes de frente, sem rodeios. (RAPOSO, 1998, p.7)

Quanto à vertente metodológica seguida pelo PM, temos importantes considerações a fazer. Primeiramente, estabeleçamos que a FL é um sistema *exteriorizante* e que se contacta, de acordo com o PM, somente com sistemas expressivos da linguagem: os *Sistemas de Pensamento (Sistema C-I; Conceitual-Intencional)* e os *Sistemas Sensório-Motores (Sistema A-P; Articulatório-Perceptual)* (RAPOSO, 1998, p.7). A interface com o sistema C-I se dá no nível de representação FL e com o sistema A-P se dá na FF.

No PM, lidamos com conceitos como *Convergir (Converge)* e *Fracassar (Crash)* para nos referirmos à estruturação adequada das sentenças geradas pela gramática. Se uma interface satisfaz o Princípio da Interpretação Plena tanto em FF quanto em FL, ela converge; se não convergir em pelo menos uma delas, ela fracassa.

As representações em FL e em FF devem conter informações relevantes (do tipo semântico and fonético respectivamente) a fim de satisfazer o Princípio da Interpretação Plena. Se uma representação em FL ou em FF se adequa à Interpretação Plena, ele converge naquele nível. Uma derivação toda converge se convergir tanto em FL quanto em FF. Caso contrário, ela fracassa e a estrutura é agramatical.¹³¹ (COOK & NEWSON, 1996, p.322)

¹³¹ "LF and PF representations must contain information of the relevant sort (semantic and phonetic respectively) in order to satisfy the Principle of Full Interpretation. If a representation at LF or PF conforms to Full Interpretation, it converges at that level. A whole derivation converges if it converges

A *Restrição de Elo Mínimo* (*The Minimal Link Condition*) é a manutenção de uma noção do P&P, ainda que sob uma nova roupagem, do Princípio da Minimalidade Relativizada, introduzida e desenvolvida por Rizzi (1990) e da condição de Superioridade, da qual já tratamos. Tal restrição exige que uma operação de movimento deva ser a mínima possível, não permitindo que os elementos se movam para nenhuma posição mais distante que a posição relevante mais próxima. O funcionamento das condições de Economia no PM nos leva a outro conceito-chave: *Procrastinar* (*Procrastinate*), que exige que as operações de movimento sejam retardadas pelo maior tempo possível, até que sejam realmente necessárias.

O *Spell-Out* “é o ponto da computação em que a estrutura formada até aí dá entrada na componente fonológica” (RAPOSO, 1998, p.9). Em outras palavras, *Spell-Out* é o ponto de bifurcação entre os resultados gerados pelos níveis de interface externas a partir do léxico em que, na FF, haverá apenas informação fonética e, na FL, todo o restante. O autor ainda nos chama a atenção a um fato relacionado a *Spell-Out* que pode gerar mal-entendidos: “Repare-se que o *Spell-Out* não é a Estrutura-S ‘mascarada’, visto que não existem propriedades, generalizações ou princípios que se apliquem nesse nível.” (RAPOSO, 1998, p.20).

Há ainda outros conceitos e mecanismos específicos do funcionamento da gramática do PM, tais como *Merge*, que é “o processo de combinação de itens lexicais em árvores parciais; [...] o processo combinatório que forma as estruturas a partir de elementos da Numeração e de outras estruturas parcialmente construídas.”¹³² (COOK & NEWSON, 1996, p.325) e *Move*, que é “o processo de movimento que também desempenha um papel na construção da estrutura.”¹³³ (COOK & NEWSON, 1996, p.325). *Procrastinar* está diretamente ligado à noção de *Move* (movimento) sob a perspectiva do PM.

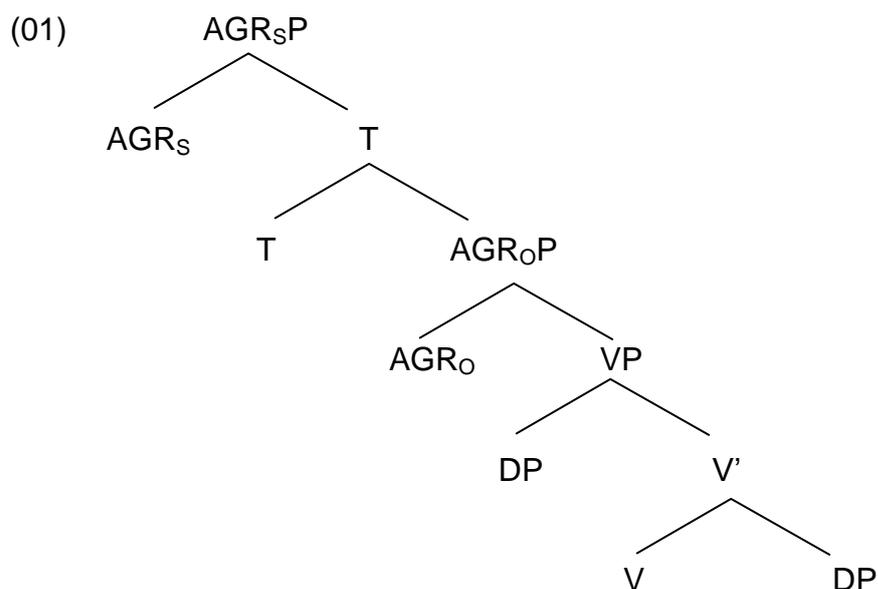
No processo de desenvolvimento do PM para o enxugamento da estrutura da gramática, as noções de estrutura-S e estrutura-P, como já vimos, são suprimidas. Resta, então, à atual teoria encontrar uma forma de captar, em seu novo esboço, as

at both LF and PF. If not, it crashes and the structure is ungrammatical.”¹³¹ (COOK & NEWSON, 1996, p.322)

¹³² “the process of combining lexical items and partial trees; [...] the combinatorial process which forms structures from elements in the Numeration and other partially built structures”¹³² (COOK & NEWSON, 1996, p.325)

¹³³ “[t]he movement process which also plays a role in structure building.”¹³³ (COOK & NEWSON, 1996, p.325)

motivações para o apagamento dessas noções sem o prejuízo da gramática. O PM adota, como parte da solução para esse problema, a subdivisão de uma categoria funcional antiga da TG – ‘AGR’, estabelecendo a existência de dois elementos responsáveis pela Concordância (*Agreement*): um especificamente para o Sujeito (AGR_SP) e outro para o Objeto (AGR_OP). A partir da adoção de dois elementos AGRPs distintos, a estrutura oracional básica assumida pelo PM (01) é a que segue (COOK & NEWSON, 1996, p.327):



AGR_SP e AGR_OP são “instâncias de aspectos nominais que ‘concordam’ com certos elementos nominais. Com o que eles concordam depende de que elementos se movem para os seus Specs, disparando a concordância Spec-núcleo.”¹³⁴ (COOK & NEWSON, 1996, p.328). Assim, o sujeito da sentença acaba se alojando no AGRP mais alto, o AGR_SP, e o objeto vai para o AGRP mais baixo, o AGR_OP. Se assim não fosse, a ocupação do AGR_OP pelo sujeito violaria a Restrição do Elo Mínimo, causando o fracasso da derivação. Pelo Princípio de Projeção Estendida, todas as sentenças devem ter sujeito, o que faz com que AGR_SP seja um elemento obrigatório; por outro lado, AGR_OP é um elemento opcional em certas orações, determinado pela projeção efetuada pelo verbo. Como o léxico fornece o verbo já completo, com todos os seus traços (Tense e AGR), o *Checking* é feito ao mover o

¹³⁴ “[i]nstances of nominal features that ‘agree’ with certain nominal elements. What they agree on depends on which elements move into their specifiers, triggering specifier-head agreement.”¹³⁴ (COOK & NEWSON, 1996, p.328)

verbo ao elemento relevante. Se o verbo for transitivo, ele terá, além de sujeito, um objeto. Se o objeto não se mover ao AGR_O , a derivação fracassará. Assim, um objeto força a existência de um AGR_O e um AGR_O subentende a existência de um objeto. “Essa solução funciona sem postularmos a estrutura-P e, assim, permite que nos livremos desse nível de representação por completo.”¹³⁵ (COOK & NEWSON, 1996, p.328)

Para ilustrarmos como uma sentença simples seria representada sob essa nova concepção, observemos (02); exemplo de Grohmann, Hornstein & Nunes (2005, p.152). Em (03), verificamos que $AgrO'$ é formado por aplicações sucessivas de *Merge*. Feito isso, o objeto “her” move-se para [Spec,AgrOP] para checar o caso acusativo e a concordância com a função de objeto em AgrOP.

(02) He greeted her.

(‘Ele a cumprimentou.’)

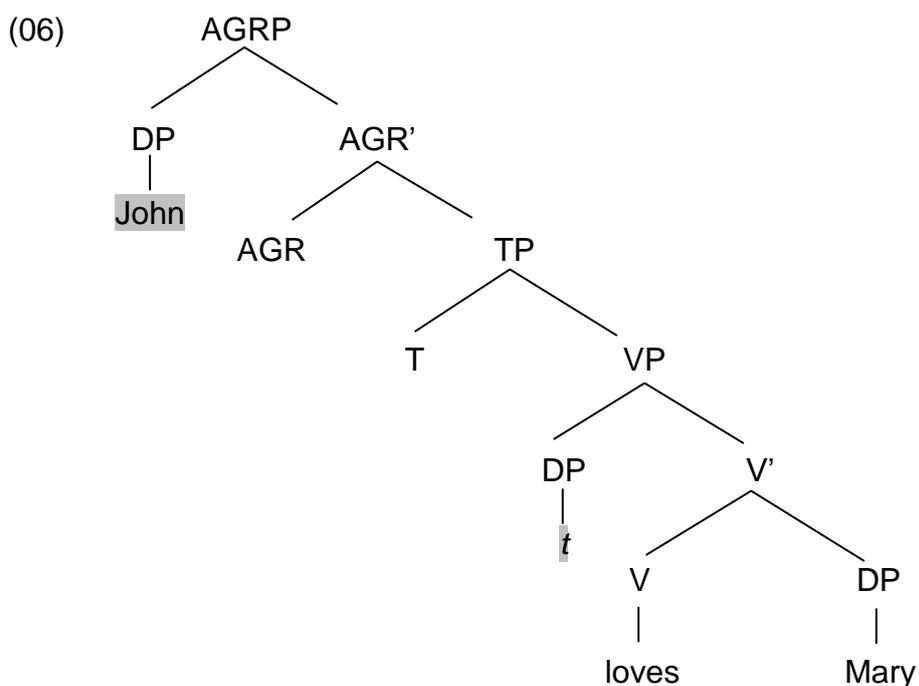
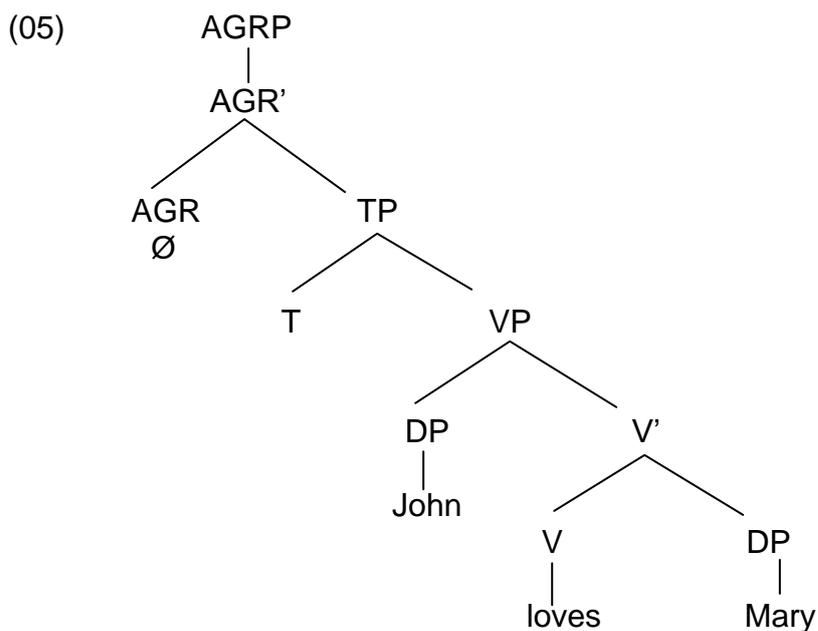
(03) [$AgrO'$ $AgrO$ [VP he [V' greeted her]]]

Outro exemplo nos mostra como posições acabam sendo criadas dentro da árvore no processo de derivação de uma estrutura. Tomemos (04), (05) e (06); exemplo e diagramas adaptados de Cook & Newson (1996, p.324). (04) é uma sentença declarativa transitiva direta. Como podemos verificar em (05), o NP-sujeito “John” estava originalmente alojado no nóculo do VP da representação arbórea. Em (06), já que o AGRP não possuía, originalmente, uma posição de Spec para onde o sujeito pudesse se mover, ela teve, portanto, que ser criada. Tal modificação da estrutura da árvore para acomodar adequadamente os constituintes da sentença exemplifica a força do movimento para a gramática do PM.

(04) John loves Mary.

(‘O João ama a Maria.’)

¹³⁵ “This solution works without postulating D-structure and hence allows us to get rid of this level of representation entirely.” (COOK & NEWSON, 1996, p.328)



A operação que licencia o movimento dos constituintes pela árvore é denominada *Move*. O processo de construção de uma árvore é composto, como podemos verificar, de duas operações: *Move* e *Merge*.

Vimos como a adoção de AGRP bipartido em AGR_SP e AGR_OP pelo PM modifica a estrutura da gramática ao eliminar a Estrutura-P. O abandono da Estrutura-S, por outro lado, parece ser um pouco mais problemático, pois “mais coisas foram tidas como aplicando-se a esse nível e, portanto, existem mais coisas

para serem acomodadas em outros níveis na estrutura minimalista.”¹³⁶ (COOK & NEWSON, 1996, p.328). Dois grandes exemplos são a Teoria do Caso e a Teoria da Ligação. Tratemos da primeira: para o PM, A Teoria do Caso envolve a checagem das características do Caso dos DPs inseridos do léxico; esses se deslocam ao Spec,AGRP para o *checking* referente ao caso de seus elementos. Esse movimento pode ocorrer de duas formas: aparente, antes do Spell-Out, ou não-aparente, depois do Spell-Out. Considerado esse processo, a Estrutura-S parece se tornar redundante e desnecessária.

Em relação à Teoria da Ligação, consideremos que ela se aplica pós-estrutura-P, onde os elementos referidos e seus referentes entram em ligação com as posições em estrutura-S diferentes daquelas ocupadas em estrutura-P. O movimento aparece como uma operação que salva as derivações de fracassarem nesse processo, mas ele deve preceder a realização das ligações entre os elementos, para que pronomes e reflexivos se liguem aos referentes adequados. A Teoria da Ligação pode ocorrer em FL, dispensando também a existência da estrutura-S.

Outra noção essencial da GB que acaba sendo abandonada pelo PM é a Regência, em que a operação de atribuição de Caso (*Case-marking*) é substituída por checagem de Caso (*Case-checking*).

A Teoria X-barra, extremamente importante para a estrutura da gramática da TG e para diversas subteorias da GB e, por que não, para a fase inicial do PM, acaba por ser eventualmente abandonada pela proposta atual.

A teoria X-barra não é um módulo da gramática Minimalista, mas as estruturas X-barra provêm diretamente dos processos de construção de estruturas. Esses combinam dois elementos, palavras ou sintagmas, e selecionam um como rótulo. As projeções máximas são simplesmente o mais longe que um elemento se ‘projeta’ e, assim, alguns elementos podem ser palavras e projeções máximas simultaneamente. As categorias X’ são aquelas projeções que não são nem palavras e nem projeções máximas.¹³⁷ (COOK & NEWSON, 1996, p.343)

¹³⁶ “more things have been assumed to apply at this level and hence there are more things to accommodate elsewhere in the minimalist framework.” (COOK & NEWSON, 1996, p.328).

¹³⁷ “X-bar theory is not a module of the Minimalist grammar, but X-bar structures follow directly from the structure building processes. These combine two elements, words or phrases, and select one as a label. Maximal projections are simply the furthest an element ‘projects’ and thus some elements can be words and maximal projections simultaneously. X’ categories are those projections which are neither words nor maximal.” (COOK & NEWSON, 1996, p.343)

O Movimento é uma noção com que a Teoria da Gramática vem lidando há décadas, e ele permanece em destaque no PM, constituindo uma operação do sistema computacional essencial para a gramática do PM; nesse novo modelo teórico, o movimento não somente auxilia na representação arbórea das sentenças, como também licencia os elementos a se moverem dentro da árvore, passando de um nóculo a outro, em posições estruturais criadas pelo processo de formação da árvore em si. Essa operação é denominada *Move*. O processo de criação das árvores é formado por duas operações básicas: *Merge* e *Move*, como já vimos em (05) e (06). Contudo, o movimento também no PM é restrito e condicionado à observação de algumas condições, tais como a *Restrição do Elo Mínimo* (que permite que o movimento se efetue apenas na posição relevante mais próxima), *Procrastinate* e *Greed* (que permite que o movimento de um elemento se efetue somente se ele satisfizer alguma propriedade do elemento movido).

Para resumir, o sistema computacional se inicia com uma Numeração dos itens lexicais a partir dos quais a Estrutura-P deve se formar. Então, pelas operações de *Merge* and *Move*, as Estruturas-P são construídas de pouco em pouco, com a operação *Move* sendo restringida pela Condição de Elo Mínimo, *Procrastinate* e *Greed*. Assim, o sistema todo está, de alguma forma, 'guiado' pelos itens lexicais e pela sua morfologia. [...] Esse processo segue até um ponto em que a derivação se bifurca em informação foneticamente relevante e informação semanticamente relevante: *Spell-Out*. Dali, duas representações separadas são formadas. O sistema computacional continua a formar estruturas após o *Spell-Out*, mas, se os pontos finais dessas operações não se conformarem à condição de Interpretação Plena, a derivação se desfaz. Se essas condições são respeitadas tanto na FL quanto na FF, a derivação converge.¹³⁸ (COOK & NEWSON, 1996, p.325-6)

O PM se define, como podemos perceber, como uma proposta metodológica em sintonia com os paradigmas essenciais da TG, ainda que em desacordo com certos pressupostos anteriormente consagrados por modelos anteriores da TG, em especial a GB. Raposo (1998) procura resumir de que maneira o PM se organiza para alcançar os objetivos a que se propõe:

¹³⁸ "To summarize, the computation system starts off with a Numeration of the lexical items from which the SD is to be formed. Then, by the operations of Merge and Move, SDs are built up piecemeal, with the Move operation being constrained by the Minimal Link Condition, Procrastinate and Greed. Hence the whole system is in a sense 'driven' by the lexical items and their morphology. [...] This process proceeds to a point at which the derivation splits into phonetically relevant and semantically relevant information: Spell-Out. From here two separate representations are formed. The computational system continues to form structures after Spell-Out, but, if the end points of these operations do not conform to a Full Interpretation condition, the derivation crashes. If these conditions are met at both LF and PF, the derivation converges." (COOK & NEWSON, 1996, p.325-6)

Em resumo, o PM define apenas dois níveis de representação (as interfaces PF e LF), que têm de obedecer a condições de legibilidade estritas impostas pelos sistemas de performance (o princípio FI); as derivações que satisfazem FI convergem; caso contrário, fracassam. As derivações convergentes têm ainda de obedecer a condições de economia derivacional, sendo as menos econômicas bloqueadas pelas mais econômicas. (RAPOSO, 1998, p.25)

Chomsky (1996) transmite também certo otimismo em relação às conquistas que o PM pode trazer ao campo dos estudos lingüísticos:

Quando o estudo da linguagem for capaz de se despir do preconceito, do dogma e dos mal-entendidos, poderemos, creio eu, relegar tudo isso a efeitos de decimal ordem resultantes de um acidente desinteressante, concentrando nossa atenção nas propriedades mais profundas e nos princípios que levam às explicações reais e ao entendimento das propriedades essenciais da mente humana. Nesse estágio, não mais faremos distinção entre núcleo e periferia. Ao invés disso, a lingüística será o estudo da linguagem nuclear, um estado que seria alcançado pela faculdade da linguagem em condições ideais, não realizadas num mundo complexo. Mas esse dia ainda está muito distante.¹³⁹ (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.42)

Nossa discussão sobre o PM nos leva à conclusão segura de que os princípios de economia (tais como *Shortest Move*, *Greed* e *Move*), as diversas condições e restrições de que o presente modelo se serve acabam por afetar diretamente todos os arranjos sintáticos nas línguas. Sendo o Movimento-*Wh* um desses fenômenos e, não esqueçamos, o que mais nos interessa neste trabalho, avaliemos, agora, como a arquitetura inovadora do PM aborda-o metodologicamente, em contraposição às abordagens anteriormente oferecidas pela TG através das regras e transformações que ditaram o tom da Gramática Gerativo-Transformacional na primeira grande fase da TG e, a seguir, da GB, arcabouço teórico vertebral do P&P.

5.1 O Movimento-*Wh* no Programa Minimalista

¹³⁹ “When the study of language is able to extricate itself from prejudice, dogma and misunderstanding, we will, I believe, dismiss all of this as tenth-order effects resulting from uninteresting accident, focusing our attention on the deeper properties and principles that lead to real explanation and understanding of essential properties of the human mind. At that point, we will no longer distinguish core and periphery. Rather, linguistics will be the study of core language, a state that would be attained by the language faculty under ideal conditions, unrealized in a complex world. But that day is still far away.” (CHOMSKY; in KASHER, 1991, p.42)

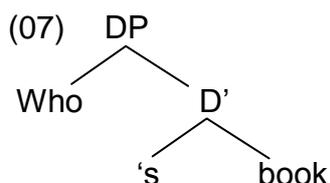
Conceitualmente, sabemos da importância do Movimento para as operações do PM. Já vimos que os constituintes não se movem a não ser que o devam fazer e, quando ocorre, o movimento não é livre ou irrestrito – pelo contrário, há fortes restrições e condições a que ele deve obedecer. A gramaticalidade das construções depende de uma comparação entre as derivações e não da avaliação de uma só isoladamente. Os princípios agora só agem nos níveis de interface internas (FF e FL), haja visto que o PM não dispõe mais da distinção entre estrutura-P e estrutura-S. (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.354).

A GB resolve, de forma geral, as questões referentes ao Movimento com o princípio *Mova α* aliado às restrições e filtros da gramática para evitar a geração de sentenças mal-formadas. No PM, O *Mova α* é substituído pelo *Mova F*, em que F (*Feature* pode ser entendido como uma *característica*, um *traço*).

Até esse ponto eu mantive a suposição que a operação *Move* seleciona α e o eleva, mirando K, onde α e K são categorias construídas de um ou mais itens lexicais. Mas de acordo com as suposições minimalistas gerais, essa é uma interpretação não-natural da operação. A idéia intuitiva subjacente é a de que a operação *Move* é orientada por considerações morfológicas: a exigência que alguma característica F deve ser checada. A operação minimalista, então, deveria elevar somente o F: deveríamos restringir α na operação *Move α* às características lexicais. Investiguemos o que ocorre se substituirmos a operação *Move α* pela operação mais fortemente orientada pelo princípio *Move F*, F um traço.¹⁴⁰ (CHOMSKY, 1996, p.262)

Vejamos como o princípio *Move F* se aplica ao movimento de sintagmas-*Wh*. (CHOMSKY, 1996, p.263). Se considerarmos que sintagmas como “who” (quem) e “what” (o que) são formados por três constituintes (o traço-*Wh*, um elemento abstrato de pronome indefinido, e o traço [\pm humano]), e que o C interrogativo (=Q) é forte, perceberemos que o traço-*Wh* não consegue elevar-se para checar Q sozinho, fazendo com que a derivação fracasse em FF. Se tomarmos um sintagma como *Whose book* (*livro de quem*), teremos um elemento-*Wh* “whose” que é, na verdade, a união de “who” e do possessivo ‘s, com “book” como complemento, gerando a representação (07); diagrama do mesmo autor.

¹⁴⁰ “So far I have kept to the standard assumption that the operation *Move* selects α and raises it, targeting K, where α and K are categories constructed from one or more lexical items. But on general minimalist assumptions, that is an unnatural interpretation of the operation. The underlying intuitive idea is that the operation *Move* is driven by morphological considerations: the requirement that some feature F must be checked. The minimalist operation, then, should raise just the feature F: we should restrict α in the operation *Move α* to lexical features. Let us investigate what happens if we replace the operation *Move α* by the more principled operation *Move F*, F a feature.” (CHOMSKY, 1996, p.262)



Com base em (07), suponhamos que a operação Move F deseje elevar somente “who”, deixando “book” para trás. O resultado fracassará em FF, o que ocorrerá também se somente “whose” for elevado. Assim, observamos que

[a] menor categoria que pode ser elevada pela operação *Move [wh-]*, nesse caso, é o sintagma *whose book* – apesar de, pelo entendimento do procedimento computacional, é somente o traço *[wh-]* que está sendo elevado; o resto é automaticamente arrastado em virtude da condição de economia.¹⁴¹ (CHOMSKY, 1996, p.263)

Com base em (07) e nas considerações acerca da substituição de Move α por Move F, podemos estabelecer, em linhas gerais, que

Move eleva o traço F ao alvo to K em Σ somente quando [(a) F é um traço não-chechado; (b) F entra numa relação de checagem com um sub-rótulo de K como resultado da operação] são respeitados, juntamente com [(a) FF[F] se eleva com F] e [(b) Uma categoria α contendo F se move junto com F somente se exigido para convergência] como conseqüências automáticas, e [Operações não-aparentes são pura elevação de traços] uma conseqüência além (presumida, mas não plenamente estabelecida).¹⁴² (CHOMSKY, 1996, p.269-270)

Consideremos o que o autor tem a nos dizer a respeito da realização do Movimento-*Wh* em dois ambientes bem específicos: sob condições de Superioridade e Ilhas-*Wh*, ambos com a preocupação de não violar a Condição do Elo Mínimo.

Tanto o movimento-NP quanto o movimento-*Wh* parecem mirar a primeira posição potencial a partir da posição de origem do movimento, de um ponto de vista ligeiramente abstrato. [...] O Movimento-*Wh* desloca um constituinte-*Wh* à primeira posição-A-barra apropriada e disponível, geralmente o Spec, CP local. Os efeitos de Superioridade [...] sugerem que o mais alto dentre um conjunto de sintagmas-*Wh* – o que estiver mais próximo à posição de

¹⁴¹ “[t]he smallest category that can be raised by the operation *Move [wh-]* in this case is the phrase *whose book* – though as far as the computational procedure is concerned, it is only the feature *[wh-]* that is raising; the rest is automatically carried along by virtue of the economy condition.” (CHOMSKY, 1996, p.263)

¹⁴² “*Move* raises feature F to target K in Σ only if [(a) F is an unchecked feature; (b) F enters into a checking relation with a sublabel of K as a result of the operation] holds, with [(a) FF[F] raises along with F] and [(b) A category α containing F moves along with F only as required for convergence] as automatic consequences, and [Covert operations are pure feature raising] a further consequence (assumed, but not fully established).” (CHOMSKY, 1996, p.269-270)

Spec, CP – deva se mover; os efeitos de ilhas-*Wh* sugerem que quando a posição de Spec,CP já estiver preenchida, o movimento de um sintagma-*Wh* para além dessa posição seja bloqueado de alguma forma. No caso da Superioridade, o constituinte-*Wh* que faria o menor esforço aparente para atingir o Spec,CP dever o que sofre o movimento; no caso da ilha-*Wh*, o constituinte-*Wh* parece ser penalizado por fazer o esforço de saltar para o local de pouso mais próximo – o Spec, CP local.¹⁴³ (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.352).

Mantendo essas premissas em mente, tratemos, primeiramente, da questão da *Superioridade*, observando duas sentenças interrogativas-*Wh*, uma gramatical (08) e outra agramatical (09); exemplos adaptados de Marantz (in WEBELHUTH, 1995, p.355):

- (08) Who did you persuade *t* to buy what?
 ('Quem você persuadiu *t* a comprar o quê?)
- (09) *What did you persuade who to buy *t*?
 (*O que você persuadiu a quem comprar *t*?)

As duas sentenças acima apresentam interrogação-*Wh* dupla, com a presença simultânea de um sintagma-*Wh* co-indexado ao sujeito “Who” e outro co-indexado ao objeto “What”. Como dois sintagmas-*Wh* não podem ocupar a posição-alvo Spec,CP ao mesmo tempo, estabelecer-se-á uma condição de Superioridade – vide também discussão envolvendo os exemplos (60) a (65), do Capítulo 4, página 111. O que ocorre em (09), e que acaba por gerar a agramaticalidade da sentença, é que o movimento- \bar{A} de constituintes-*Wh* não pode cruzar posições de Spec- \bar{A} para chegar ao seu alvo [Spec,CP]. Para tornar a derivação gramatical (08), teremos que mover o mais alto dos dois sintagmas-*Wh* para a posição-alvo, respeitando a operação de *Shortest Move* (movimento ao local apropriado disponível mais próximo). “Who” está, de fato, mais próximo do Spec,CP da oração principal do que

¹⁴³ “Both NP- and Wh-movement seem to target the first potential position up from the source position of movement, from a slightly abstract point of view. [...] Wh-movement moves a Wh-constituent to the first available and appropriate A-bar position, usually the local Spec of CP. Superiority effects [...] suggest that the highest among a set of Wh-phrases – the one closest to the Spec of CP position – must move; Wh-island effects suggest that when the closest Spec of CP position is filled, movement of a Wh-phrase beyond this position is blocked in some manner. In the Superiority case, the Wh-constituent that would make the least over effort to get to Spec of CP must be the one that moves; in the Wh-island case, the Wh-constituent seems to be penalized for making the effort to skip the closest possible landing site – the local Spec of CP.” (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.352)

“What”, que é o sintagma-*Wh* mais baixo. Conforme Marantz (in WEBELHUTH, 1995, p.355):

Queremos comparar duas derivações com os mesmos itens lexicais e a mesma interpretação. Num, aquele gerando a construção gramatical ‘Quem você persuadiu a comprar o quê?’ nós movemos o *Wh*- mais alto de forma aparente e realizamos quaisquer operações em FL que sejam necessárias para criar a interpretação de múltiplos *Wh*- juntamente ao *Wh*- mais baixo. Na outra, [‘*O que você persuadiu quem a comprar?’], movemos o *Wh*- mais baixo de forma aparente. Em nenhum dos casos o movimento-*Wh* aparente cruzaria uma posição de especificador A-barra preenchida, nem tampouco o movimento aparente por si só pode ser considerado agramatical. Queremos [mostrar] que o fato de mover o *Wh*- mais alto envolve um movimento mais curto, medido em nódulos cruzados ou outra métrica equivalente, para tornar esse movimento aparente menos custoso do que o movimento do sintagma-*Wh* mais baixo. ¹⁴⁴ (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.355-6)

Detenhamo-nos, agora, nas derivações em que o Movimento-*Wh* não se opera, pelo menos não de forma aparente, caracterizando o que a teoria denomina *Wh-in-situ*. As línguas naturais podem ser divididas em três grupos em relação a maneira como apresentam o Movimento-*Wh*:

- (a) línguas de *Wh-in-situ* obrigatório;
- (b) línguas de *Wh-in-situ* opcional e
- (c) línguas de movimento-*Wh* aparente obrigatório.

Raposo (1998), observa que

A operação Mover-*Wh* deriva orações interrogativas na sintaxe visível em línguas como o português, mas na sintaxe não-visível em línguas como o chinês; conseqüentemente, a operação tem reflexos fonéticos em português (os grupos-*Wh* ocorrem na margem esquerda das orações, em [Spec,CP]), mas não tem reflexos fonéticos em chinês (os grupos interrogativos ocorrem in-situ). (RAPOSO, 1998, p.17)

¹⁴⁴ “We want to be comparing two derivations with the same lexical items and the same interpretation. In one, the one yielding the grammatical, ‘Who did you persuade to buy what?’ we move the higher *Wh*- overtly and do whatever LF operations are necessary to create the multiple *Wh*-interpretation with the lower *Wh*-. In the other, [‘*What did you persuade who to buy?’], we have moved the lower *Wh*- overtly. In neither case would the overt movement of the *Wh*- cross a filled A-bar specifier position, nor is the overt movement by itself ungrammatical. We want the fact that moving the higher *Wh*- involves a shorter move, measured in nodes crossed or some equivalent metric, to make this overt movement less costly than the movement of the lower *Wh*-phrase.” (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.355-6)

Observemos o comportamento do Movimento-*Wh* no chinês (10), exemplo de Cheng (1991; in: GROLLA, 2005); em Bahasa Indonésia (11), exemplo adaptado de Saddy (1991; in GROHMANN, HORNSTEIN & NUNES, 2005, p.361) e no japonês (12), exemplo adaptado de Boeckx, Lasnik & Uriagereka (2005, p.102). Consideremos também os exemplos (29), (30) e (31), do Capítulo 4, páginas 95-6.

- (10) Qiaofong mail-le sheme ne?
 Qiaofong compra-ASP o que Q_{QU}
 ('O que Qiaofong comprou?')
- (11) Bill men-gira Tom men-harap Fred men-cintai siapa?
 Bill TR-thinks Tom TR-expects Fred TR-loves who
Who did Bill think (that) Tom expects (that) Fred loves?
 ('Quem o Bill pensa que o Tom espera que o Fred ame?')
- (12) John-wa nani-o kaimasita ka?
 John-TOP what-ACC bought Q
What did John buy?
 ('O que o João comprou?')

Como podemos perceber, o movimento-*Wh*, em chinês, japonês e bahasa indonésio, tomados os exemplos acima, não se opera abertamente em FF, como em inglês e em outras tantas línguas naturais. Tal conclusão, contudo, não é aceita de forma unânime nem mesmo dentre os gerativistas. Em *The Minimalist Program* (1996), Chomsky trata do *Wh*-in-situ como um fenômeno que ocorre tanto em FL (não-aparente) quanto em FF (aparente), porém ali com o movimento de um operador vazio. Ele afirma:

Watanabe (1991) argumentou, entretanto, que mesmo nessas línguas [línguas do tipo do chinês e do japonês] existe movimento-*Wh* aparente – nesse caso, movimento de um operador vazio, gerando os efeitos das restrições do movimento. Se Watanabe está certo, devemos assumir que um operador-*Wh* sempre ascende de forma aparente, que o Move α está sujeito às mesmas condições onde quer que ocorra na derivação para a FF e para a FL, e que a operação FL que se aplica em perguntas múltiplas em inglês e em

perguntas diretas em japonês está livre dessas condições.¹⁴⁵
(CHOMSKY, 1996, p.193-4)

A classificação do Português Brasileiro em relação à obrigatoriedade ou opcionalidade do movimento-*Wh* se torna problemática, pois essa língua não pode ser considerada uma língua de *Wh*-in-situ (não há a inserção obrigatória de uma partícula interrogativa) e nem uma língua com o traço absoluto [+movimento-*Wh*], já que apresenta a opção in-situ gramatical.

De acordo com a proposta minimalista [...], traços fortes devem ser eliminados da derivação antes de Spell-out fraco, e traços fracos devem ser checados depois de Spell-Out, no componente coberto. Traduzindo a proposta de Cheng (1991) em termos de traços, as línguas com partículas interrogativas sempre possuem o traço [qu], já que o movimento QU é coberto. Por outro lado, as línguas que efetuam movimento QU possuem o traço QU sempre forte, uma vez que tal movimento tem de ser efetuado abertamente. O comportamento do PB nesse contexto é determinante para assumirmos que esta divisão das línguas em 'língua com traço sempre forte' e 'língua com traço sempre fraco' não pode ser tão rígida. Temos de enfraquecer esta divisão para dar conta dos fatos do PB. Proporei então que o traço [qu] presente nos sintagmas interrogativos em PB pode ser tanto forte como fraco. (GROLLA, 2005)

Seguindo a proposta de Grolla (2005), se o [+*Wh*] for forte, obteremos perguntas como (13); se, por outro lado, o traço [+*Wh*] for fraco, perguntas como em (14) emergirão; exemplos de Grolla (2005):

- (13) a. Quem você encontrou *t*?
b. O que o João queria *t*?
c. Como você chegou lá *t*?
- (14) a. Você encontrou quem *t*?
b. O João queria o que *t*?
c. Você chegou lá como *t*?

¹⁴⁵ “Watanabe (1991) has argued, however, that even in these languages [Chinese- and Japanese-type languages] there is overt *Wh*-movement – in this case movement of an empty operator, yielding the effects of the movement constraints. If Watanabe is correct, we could assume that a *Wh*-operator always raises overtly, that Move α is subject to the same conditions everywhere in the derivation to PF and LF, and that the LF operation that applies in multiple questions in English and direct questions in Japanese is free of these conditions.” (CHOMSKY, 1996, p.193-4)

Em (13), as palavras-*Wh* se movem para Spec, CP para checar o traço forte em estrutura-S. Em (14), no entanto, como o traço [+*Wh*] é fraco, ele somente é checado em Forma Lógica (FL). Concluimos, assim, que o PB é uma língua do tipo *Wh*-in-situ opcional.¹⁴⁶ Algumas línguas, como o inglês, por exemplo, apesar de serem línguas com movimento-*Wh* obrigatório, podem apresentar *Wh*-in-situ em situações bastante específicas, como quando há a co-ocorrência de mais de um sintagma-*Wh* na mesma sentença, o que nos remete novamente à noção de *Superioridade* e *Shortest Move*. “As propriedades dos *Wh*s-in-situ em línguas como o chinês também são observáveis em interrogativas múltiplas em línguas como o inglês.”¹⁴⁷ (HUANG; in WEBELHUTH, 1995, p.150). Observemos como isso se dá em (15) e (16); exemplos adaptados de Huang (in WEBELHUTH, 1995, p.151).

- (15) Who_i *t*_i bought what *t*_j?
 ('Quem_i *t*_i comprou o quê *t*_j?)
- (16) Who_i *t*_i remembers where_j we bought what_k *t*_j *t*_k?
 ('Quem_i *t*_i se lembra onde_j compramos o quê_k *t*_j *t*_k?)

Podemos afirmar, a partir dos exemplos dados para as sentenças com *Wh*-múltiplo (15) e (16), que um dos sintagmas-*Wh* se moveu para o [Spec,CP] – o que se mostrou ‘superior’ na derivação e que, além disso, se encontrava mais próximo ao seu vestígio co-indexado. O outro sintagma-*Wh* da sentença permaneceu *in-situ* na FF, mas ainda assim sofreu movimento na FL.

Consideremos uma outra manifestação do Movimento-*Wh*, em que, numa sentença com múltiplos sintagmas-*Wh*, todos se moverão para a periferia esquerda da sentença, como em búlgaro (17) e (18); exemplos de Rudin (1988; in BOECKX, LASNIK & URIAGEREKA, 2005, p.193):

- (17) Koj kakvo e kupil?
Who what is bought
 ‘Who bought what?’
 (‘Quem comprou o quê?’)

¹⁴⁶ Não trataremos das ‘interrogações-eco’, em que o sintagma-*Wh* permanece em seu local de origem por razões outras que não a construção *default* da língua.

¹⁴⁷ “The properties of *Wh*s-in-situ in Chinese-type languages are also observable in multiple questions in English-type languages.” (HUANG; in WEBELHUTH, 1995, p.150)

- (18) *Kakvo koj e kupil?
What who bought
 ‘What did who buy?’
 (‘O que quem comprou?’)

Em línguas como o búlgaro (e outras línguas eslavicas), todos os sintagmas-*Wh* sofrem movimento aparente, em FF, deslocando-se para o início da sentença, conforme (17). Observemos, entretanto, que a ordenação dos sintagmas-*Wh* não é aleatório ou desordenado: se o sintagma-*Wh* “what” (referente ao adjunto da sentença) for trazido ao início da sentença, relegando o sintagma-*Wh* “who” à segunda posição, geraremos uma sentença agramatical. Isso nos mostra que, apesar de nenhum dos dois sintagmas permanecer in-situ, ainda assim o Princípio de Superioridade se aplica.

Para resumir, levando em conta a análise de Marantz (in WEBELHUTH, 1995, p.355-6), perceberemos que as derivações envolvendo o movimento-*Wh*, seja ele in-situ ou não, estão diretamente ligadas à idéia norteadora do PM: a economia dos processos sintáticos.

Já que diversas análises das construções-*Wh* envolvem o movimento em FL do(s) constituinte(s)-*Wh* in situ, precisamos nos certificar que o custo relativo das operações em FL no *Wh*- mais baixo adicionadas ao movimento aparente do *Wh*- mais alto é ainda menor do que o movimento aparente do *Wh*- mais baixo e do que as operações em FL no *Wh*- mais alto. Aqui, a aplicação do princípio do Movimento mais Curto envolve uma comparação global de diferentes derivações possíveis, e não a aplicação local de um princípio em um ponto na derivação.¹⁴⁸ (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.355-6)

Concluimos a discussão envolvendo o Movimento-*Wh* na perspectiva teórica do PM cientes de que o assunto não se esgota aqui. Tentamos abordar esse tipo de construção a partir do que o PM postula como essencial para a gramática proposta, lidando com as noções de economia e interpretação plena, os diferentes níveis de interface em que o movimento se opera, além de alguns princípios e restrições que

¹⁴⁸ “Since many analyses of multiple *Wh*-constructions involve LF movement of the in situ *Wh*-constituent(s), we need to make sure that the relative cost of the LF operations on the lower *Wh*- added to the overt movement of the higher *Wh*- is still less than the overt movement of the lower *Wh*- and that LF operations on the higher *Wh*-. Here the application of the Shortest Move principle involves a global comparison of different possible derivations, not a local application of a principle at one point in a derivation.” (MARANTZ; in WEBELHUTH, 1995, p.355-6)

norteiam a maneira como as línguas manifestam o movimento-*Wh*. Há ainda muito que ser dito e considerado no que tange o nosso tópico de investigação e esperamos que as considerações realizadas sejam úteis para aqueles que, futuramente, se interessarem em dar ao assunto a atenção e o aprofundamento devidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho desbravado por Chomsky e por tantos outros seguidores desde o início da TG, na década de 50, constitui a abordagem mais formal até hoje proposta para a linguagem no campo da ciência. O tratamento dispensado à linguagem humana, a começar pelo *status* a ela concedido como componente essencial do sistema cognitivo, eleva a Lingüística e, em especial, a Sintaxe a um patamar de importância nunca antes visto. O enfoque Chomskyano para os estudos da linguagem estabelece a interface necessária entre diferentes áreas científicas, tais como as ciências naturais e as formais, fazendo com que ambas convirjam para o crescimento e o aprimoramento do entendimento de questões relacionadas, na verdade e em igual medida, às duas.

Todo o progresso em direção a esse objetivo [a compreensão da linguagem humana enquanto um 'sistema perfeito'] aprofundará um problema para as ciências biológicas que já não é mais trivial: como um sistema como a linguagem humana pode surgir na mente/cérebro [...]? Tal problema representou, por algumas vezes, uma crise para as ciências cognitivas. As preocupações são apropriadas, mas o seu lugar de domínio está deslocado; elas são, primeiramente, um problema para a biologia e para as ciências neurológicas que, como correntemente entendidas, não oferecem nenhuma base para conclusões que parecem estar razoavelmente bem estabelecidas sobre a linguagem. Muito do interesse mais amplo do estudo detalhado e técnico da linguagem encontra-se aqui [nesta teoria], na minha opinião.¹⁴⁹ (CHOMSKY, 1996, p.2)

Procuramos, ao longo da investigação realizada envolvendo o Movimento-*Wh* na perspectiva histórica e teórica do Programa Gerativista, ressaltar a forma como tal fenômeno é abordado pela teoria durante as suas diversas modificações e ajustes, mas não sem antes desenharmos o formato assumido por cada uma de suas fases de forma ampla e, esperamos, esclarecedora.

¹⁴⁹ "Any progress toward this goal [understanding language as a 'perfect system'] will deepen a problem for the biological sciences that is already far from trivial: how can a system such as human language arise in the mind/brain, or for that matter, in the organic world, in which one seems not to find anything like the basic properties of human language? That problem has sometimes been posed as a crisis for the cognitive sciences. The concerns are appropriate, but their locus is misplaced; they are primarily a problem for biology and the brain sciences, which, as currently understood, do not provide any basis for what appear to be fairly well established conclusions about language. Much of the broader interest of the detailed and technical study of language lies right here, in my opinion." (CHOMSKY, 1996, p.2)

Tivemos, inicialmente, a preocupação de revisitar a Teoria da Gramática de forma panorâmica, a fim de estabelecer o esqueleto teórico assumido pela TG e também o papel que o Movimento nas línguas desempenha no contexto da teoria, o que deu forma ao Capítulo 2 (Teoria da Gramática – A Teoria do *Movimento*). Lidamos com conceitos basilares, como *gramática*, *Gramática Universal*, *língua*, *linguagem*, *competência* e *desempenho*, *linguagem-I* e *linguagem-E*, *estrutura profunda* e *estrutura de superfície*, dentre outros. Discutimos os questionamentos basilares orientadores da teoria e as formas pelas quais a proposta gerativa procura respondê-los. Desenhamos as etapas da teoria cronologicamente, a fim de estabelecermos o fio condutor de uma fase da teoria à outra, salientando os avanços e as descobertas agregadas à TG ao longo de seu desenvolvimento.

Em seguida, no Capítulo 3 (Teoria da Gramática – A Fase da Gramática Gerativo-Transformacional), retomamos cada um dos modelos adotados pela TG durante sua fase primeira individualmente, iniciada pelo Modelo Clássico, seguida pela Teoria Padrão, depois pela Teoria Padrão Estendida e, finalmente, pela Teoria Padrão Estendida Ampliada. Realizada a explanação acerca do contexto em que a adoção de cada novo modelo se operou e de que modificações e avanços foram por eles propostos, nos detivemos na análise do Movimento-*Wh*, procurando avaliar as estratégias adotadas por cada um dos modelos em relação a esse aspecto sintático, com o interesse constante de avaliar em que medida a teoria alcançava (ou não) seu objetivo de buscar maior adequação tanto descritiva quanto explanatória.

No Capítulo 4 (Teoria da Gramática – A Fase do Programa de Princípios e Parâmetros), nosso objetivo foi estabelecer os conceitos norteadores do modelo da TG seguinte, em que as noções essenciais de regras e transformações, tão importantes para a fase da Gramática Gerativo-Transformacional, foram abandonadas em detrimento da adoção de novos conceitos, dentre eles a existência de princípios universais e parâmetros de variação. A proposta teórica do P&P, materializada nas subteorias, restrições e filtros da GB, constituíram o foco principal do nosso estudo pois, com base neles, investigamos o tratamento destinado ao Movimento-*Wh* durante todo aquele período.

Finalmente, no Capítulo 5, atingimos a fase mais atual e, pelo menos por enquanto, final da TG – o Programa Minimalista. Avaliamos o arcabouço teórico dessa fase, considerando as simplificações que o PM buscou em sua gramática, em

que noções até então essenciais para o entendimento do estudo da linguagem foram abandonadas ou substituídas por outras mais abrangentes e generalizadoras. Novamente, interessou-nos o Movimento-*Wh* sob essa perspectiva; ali, abordamos o assunto levando em conta os níveis de interface e representação que o PM se propõe a considerar, ilustrando nossas considerações com exemplos a partir de várias línguas na tentativa de mostrarmos a aplicabilidade e universalidade da teoria.

O presente trabalho não esgota, e nem pretende esgotar, a problemática do Movimento-*Wh* nas línguas. A manifestação, concepção e tratamento técnico-teórico desse fenômeno sintático, e de tantos outros, continuará merecendo estudos cada vez mais minuciosos e atentos por parte daqueles que, como nós, se sentem irremediavelmente atraídos a tentar desvendados os mistérios envolvendo a linguagem humana.

REFERÊNCIAS

AKMAJIAN, A.; CULLICOVER, P.; WASON, T. *Formal Syntax*. Academic Press, 1977.

AKMAJIAN, A. & HENY, F. *An Introduction to the Principles of Transformational Syntax*. MIT, 1976.

BOECKX, C.; LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. *A Course in Minimalist Syntax*. Foundations and Prospects. Blackwell, 2005.

CHENG, L. On the typology of Wh-questions. Dissertação de Doutorado. Cambridge, Mass.: MIT, 1991. In: GROLLA, E. *Sobre a aquisição tardia de QU in situ em Português Brasileiro*. DELTA, Vol.21, No.1. Janeiro/Junho 2005. PUC-SP, 2005.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALLE, K. & KEYSER, S. J. *The View from Building 20*. MIT, 1993.

_____. *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT, 1965.

_____. *Barriers*. MIT, 1986.

_____. *Estruturas Sintáticas*. Mouton, 1957. (Tradução: Madalena Cruz Ferreira).

_____. *Knowledge of Language*. Praeger, 1986.

_____. *Language and Problems of Knowledge*. The Managua Lectures. MIT, 1988.

_____. *Lectures on Government and Binding*. The Pisa Lectures. Foris, 1982.

_____. *Language and Mind*. Harcourt, 1972.

_____. Linguistics and Adjacent Fields: A Personal View. In: KASHER, A. *The Chomskyan Turn*. Basil Blackwell, 1991.

_____. Linguistics and Cognitive Science: Problems and Mysteries. In: KASHER, A. *The Chomskyan Turn*. Basil Blackwell, 1991.

_____. On *Wh*-movement. (1976) In: CULLICOVER, P. et al. *Formal Syntax*. Academic Press, 1977.

_____. Principles and Parameters in Syntactic Theory. In: HORNSTEIN, N.; LIGHTFOOT, D. *Explanation in Linguistics*. The logical problem of language acquisition. Longman, 1981.

_____. *Reflections on Language*. Pantheon, 1975.

_____. *The Minimalist Program*. MIT, 1996.

_____. *Topics in the Theory of Generative Grammar*. Mouton, 1969.

CHOMSKY, N. & LASNIK, H. Principles and Parameters Theory. In: JACOBS, J.; Von STECHOW, A.; STERNEFELD, W. & VENNEMANN, T. *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. de Gruyter, 1993.

COOK, V. & NEWSON, M. *Chomsky's Universal Grammar – An Introduction*. 2ed. Blackwell, 1996.

COWPER, E. *A Concise Introduction to Syntactic Theory*. University of Chicago, 1992.

DAYAL, V. *Scope marking as indirect Wh-dependency*. NaLS 2, 1994.

ENGDAHL, E. Information packaging in questions; in BONAMI, O. & HOFHERR, P.C. *Empirical Issues in Syntax and Semantics – 6*, 2006, p.93–111. Disponível em: <<http://www.cssp.cnrs.fr/eiss6>> Acesso em 31.10.08

FREIDIN, R. *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. MIT, 1991.

GROHMANN, K. K.; HORNSTEIN, N. & NUNES, J. *Understanding Minimalism*. Cambridge, 2005.

GROLLA, E. Sobre a aquisição tardia de QU in situ em Português Brasileiro. In: DELTA, Vol.21, No.1. Janeiro/Junho 2005. PUC-SP, 2005.

HAEGEMAN, L. *Introduction to Government and Binding Theory*. Blackwell, 1991.

HORNSTEIN, N. & LIGHTFOOT, D. *Explanation in Linguistics*. The logical problem of language acquisition. Longman, 1981.

HUANG, C.-T. Logical Form. In: WEBELHUTH, G. *Government and Binding Theory and the Minimalist Programme*. Blackwell, 1995.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. MIT, 1972.

_____. *X-bar Syntax: A Study of Phrase Structure*. MIT, 1977.

KASHER, A. *The Chomskyan Turn*. Basil Blackwell, 1991.

LASNIK, H. *Lectures on Minimalist Syntax*. MIT Working Papers in Linguistics. MIT, 1993.

_____. *Syntactic Structures Revisited*. Contemporary Lectures on Classic Transformational Theory. MIT, 2000.

LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. *A Course in GB Syntax – Lectures on Binding and Empty Categories*. MIT, 1988.

- LOBATO, L. *Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Vigília, 1986.
- MARANTZ, A. The Minimalist Program. In: WEBELHUTH, E. *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Blackwell, 1995.
- MIOTO, C.; LOPES, R. & SILVA, M. *Novo Manual de Sintaxe*. 3ed. Insular, 2007.
- NAPOLI, D. *Syntax – Theory and Problems*. Oxford, 1993.
- NETO, J. O Empreendimento Gerativo. In: BENTES, A.; MUSSALIN, F. *Introdução à Lingüística 3. Fundamentos Epistemológicos*. 2ed. Cortez, 2005.
- NEWMAYER, F. Rules and Principles in the Historical Development of Generative Syntax. In: KASHER, A. *The Chomskyan Turn*. Basil Blackwell, 1991.
- NEWMAYER, F. *The Politics of Linguistics*. University of Chicago, 1986.
- OKELL, J. *A Reference Grammar of Colloquial Burmese*. Part I. Oxford, 1969.
- OUHALLA, J. *Introducing Transformational Grammar*. From rules to principles and parameters. Edward Arnold, 1994.
- PYLYSHYN, Z. Rules and Representations: Chomsky and Representational Realism. In: KASHER, A. *The Chomskyan Turn*. Basil Blackwell, 1991.
- RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Caminho, 1992.
- _____. *Da Teoria de Princípios e Parâmetros ao Programa Minimalista: algumas idéias-chave*. Universidade Nova de Lisboa, 1998.
- RETT, J. Pronominal vs. Determiner *wh*-words: evidence from the copy construction; in BONAMI, O. & HOFHERR, P.C. *Empirical Issues in Syntax and Semantics – 6*, 2006, p.355–374. Disponível em: <<http://www.cssp.cnrs.fr/eiss6>> Acesso em 31.10.08
- RICHARDS, N. W. III. *What Moves Where When in Which Language?* (Tese de Doutorado). MIT, 1997.
- RIZZI, L. *Relativised Minimality*. MIT, 1990.
- RUDIN, C. On multiple questions and multiple Wh-fronting. In: Natural Language and Linguistic Theory, 1988. In BOECKX, C.; LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. *A Course in Minimalist Syntax*. Foundations and Prospects. Blackwell, 2005.
- SADDY, D. WH scope mechanisms in Bahasa Indonesia, 1991. In More papers on wh-movement, ed. by Lisa L. S. Cheng. and Hamida Demirdache, 2002. In GROHMANN, K. K.; HORNSTEIN, N. & NUNES, J. *Understanding Minimalism*. Cambridge, 2005.

STEPANOV, A. *Wh-scope marking in Slavic*. Studia Linguistica, 2000.

VILLIERS, J. Categorias Vazias e Frases Complexas: O Caso das Perguntas-Qu. In: FLETCHER, P. & MACWHINNEY, B. *Compêndio da Linguagem da Criança*. Artes Médicas, 1997.

WATANABE, A. The notion of finite clauses in Agr-based case theory. In BOBALJIK, J. & PHILLIPS, C. *MIT working papers in linguistics 18: Papers on Case and Agreement I*. MIT, 1993.

WEBELHUTH, G. *Government and Binding Theory and the Minimalist Programme*. Blackwell, 1995.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Lingüística*. (Tradução de Marcos Bagno). Parábola, 2005.

WIESE, H. *WH-words are not 'interrogative' pronouns: the derivation of interrogative interpretations for constituent questions*. University of Berlin. Disponível em: <http://www.uni-potsdam.de/ger_wiese/publications/HWLpl2000.pdf> Acesso 22.11.07

Emiliana Raymundo
Curriculum Vitae

Março/2009

Emiliana Raymundo

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Emiliana Raymundo
Nascimento 12/03/1979 - Novo Hamburgo/RS - Brasil
CPF 96139153034

Formação Acadêmica/Titulação

- 2007 - 2009** Mestrado em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
Título: Diferenças Descritivas do Movimento-Wh Interrogativo nas Fases da Teoria da Gramática, Ano de obtenção: 2009
Orientador: Ana Maria Tramunt Ibaños
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2004 - 2004** Especialização em Estudos Avançados em Língua Inglesa.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Título: Bilingualism and Age of Language Acquisition
Orientador: Carlos Ricardo Pires Rossa
- 1997 - 2002** Graduação em Letras: Inglês.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
Título: Psychoanalytical and Exponential: Two Literary Approaches to Angela's Ashes
Orientador: Elvio Antonio Funck
-

Formação complementar

- 1999 - 1999** Extensão universitária em II Fórum de Línguas Estrangeiras.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
- 2000 - 2000** Curso de curta duração em Shakespeare - The Merchant of Venice.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
- 2000 - 2000** Curso de curta duração em V Semana Acadêmica de Letras.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
- 2000 - 2000** Extensão universitária em Intensive English Proficiency Course.
New Hampshire College, N.H.C., Manchester, Estados Unidos
- 2001 - 2001** Extensão universitária em III Fórum de Línguas Estrangeiras.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
- 2003 - 2003** Curso de curta duração em Tradução: introdução à teoria e à prática.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
- 2005 - 2005** Extensão universitária em Seminário Avançado em Língua Inglesa-Tópicos de Tradução.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Brasil
- 2005 - 2005** Extensão universitária em Fonética e Fonologia da Língua Inglesa.

Atuação profissional

1. IENH - Instituição Evangélica de Novo Hamburgo - IENH

Vínculo institucional

2009 - Atual Vínculo: Professora, Enquadramento funcional: Professora de Inglês, Carga horária: 20, Regime: Parcial

2. Highlights Language School - HLS

Vínculo institucional

2006 - Atual Vínculo: Professora, Enquadramento funcional: Professora de Inglês, Carga horária: 20, Regime: Parcial

3. Centro Universitário Feevale - FEEVALE

Vínculo institucional

2005 - 2005 Vínculo: Colaboradora, Enquadramento funcional: Assessoria de Relações Internacionais, Carga horária: 12, Regime: Parcial

4. Wizard Idiomas - WIZARD

Vínculo institucional

1997 - 2001 Vínculo: Professora e Coordenadora Pedagógica, Enquadramento funcional: Professora, Carga horária: 40, Regime: Integral